EDITORA
OMNIS SCIENTIA

IX CESMED

O MÉDICO DO FUTURO: A REVOLUÇÃO DO CUIDAR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ANAIS DO IX CESMED

EDITORA
OMNIS SCIENTIA

IX CESMED

O MÉDICO DO FUTURO: A REVOLUÇÃO DO CUIDAR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ANAIS DO IX CESMED

Editora Omnis Scientia

ANAIS DO IX CESMED

Volume 1

1ª Edição

RECIFE - PE

2025

Presidente do IX CESMED

Pabulo Henrique Marques de Sousa

Presidente Docente da Comissão de Trabalhos Científicos do IX CESMED

Prof. Dr. Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva

Comissão Discente de Trabalhos Científicos do IX CESMED

Melissa Silva Mariano

Gabriela Rodrigues Costa

Maria Eduarda Resende Santos

Ana Clara Umeno Alves de Carvalho

Ana Elisa de Figueiredo Miranda Mundim

Ana Laura Fragoso Oliveira Santa Cruz

Beatriz Almeida Pereira

Charles Karel Martins Santos

Deborah Abucarma Soares

Júlia Costa Fleury Carloni

Luiza Miranda Carneiro

Maria Clara Ramos Miranda

Maria Eduarda Dias Mendes

Rafaela da Cunha Decurcio

Tuanny Sousa Albuquerque

Organizadores

IX Congresso de Escolas Médicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva

Melissa Silva Mariano

Editor-Chefe

Dr. Daniel Luís Viana Cruz

Conselho Editorial

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho – ESS-UTAD – Portugal

Dr. Cássio Brancaleone – UFFS – Brasil

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva – UEPa – Brasil

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão – UPE – Brasil

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Wendel José Teles Pontes – UFPE – Brasil

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva e Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

C749
Congresso de Escolas Médicas (9. : 2025 : Goiânia, GO).
Anais do IX CESMED : o médico do futuro: a evolução do cuidar na era da inteligência artificial [recurso eletrônico] / [coordenador Pabulo Henrique Marques de Sousa. — 1. ed. — Recife : Omnis Scientia, 2025.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-284-0035-5
DOI: 10.47094/CESMED.2025

1. Medicina - Inovações tecnológicas. 2. Inteligência artificial - Aplicações médicas. 3. Educação em saúde. 4. Profissionais da área da saúde - Formação. I. Sousa, Pabulo Henrique Marques de.

CDD23: 610.28563

I-040727

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Editora Omnis Scientia

Av. República do Líbano, nº 251, Sala 2205, Torre A,

Bairro Pina, CEP 51.110-160, Recife-PE.

Telefone: +55 87 99914-6495

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br

MENÇÕES HONROSAS

Premiação Dr. Paulo e Dra. Isabel Francescantonio

1º Lugar: Aplicação da mineração de dados na identificação de padrões de doenças crônicas na atenção à saúde: uma revisão sistemática - Autoria: Renato Calebe Mendes de Souza, Arthur Cordeiro Simão, Juarez Reis Rosa de Souza Filho, Fernando Passos Cupertino de Barros.

2º Lugar: Efeitos do exercício físico na resistência insulínica em pacientes com síndrome metabólica - Autoria: Isadora Marra de Sá Sousa, Gustavo Veloso de Almeida Rassi Paranhos, Arthur Martines Nacruth, Flavio Jose Teles de Morais.

3º Lugar: Novos biomaterias para regeneração de tecido cartilaginoso - Autoria: Isabela Cher Pimentel Afiune, Maria Eduarda Ferreira de Moraes, Alan Delon Martins de Aguiar, Roberpaulo Anacleto Neves.

APOIO

UniCentro Br

PREFÁCIO

O Congresso de Escolas Médicas é um evento de referência no Brasil, visto que, ao longo dos anos, têm ganhado destaque pela excelência científica e pela capacidade de reunir futuros médicos, profissionais renomados e grandes ideias.

Nosso evento representa uma jornada inspiradora rumo ao futuro da medicina, promovendo a integração entre conhecimento técnico, inovação e humanização do cuidado.

Em nossa 9° edição, abordaremos diversos tópicos acerca do tema “O médico do futuro: a evolução do cuidar na era da inteligência artificial”, os quais provocaram algumas reflexões sobre como as novas tecnologias estão transformando a prática médica e a relação médico-paciente.

Acreditamos que a união entre avanços tecnológicos e a empatia no cuidado é o caminho para redefinir a excelência na medicina, especialmente em uma era marcada pela rápida evolução da inteligência artificial.

Nesta edição tivemos a honra de receber trabalhos incríveis de variados temas que agregam para a ciência médica, onde o conhecimento encontra a inovação para moldar o futuro da medicina. Esperamos que as análises propostas pelo evento esse ano acrescentem de forma positiva na formação dos nossos congressistas e da comunidade médica.

Pabulo Henrique Marques de Sousa

(Presidente do IX CESMED)

Prof. Dr. Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva

(Presidente Docente da Comissão de Trabalhos Científicos)

Melissa Silva Mariano

(Moderadora da Comissão de Trabalhos Científicos do IX CESMED)

SUMÁRIO

TRABALHOS DA APRESENTAÇÃO NA CATEGORIA “TEMA LIVRE ORAL”

APLICAÇÃO DA MINERAÇÃO DE DADOS NA IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES DE DOENÇAS CRÔNICAS NA ATENÇÃO À SAÚDE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....18

EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA RESISTÊNCIA INSULÍNICA EM PACIENTES COM SÍNDROME METABÓLICA.....20

NOVOS BIOMATERIAIS PARA REGENERAÇÃO DE TECIDO CARTILAGINOSO.....22

DEFICIÊNCIA DE VITAMINA D E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE ÓSSEA DE PACIENTES COM DIABETES TIPO 1: REVISÃO SISTEMÁTICA.....24

O USO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS E SUA APLICABILIDADE NA MEDICINA DO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....26

INTERVENÇÕES ANALGÉSICAS NO MANEJO DA DOR EM MEMBRO FANTASMA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....28

MORTALIDADE MATERNA POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO NO BRASIL: UMA ANÁLISE TEMPORAL ENTRE AS REGIÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023.....30

O USO DE DISPOSITIVOS DE REALIDADE AUMENTADA NA DIMINUIÇÃO DA DOR E DA ANSIEDADE EM PROCEDIMENTOS PERIOPERATÓRIOS EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....32

FEBRE CHIKUNGUNYA NO CENTRO-OESTE: UMA ANÁLISE TEMPORAL DE 2017 A 2024.....34

O IMPACTO DO USO DE MACONHA NA ADOLESCÊNCIA NO DESENCADEAMENTO DA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....36

TRABALHOS DA APRESENTAÇÃO NA CATEGORIA "Ê-POSTER" ONLINE

A LINHA TÊNUE ENTRE O SONO E EPILEPSIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....39

A RELAÇÃO DO TABAGISMO COM O SURGIMENTO DE HÉRNIAS INGUINAIS E COMPLICAÇÕES PÓS-CIRÚRGICAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....41

ABORDAGENS MINIMAMENTE INVASIVAS EM CIRURGIAS DE EMERGÊNCIA: ESTUDO SOBRE A APLICAÇÃO DE TÉCNICAS MINIMAMENTE INVASIVAS EM PROCEDIMENTOS DE EMERGÊNCIAS E SEUS IMPACTOS NOS RESULTADOS CLÍNICOS.....43

ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DIGESTIVA: O AUMENTO DO CONSUMO DE ALIMENTOS PREJUDICIAIS AO TRATO GASTROINTESTINAL.....45

ALTERAÇÕES NA MICROBIOTA INTESTINAL DE ADULTOS COM TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR.....47

ANÁLISE DO USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS POR ATLETAS: EFICIÊNCIA E BENEFÍCIOS.....49

ANESTESIA EM PACIENTES COM CHOQUE HEMORRÁGICO: ESCOLHA DE AGENTES E ESTRATÉGIAS PARA ESTABILIZAÇÃO HEMODINÂMICA.....51

APLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDICINA DO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....53

ASSOCIAÇÃO ENTRE POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA E HOSPITALIZAÇÕES POR ASMA: UM ESTUDO ECOLÓGICO.....55

AVANÇO NA BIOENGENHARIA DE IMPLANTES: O PAPEL DAS CÉLULAS-TRONCO NA CIRURGIA PLÁSTICA RECONSTRUTIVA 57

AVANÇOS NO DIAGNÓSTICO POR IMAGEM DE TUMORES ADRENAIS.....59

BLOQUEIO DO PLEXO BRAQUIAL NO TRATAMENTO DA DOR CRÔNICA, NOS MEMBROS SUPERIORES, GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA.....61

COMPARAÇÃO DE RESULTADOS CLÍNICOS ENTRE SMILE E LASIK NA CORREÇÃO DE MIOPIA: EFICÁCIA E QUALIDADE VISUAL.....63

COMPARAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO HIV NAS DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL.....65

COMPORTAMENTOS ALIMENTARES E TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS: A RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNOS ALIMENTARES E COMPLICAÇÕES GASTROINTESTINAIS.....67

CONEXÃO PELE E MENTE: A RELAÇÃO ENTRE O TRANSTORNO BIPOLAR E DERMATOPATIAS.....69

DIABETES MELLITUS TIPO 2 COMO FATOR DE RISCO PARA A DOENÇA DE PARKINSON: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....71

DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL ENTRE DRUSAS DE PAPILA E PAPILEDEMA NA AVALIAÇÃO DE HIPERTENSÃO INTRACRANIANA.....73

DISTRIBUIÇÃO DE CASOS DE HANSENÍASE EM GOIÁS ASSOCIADA AO PERFIL DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO, NO PERÍODO DE 2015 A 2025.....75

DOENÇA ARTERIAL CORONARIANA EM JOVENS: FATORES DE RISCO EMERGENTES – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....77

EFEITOS DO ASPIRADO DE MEDULA ÓSSEA E BMAC NO TRATAMENTO DE OSTEOARTRITE.....79

EFICÁCIA, SEGURANÇA E PERSPECTIVAS DO CLESROVIMABE (MK-1654) NA PROFILAXIA DO VÍRUS SINCICIAL RESPIRATÓRIO (VSR) EM LACTENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....81

GINKGO BILOBA NA LUTA CONTRA O ALZHEIMER: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS.....83

HANSENÍASE EM GOIÁS: PANORAMA ATUAL E DESAFIOS NO CONTROLE.....85

HERPES ZOSTER OCULAR: DIAGNÓSTICO PRECOCE E INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA.....87

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRECISÃO DO DIAGNÓSTICO DA DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....89

IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO EXCESSIVA A TELAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DE CRIANÇAS DE ATÉ 5 ANOS.....91

IMPLICAÇÕES DO RESFRIAMENTO DE POLO CEFÁLICO EM RECÉM NASCIDOS COM ASFIXIA PERINATAL: REVISÃO SISTEMÁTICA.....93

INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS PADRÕES ALIMENTARES E SAÚDE DIGESTIVA: COMO A EXPOSIÇÃO A INFLUENCERS E CONTEÚDOS DIGITAIS PODE LEVAR A MODIFICAÇÕES NOS HÁBITOS ALIMENTARES E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE.....95

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CARDIOLOGIA: O IMPACTO DOS ALGORITMOS NA READMISSÃO HOSPITALAR DE PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA.....97

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO TRATAMENTO DE QUEIMADURAS CUTÂNEAS.....99

MANIFESTAÇÕES OCULARES DO VÍRUS MONKEYPOX E SUAS RESPOSTAS IMUNOLÓGICAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....101

MECANISMOS DE AÇÃO DO MELÃO-DE-SÃO-CAETANO NO CONTROLE DO METABOLISMO DA GLICOSE EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....103

MECANISMOS IMUNOLÓGICOS DA LEISHMANIOSE: RESPOSTA DO HOSPEDEIRO E EVASÃO PARASITÁRIA.....105

MECANISMOS NEUROLÓGICOS DA DEPRESSÃO PÓS-AVC: IMPLICAÇÕES PARA O DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO.....107

MENINGITE NO ESTADO DE GOIÁS: FREQUÊNCIA, ETIOLOGIAS E PERFIL SOCIOEPIDEMIOLÓGICO.....109

MICROBIOMA RESPIRATÓRIO E SUA RELAÇÃO COM ASMA E DPOC: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE MECANISMOS E IMPLICAÇÕES CLÍNICAS.....111

MOSQUITOS GENETICAMENTE MODIFICADOS COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA O CONTROLE DA DENGUE.....113

NOVOS AVANÇOS NA REGENERAÇÃO DOS NERVOS PERIFÉRICOS ATRAVÉS DE GUIAS DE CONDUÇÃO NERVOSA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....115

O CITOMEGALOVÍRUS E O LEITE MATERNO: ANÁLISE DOS MÉTODOS DE PREVENÇÃO PARA CONTAMINAÇÃO ENTRE MÃE-NEONATO - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....117

O DUPLO PAPEL DA BARREIRA HEMATOENCEFÁLICA NA METÁSTASE CEREBRAL DO CÂNCER DE MAMA.....119

O PAPEL DA TOMOGRAFIA E RESSONÂNCIA MAGNÉTICA NO DIAGNÓSTICO RÁPIDO DE EMERGÊNCIAS CIRÚRGICAS.....121

O PAPEL DO PROCESSO INFLAMATÓRIO E A INFLUÊNCIA DA MICROGLIA NA PATOLOGIA DA DOENÇA DE PARKINSON.....123

O PERÍODO PRODRÔMICO DA ESQUIZOFRENIA: PREDITORES, BIOMARCADORES E NOVAS PERSPECTIVAS DE TRATAMENTO.....125

PERFIL DE RISCO DOS CASOS CONFIRMADOS DE TUBERCULOSE NO CENTRO-OESTE DE 2013 A 2023.....127

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA DENGUE EM GOIÁS ENTRE OS ANOS DE 2019 E 2024.....129

PREVENÇÃO DE ANGIOPATIAS EM PACIENTES DIABÉTICOS COM O USO DE INIBIDORES DE SGLT2: REVISÃO SISTEMÁTICA.....131

PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE INTERCORRÊNCIAS HEMORRÁGICAS EM ARTROPLASTIA DE JOELHOS EM PACIENTES COM HEMOFILIA A.....133

PROGRESSÃO DA RETINOPATIA DIABÉTICA DURANTE A GRAVIDEZ: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA COMPARATIVA COM MULHERES NÃO GRÁVIDAS.....135

QUAL A MELHOR OPÇÃO ENTRE OS BIOLÓGICOS E INIBIDORES DA JAK PARA O TRATAMENTO DA ARTRITE RELACIONADA À ENTESITE EM MENORES DE 18 ANOS: UMA META-ANÁLISE.....137

RELAÇÃO ENTRE AGENTES ANABOLIZANTES E A INFERTILIDADE MASCULINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....139

RELAÇÃO ENTRE HERPESVÍRUS HUMANO TIPO 6 (HHV-6) E A ESCLEROSE MÚLTIPLA: MECANISMOS IMUNOLÓGICOS E EVIDÊNCIAS RECENTES.....141

SEPTOPLASTIA PEDIÁTRICA: INDICAÇÕES, COMPLICAÇÕES E ASPECTOS ANATÔMICOS.....143

SÍNDROME DE PICA COMO MANIFESTAÇÃO DE ANEMIA FERROPRIVA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE MECANISMOS DE AÇÃO, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS PARA SAÚDE.....145

TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....147

USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ABORDAGEM NA DETECÇÃO PRECOCE DE RETINOPATIA DIABÉTICA E GLAUCOMA.....149

USO DE ÁCIDO BEMPEDOICO NO MANEJO DE HIPERCOLESTEROLEMIA.....151

USO DE CIGARRO ELETRÔNICO E DESENVOLVIMENTO DE ASMA EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....153

VARIÁVEIS SOCIAIS NA ASSOCIAÇÃO ENTRE O HÁBITO DE FUMAR E O CONSUMO DE CAFÉ: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....155

TRABALHOS DA APRESENTAÇÃO NA CATEGORIA "TEMA LIVRE ORAL"

APLICAÇÃO DA MINERAÇÃO DE DADOS NA IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES DE DOENÇAS CRÔNICAS NA ATENÇÃO À SAÚDE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Renato Calebe Mendes de Souza, Arthur Cordeiro Simão, Juarez Reis Rosa de Souza Filho, Fernando Passos Cupertino de Barros

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/1

INTRODUÇÃO: A mineração de dados é o processo de extração de padrões, tendências e insights de conjuntos de dados grandes e complexos. Na saúde, esse recurso pode detectar padrões em doenças crônicas, melhorando o manejo clínico e os desfechos dos pacientes. OBJETIVO: Demonstrar o potencial da aplicação de técnicas de mineração de dados em registros eletrônicos de saúde para identificar padrões de doenças crônicas. METODOLOGIA: Revisão sistemática de acordo com as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão do fluxograma PRISMA 2020. A busca na base PubMed/MedLine utilizando os termos MeSH "*data mining*" AND ("*chronic diseases*" OR "*health informatics*") e filtro de publicações dos últimos 10 anos, para garantir atualidade tecnológica e relevância clínica, resultou em 351 artigos. Critério de inclusão: estudos que analisam técnicas de mineração de dados ou aprendizado de máquina na identificação de padrões aplicáveis a doenças crônicas. Excluídos estudos duplicados e de baixa evidência científica, como relatos de caso. Após a triagem, 14 artigos foram analisados. RESULTADOS: A mineração de dados auxilia no diagnóstico, prognóstico e prevenção de doenças crônicas. Modelos preditivos baseados em aprendizado de máquina, como redes neurais convolucionais, KNN e SPADE superam métodos tradicionais, como árvores de decisão, na previsão de doenças como diabetes, DPOC e doença cardíaca isquêmica, devido à maior capacidade de aprendizado com grandes volumes de dados. A análise de dados de expressão gênica, epigenômica e proteômica permitiu identificar fatores genéticos e ambientais relacionados a doenças neurodegenerativas, como Alzheimer e Parkinson, associadas à neuroinflamação e alterações epigenéticas. O uso de sensores vestíveis e monitoramento remoto também tem sido explorado para prever deterioração clínica em pacientes críticos. A mineração de dados pode melhorar e personalizar atendimentos, mas as pesquisas geralmente acessam apenas dados superficiais, como reclamações de saúde, sem explorar o caminho clínico completo dos pacientes. Isso esbarra em desafios técnicos e éticos, como o viés algorítmico, que surge quando algoritmos são treinados com dados incompletos ou tendenciosos, além de questões de privacidade de dados, que limitam a utilização de informações detalhadas para a análise completa das condições dos pacientes. CONCLUSÃO: A aplicação de técnicas de mineração de dados mostra grande potencial para a detecção precoce, diagnóstico e

monitoramento das condições de saúde dos pacientes. Existe uma vasta quantidade de dados de saúde disponíveis para pesquisa, representando uma grande oportunidade para análise por meio da mineração de dados. Com a constante evolução de ferramentas como a inteligência artificial, futuras pesquisas voltadas à aplicação dessas técnicas no âmbito da saúde podem revolucionar a gestão de doenças crônicas e os desfechos clínicos dos pacientes, desde que sejam observados os entraves éticos e técnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Doença crônica. Informática médica. Mineração de dados.

EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA RESISTÊNCIA INSULÍNICA EM PACIENTES COM SÍNDROME METABÓLICA

Isadora Marra de Sá Sousa, Gustavo Veloso de Almeida Rassi Paranhos, Arthur Martines Nacruth, Flavio Jose Teles de Morais

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/2

INTRODUÇÃO: A síndrome metabólica (SM) é um fator de risco para diabetes tipo 2, obesidade e resistência insulínica (RI). Tais enfermidades podem ser mitigadas com a prática de atividades físicas, mas, apesar de tais benefícios, há uma insuficiência de revisões sistemáticas que incluem apenas ensaios clínicos randomizados e que relacionam o exercício físico (EF) com a SM. OBJETIVOS: O presente estudo procura investigar os efeitos do EF na RI em pacientes com SM. METODOLOGIA: Esta revisão sistemática seguiu o Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions e as diretrizes da Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis (PRISMA), com protocolo registrado na plataforma PROSPERO (ID: CRD420251002379). Dois autores realizaram de forma independente a triagem dos trabalhos nas bases Pubmed/MEDLINE, Cochrane Central, Scielo e Lilacs com a estratégia de busca: (“physical exercise” OR “physical activity” OR “aerobic exercise” OR “resistance training” OR “strength training” OR “endurance exercise” OR “high-intensity interval training” OR HIIT) AND (“metabolic syndrome” OR “syndrome X”) AND (“randomized controlled trials” OR “randomized controlled trial” OR “clinical trial” OR “controlled clinical trial” OR randomized OR placebo OR “drug therapy” OR randomly OR trial OR groups). Os estudos foram importados para o programa Zotero e avaliados quanto à elegibilidade, com um terceiro autor resolvendo discordâncias. Assim, foram incluídos ensaios clínicos randomizados sobre a eficácia do EF na SM, excluindo-se estudos observacionais, revisões, cartas, diretrizes ou sem desfechos de interesse. A qualidade dos estudos foi avaliada separadamente por dois avaliadores com as ferramentas Cochrane Risk of Bias 2 e Risk of Bias VISualization. RESULTADOS: A busca inicial compreendeu 4021 resultados em março de 2025. Após a remoção de duplicatas e a aplicação dos critérios de elegibilidade, 27 artigos foram selecionados para leitura completa. Por fim, 5 estudos foram incluídos, os quais apresentaram 437 pacientes e um moderado risco de viés geral. Com isso, observou-se que EF tem o potencial de reduzir o índice de resistência à insulina e diminuir biomarcadores circulantes, como insulina e IGF-1. A combinação de exercícios aeróbicos e de resistência diminui a concentração de insulina sérica e o escore da síndrome metabólica (MSS), além de melhorar a composição corporal, massa muscular, circunferência da cintura, perfil lipídico e pressão arterial (PA). No entanto,

modalidades diferentes de EF não apresentaram o mesmo efeito na redução da RI, visto que o Treinamento Contínuo de Alta Intensidade não foi superior ao Treinamento Contínuo de Intensidade Moderada. CONCLUSÃO: O EF é eficaz no tratamento da SM, reduzindo a RI, a massa de gordura e a insulina sérica, além de melhorar o perfil lipídico e a PA. É preciso mais estudos comparando diferentes modalidades de exercício na RI no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade Motora. Doenças Metabólicas. Exercício Físico. Síndrome Metabólica.

NOVOS BIOMATERIAIS PARA REGENERAÇÃO DE TECIDO CARTILAGINOSO

Isabela Cher Pimentel Afiune, Maria Eduarda Ferreira de Moraes, Alan Delon Martins de Aguiar, Roberpaulo Anacleto Neves

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/3

INTRODUÇÃO: Lesões ou doenças crônicas que desgastam o tecido cartilaginoso representam um dos grandes desafios existentes na ortopedia atualmente, pois a cartilagem é caracterizada pela sua limitada capacidade de reparação devido à ausência de vascularização e à tendência em formar fibrocartilagem em vez de cartilagem hialina. Métodos convencionais de tratamento, como microfraturas e transplantes osteocondrais, possuem benefícios limitados e são incapazes de mimetizar fielmente a função da cartilagem original. Nesse sentido, novos biomateriais surgem como uma abordagem promissora, atuando na forma de implantes que fornecem suporte estrutural e estimulam a regeneração do tecido cartilaginoso de forma mais eficiente e duradoura. OBJETIVO: Analisar a eficácia do uso de novos biomateriais para regeneração de tecido cartilaginoso. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática embasada em artigos do banco de dados Pubmed a partir da utilização dos descritores “Biocompatible Materials”[Mesh], “Therapeutics”[Mesh] e “Cartilage”[Mesh], com o operador booleano AND e os filtros “in the last ten years” e “free full text”, resultando na obtenção de 35 artigos, dentre os quais foram selecionados 22, sendo 13 excluídos por não se aplicarem ao tema. RESULTADOS: A análise da literatura demonstrou que biomateriais inovadores apresentam alto potencial na regeneração do tecido cartilaginoso. Hidrogéis à base de colágeno e ácido hialurônico favorecem adesão celular e são biocompatíveis, mas possuem baixa estabilidade mecânica, enquanto hidrogéis de polietileno glicol (PEG) e quitosana garantem maior durabilidade. Scaffolds 3D de poli (ε-caprolactona) (PCL) e hidroxiapatita (HA) promoveram formação de cartilagem hialina quando combinados com células-tronco mesenquimais, além de promoverem a síntese de colágeno tipo II. Nanopartículas de sílica e nanotubos de carbono otimizaram a entrega de fármacos e a preservação da matriz extracelular. Terapias gênicas, principalmente as que objetivam a expressão de TGF-β1, estimulam a regeneração tecidual, aumento da espessura da cartilagem, redução da dor e melhoram a qualidade de vida de pacientes com osteoartrite. Apesar dos avanços, desafios como integração tecidual, resposta inflamatória e custo ainda limitam a aplicação clínica desses biomateriais. CONCLUSÃO: Os novos biomateriais favorecem a adesão celular, estimulam a síntese de colágeno tipo II e podem veicular genes terapêuticos e suportar células-tronco, otimizando a regeneração do tecido cartilaginoso. Contudo, existem alguns desafios, tais como: resposta inflamatória,

durabilidade dos tecidos regenerados e dificuldade de cultivar meios que favoreçam a integração tecidual e mimetizam as propriedades da articulação. Estudos adicionais são necessários para aprimorar a biocompatibilidade, funcionalidade e viabilidade econômica dessas abordagens e ampliar a sua aplicação clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Cartilagem. Materiais Biocompatíveis. Regeneração.

DEFICIÊNCIA DE VITAMINA D E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE ÓSSEA DE PACIENTES COM DIABETES TIPO 1: REVISÃO SISTEMÁTICA

Jordana Quiel Barros Martins, Bruna Gonçalves Albernaz, Ana Letícia Teixeira Couto, Flavio José Teles de Morais

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/4

INTRODUÇÃO: A vitamina D é crucial para a saúde óssea, regulando cálcio e fósforo. No diabetes tipo 1 (DM1), sua deficiência está associada a problemas ósseos e controle glicêmico, aumentando o risco de osteoporose e fraturas. O DM1, uma doença autoimune, causa deficiência de insulina e hiperglicemia crônica, reduzindo a densidade mineral óssea (DMO) e elevando o risco de fraturas. A relação entre DM1 e deficiência de vitamina D é bidirecional: a falta de vitamina D pode predispor ao DM1, afetando autoimunidade e sensibilidade à insulina, enquanto o DM1 pode levar à deficiência de vitamina D, especialmente em casos de nefropatia diabética. Este estudo analisa os efeitos da deficiência de vitamina D na saúde óssea de pacientes com DM1, destacando a importância de intervenções precoces. OBJETIVOS: Este trabalho visa reunir e analisar as evidências científicas disponíveis sobre os impactos da deficiência de vitamina D na saúde óssea de pacientes com diabetes mellitus tipo 1. METODOLOGIA: Esta revisão sistemática da literatura analisou as bases de dados PubMed, Scielo e Scopus, empregando a estratégia de busca (“vitamin D”) AND (“bone health”) AND (“type 1 diabetes”), com os filtros “free full text” e “in the last 5 years”. RESULTADOS: A deficiência de vitamina D é comum em pacientes com diabetes tipo 1 (DM1), especialmente em crianças e adolescentes, e está associada a menor densidade mineral óssea (DMO) e maior risco de fraturas. Estudos indicam que 68% dos pacientes com DM1 apresentam níveis deficientes ou insuficientes de vitamina D, enquanto 10% possuem deficiência grave. Além disso, pacientes com DM1 têm uma taxa de reabsorção óssea aumentada em até 30%, contribuindo para o desenvolvimento precoce de osteopenia e osteoporose.Fatores como controle glicêmico inadequado, nefropatia diabética e maior duração da doença aumentam a prevalência dessa deficiência. A suplementação de vitamina D demonstrou melhorar a DMO e reduzir em até 20% os marcadores de reabsorção óssea, evidenciando um impacto positivo na saúde óssea desses pacientes. No entanto, seu efeito no controle glicêmico permanece incerto, com estudos mostrando resultados variáveis sobre a influência da vitamina D na sensibilidade à insulina e na autoimunidade pancreática. CONCLUSÃO: A suplementação de vitamina D é recomendada para melhorar a saúde óssea em pacientes com DM1, reduzindo o risco de osteoporose e fraturas. O monitoramento dos níveis de vitamina D e a adoção de medidas como exposição solar

e alimentação adequada são estratégias importantes, principalmente para pacientes com controle glicêmico inadequado.

PALAVRAS-CHAVE: Diabetes tipo 1. Saúde óssea. Vitamina D.

O USO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS E SUA APLICABILIDADE NA MEDICINA DO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Giovanna Luiza De Borba Machado Vieira, Isabela Valois Machado, Wendel Gabriel Freitas Nascimento Silva, Frederico Barra de Moraes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/5

INTRODUÇÃO: O plasma rico em plaquetas (PRP) é uma terapia autóloga derivada do sangue, que oferece alta concentração de fatores de crescimento e sinais moleculares na lesão. Sendo assim, o PRP é amplamente estudado na medicina esportiva pelo seu potencial regenerativo e anti-inflamatório no tratamento de lesões musculoesqueléticas. Obtido por centrifugação do sangue autólogo, concentra fatores de crescimento que auxiliam na reparação tecidual. A osteoartrite é a principal indicação para ortobiológicos, com 71,6% dos usuários relatando sua aplicação. Embora evidências sugiram benefícios na osteoartrite, tendinopatias e lesões ligamentares, a falta de padronização nos métodos de preparo compromete sua eficácia, pois diferenças na centrifugação, ativação plaquetária e composição final podem levar a resultados clínicos inconsistentes. OBJETIVOS: Analisar a aplicabilidade do PRP na medicina esportiva, avaliando seus benefícios, segurança e desafios na padronização clínica. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura. Para sua realização, foi conduzida uma pesquisa na base de dados PubMed, utilizando os descritores *"Platelet-Rich Plasma"* e *"Sports Medicine"*, em conjunto com o operador booleano *"AND"*. A pesquisa resultou em 39 artigos. Excluíram-se 13 artigos por serem irrelevantes à temática. RESULTADOS: Os achados sobre o uso do PRP foram variados e evidenciam tanto potencialidades quanto limitações. Estudos demonstraram que o PRP pode acelerar a cura de lesões musculoesqueléticas, de tendões, ligamentos e cartilagem. Estudo piloto em humanos mostrou que atletas tratados com injeções de PRP se recuperaram significativamente mais rápido em comparação a um grupo de controle, mas a falta de padronização nos métodos de preparação (centrifugação, tipos de agulhas e locais de injeção) impede a comparação de resultados entre estudos, levantando questões sobre a validade e a eficácia dos ensaios clínicos. Além disso, as pressões para resultados rápidos frequentemente colocam os médicos em posições éticas complicadas, sendo assim, a adoção do PRP pode ocorrer mais com base na experiência prática e testemunhos do que em evidências científicas robustas. Por outro lado, comparativas com o tratamento convencional (como injeções de ácido hialurônico) mostraram que, embora haja melhorias em determinados casos, os resultados não são consistentemente superiores, reforçando a necessidade de mais investigações. Em relação à segurança, o PRP é muito

reconhecido, com poucos relatos de efeitos adversos significativos, ademais, preocupações persistem em relação aos potenciais efeitos colaterais, como a inibição da síntese de colágeno. CONCLUSÃO: O uso do plasma rico em plaquetas vem demonstrando cada vez mais eficácia no tratamento de lesões esportivas, entretanto, seu uso no Brasil ainda é experimental. Faz-se necessárias pesquisas detalhadas e com maior embasamento, a fim de obter padronização dos métodos de preparação e regulamentação pela ANVISA.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina esportiva. Plasma rico em plaquetas. Osteoartrite.

INTERVENÇÕES ANALGÉSICAS NO MANEJO DA DOR EM MEMBRO FANTASMA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Rubens Junior Alves Andrade, Gustavo Henrique dos Santos Santana, Silvio França Neto, Felipe de Oliveira Vitorino

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/6

INTRODUÇÃO: A dor é uma condição complexa e multifacetada, com impacto significativo na qualidade de vida, especialmente em casos como a dor pós-amputação. O manejo eficaz enfrenta desafios clínicos devido à sua natureza frequentemente crônica e à presença de diferentes tipos de dor, como a dor em membro fantasma (DMF). A abordagem multimodal, incluindo intervenções farmacológicas e não farmacológicas, é essencial para otimizar o tratamento e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. OBJETIVOS: Analisar os desafios e perspectivas das intervenções analgésicas no manejo da DMF. METODOLOGIA: Realizou-se uma revisão sistemática de literatura na base de dados PubMed, utilizando os termos *Medical Subject Headings* (MeSH) "*phantom limb*", "*pain management*" e "*analgesia*", combinados pelo operador booleano *AND*. A busca incluiu publicações de 2010 a 2025, em português ou inglês, comparando intervenções farmacológicas e não farmacológicas, junto a fisiopatologia e desfechos como alívio da dor e qualidade de vida. Foram excluídas pesquisas que não investigaram a DMF, além de relatos de caso, cartas ao editor ou pesquisas incompletas. Foi aplicado a *diretriz Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), identificando 18 artigos na triagem inicial, com 11 pré-selecionados por título/resumo, o que levou à inclusão final de 7 e exclusão total de 11. RESULTADOS: A DMF é uma condição que se percebe dor após a amputação de um membro, sendo a reorganização cortical no cérebro uma das principais teorias para sua ocorrência. No tratamento não farmacológico, destacam-se a Terapia de Espelho (TE), e a Estimulação Nervosa Elétrica Transcutânea (TENS), que também demonstra melhora na DMF. Para casos mais complexos, podem ser consideradas abordagens invasivas como a neuromodulação, incluindo a Estimulação da Medula Espinhal (SCS) e a Estimulação do Gânglio da Raiz Dorsal, com a SCS mostrando resultados positivos em alguns pacientes, especialmente quando combinada com a cingulotomia anterior. A crioneurolise é mencionada como uma técnica de controle da dor para a DMF. No âmbito farmacológico, é utilizado gabapentina, amitriptilina e antidepressivos tricíclicos. Adicionalmente, a analgesia multimodal perioperatória, como os bloqueios nervosos periféricos contínuos, está sendo investigada para prevenir a DMF crônica. CONCLUSÃO: Os objetivos foram alcançados ao analisar os desafios e perspectivas do manejo da DMF, evidenciando abordagens

promissoras. Contudo, limitações metodológicas, vieses nos estudos, amostras reduzidas e a falta de padronização comprometem a confiabilidade dos achados. Apesar das limitações metodológicas e da necessidade de um longo intervalo temporal para obter um número significativo de estudos, os objetivos foram alcançados. Ainda assim, é fundamental investir em pesquisas mais robustas para consolidar estratégias eficazes e aprimorar o manejo da dor na DMF.

PALAVRAS-CHAVE: Analgesia. Dor do membro fantasma. Manejo da dor.

MORTALIDADE MATERNA POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO NO BRASIL: UMA ANÁLISE TEMPORAL ENTRE AS REGIÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023

Geovana Almeida Spies, Fernanda Heirich Pistori, Guilherme Augusto Moura da Silva, Juarez Antônio de Sousa

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/7

INTRODUÇÃO: A hemorragia pós-parto (HPP) é caracterizada por sangramento excessivo nas primeiras 24 horas após o parto, sendo uma das principais causas de morte materna no mundo. Responsável por aproximadamente 25% das mortes maternas globalmente, a HPP resulta em cerca de 70.000 óbitos anuais. No Brasil, a HPP representa um desafio persistente para a saúde pública. As desigualdades regionais são um fator de destaque, pois a prevalência e as condições de manejo da HPP variam significativamente entre as diferentes regiões do país. OBJETIVOS: Investigar as diferenças na tendência temporal e na taxa de mortalidade materna por hemorragia pós-parto no Brasil entre as regiões brasileiras entre 2013-2023. MÉTODOS: Estudo transversal descritivo retrospectivo de série temporal, com abordagem quantitativa dos dados secundários obtidos pelo DATASUS. Foram coletados dados de óbitos maternos por hemorragia pós-parto de 2013 a 2023, por região brasileira. As taxas de mortalidade materna por 100.000 nascidos vivos e os cálculos de tendência, pelo método de Prais-Winsten, foram realizados no Excel e Stata 16.0 RESULTADOS: D**u**rante o período analisado foram registrados 1192 óbitos maternos por hemorragia pós-parto. O ano de 2021 apresentou a maior taxa de mortalidade nacional (4,37), enquanto 2013, a menor (3,37). Em relação ao número absoluto de óbitos, a Região Sudeste registrou o maior total [n=410(34,39%)], seguida pela Região Nordeste[n=357(29,94%)]. No entanto, ao se analisar as taxas de mortalidade materna, a Região Norte apresentou a maior taxa no período (5,12), com maior risco proporcional, em contraste com o Sudeste (3,39) e o Sul (3,43). As taxas de mortalidade aumentaram nos anos de 2020 (4,17) e 2021 (4,37), possivelmente em decorrência da pandemia de COVID-19, que sobrecarregou os serviços de saúde e dificultou o atendimento obstétrico. Em 2022 e 2023, observou-se uma redução na taxa (3,90 e 3,66 respectivamente), sugerindo uma recuperação parcial da assistência obstétrica. Houve uma tendência estacionária nacional entre 2013 e 2023 (p=0,125; IC: -0,0015 a 0,010). A maioria das regiões brasileiras apresentou-se estacionária durante esse período, com valor-p>0,05, exceto a região Sul, que apresentou uma tendência crescente (p=0,026; IC: 0,0035 a 0,0452). CONCLUSÃO: Embora as taxas de mortalidade por hemorragia pós-parto no Brasil tenham permanecido estáveis

entre 2013 e 2023, o ideal seria uma redução. A Região Norte apresentou a maior taxa de mortalidade, evidenciando um risco proporcional mais elevado, enquanto a Região Sul, embora com taxas inicialmente mais baixas, demonstrou uma tendência significativa de crescimento. A pandemia de COVID-19 agravou a situação, com aumentos dos óbitos em 2020 e 2021 devido à sobrecarga dos serviços de saúde. Apesar da leve redução nas taxas subsequentes, destaca-se a necessidade de aprimorar as políticas de saúde de maneira equitativa, a fim de reduzir as mortes maternas e as desigualdades regionais.

PALAVRAS-CHAVES: Epidemiologia. Hemorragia Pós-parto. Morte Materna.

O USO DE DISPOSITIVOS DE REALIDADE AUMENTADA NA DIMINUIÇÃO DA DOR E DA ANSIEDADE EM PROCEDIMENTOS PERIOPERATÓRIOS EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Jordana Oliveira Silva, Lavínia de Melo Câmara, Felipe Guedes da Silva, Isadora Carvalho Medeiros Francescantonio

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/8

INTRODUÇÃO: A dor e a ansiedade são desafios significativos no contexto perioperatório de pacientes pediátricos, podendo impactar a resposta fisiológica ao procedimento e o bem-estar geral da criança. Dispositivos de realidade aumentada (VR) proporcionam distração imersiva, podendo reduzir a percepção da dor e promovendo maior conforto emocional durante o perioperatório médico. OBJETIVOS: Entender o potencial dos dispositivos de realidade aumentada na diminuição da percepção perioperatória da dor e da ansiedade em pacientes pediátricos. METODOLOGIA: Trata-se de uma Revisão Sistemática da Literatura que seguiu as recomendações do grupo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), conduzida na base de dados PubMed, conforme descrito a seguir: ((Augmented OR Enhanced OR Virtual) AND Reality) AND (Pain OR Anxiety) AND Procedure, com os filtros “Humans”; “Last 10 years“; e “Child: birth-18 years”. Os critérios PICOT foram, respectivamente, crianças de 0 a 18 anos; procedimentos perfurocortantes; o manejo padrão de ansiedade e de ansiedade; a autoafecção da dor e da ansiedade por meio de escalas quantitativas; ensaios clínicos randomizados. Dessa forma, foi realizada a correlação entre os dados avaliados, de acordo com a prática baseada em evidências. RESULTADOS: A triagem identificou 171 artigos. Após a revisão de títulos e resumos, com a aplicação dos critérios de inclusão, foi realizada uma revisão em pares e 120 artigos foram excluídos, restando 51 para a leitura na íntegra. Nessa etapa, foram incluídos 35 artigos após última revisão em pares. As evidências sugerem que a VR é uma estratégia eficaz na redução da dor e da ansiedade em pacientes pediátricos submetidos a procedimentos perioperatórios, como ferramenta de distração cognitiva, melhorando a experiência hospitalar e a colaboração das crianças durante intervenções médicas. No entanto, a heterogeneidade metodológica, as variações nos protocolos e os desafios tecnológicos limitam a generalização dos achados. CONCLUSÃO: Fica evidente que a utilização de VR em contextos perioperatórios pode ser uma abordagem não farmacológica eficaz e segura para melhorar a experiência hospitalar das crianças, contribuindo para um manejo mais humanizado do cuidado perioperatório. No entanto, são necessários mais estudos, sobretudo no Brasil, com metodologias padronizadas e amostras robustas para confirmar

sua eficácia e viabilidade em larga escala. A implementação da VR na prática clínica pode representar um avanço importante na assistência pediátrica, proporcionando benefícios tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Crianças. Dor. Procedimentos Perioperatórios. Realidade Aumentada.

FEBRE CHIKUNGUNYA NO CENTRO-OESTE: UMA ANÁLISE TEMPORAL DE 2017 A 2024

Fernanda Heirich Pistori, Geovana Almeida Spies, Frank Roubert de Castro Walczak, Juarez Antônio de Sousa

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/9

INTRODUÇÃO: A febre Chikungunya representa um desafio para a saúde pública na região Centro-Oeste (CO), uma vez que desde sua introdução no Brasil, em 2014, tem sido uma região com surtos expressivos e recorrentes. O diagnóstico é complexo devido à semelhança sintomatológica com outras arboviroses, o que retarda a adoção de medidas eficazes de controle. Sabe-se ainda que a doença pode evoluir cronicamente com sequelas articulares debilitantes, impactando na qualidade de vida. Portanto, a vigilância epidemiológica desempenha um papel fundamental na detecção precoce de surtos e na implementação de estratégias de intervenção. OBJETIVOS: Investigar a tendência da incidência da febre Chikungunya entre 2017 a 2024 na região Centro-Oeste. MÉTODOS: Estudo transversal descritivo retrospectivo de série temporal, com abordagem quantitativa, utilizando dados secundários obtidos pelo DATASUS. Foram coletados dados referentes às notificações de Chikungunya no período de 2017 a 2024, com as variáveis descritivas para a região CO separadas por Unidades da Federação e ano de notificação. Para a análise dos dados, utilizando os softwares Excel e Stata 16.0., foram realizados cálculos de incidência e tendência (utilizando o método de Prais-Winsten). RESULTADOS: Durante o período analisado, foram registrados um total de 137.591 diagnósticos de febre Chikungunya na região CO. O ano com a maior incidência foi 2024 [(MS=1144,8), (MT=667,2), (GO=196,6) e (DF (44,3)]. Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal tiveram aumentos substanciais no número de casos nos últimos 3 anos, sendo que MS teve o maior número de notificações totais no período (n=56.243). Já o Mato Grosso teve um grande aumento repentinamente de um ano para o outro, indo de 715 casos em 2023 para 25.597 casos em 2024. Na análise da tendência da incidência de Chikungunya na região CO (2017-2024) indica um padrão estacionário, (p=0.195, IC: -0.90 a 0.35), estatisticamente significativo. No entanto, ao considerar apenas os últimos três anos (2022-2024), com a elevação contínua da incidência, observou-se uma tendência crescente, também estatisticamente significativa (p=0,005, IC: 0.31 a 0.58). Essa tendência crescente pode estar influenciada pelo fenômeno El Niño, que resultou em maior volume de chuvas entre 2022-2024. O aumento da precipitação favorece a proliferação de criadouros do Aedes aegypti, contribuindo para o crescimento do número de casos da doença. No entanto, com a normalização dos níveis de precipitação pós El

Niño, o número de casos pode se estabilizar ou até mesmo reduzir. CONCLUSÃO: Já há na literatura estudos indicando que eventos climáticos extremos, como El Niño, aumentam o risco de surtos de arboviroses ao modificar padrões de temperatura e umidade, criando condições ideais para a reprodução do vetor. Dessa forma, a vigilância epidemiológica deve considerar fatores ambientais para a implementação de estratégias preventivas mais eficazes.

PALAVRAS-CHAVES: Epidemiologia. Febre de Chikungunya. Análise Espaço-Temporal.

O IMPACTO DO USO DE MACONHA NA ADOLESCÊNCIA NO DESENCADEAMENTO DA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Gustavo Henrique dos Santos Santana, Gabriel Assunção Alvim, Lucas Borges Silva, Felipe de Oliveira Vitorino

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/10

INTRODUÇÃO: A relação entre o uso de maconha na adolescência e o desenvolvimento da esquizofrenia envolve fatores genéticos, ambientais e neurobiológicos. A predisposição genética, medida pela pontuação de risco poligênico (PGRS), está associada ao maior consumo de cannabis, levantando a dúvida sobre se a substância desencadeia psicose ou se ambos são influenciados por fatores genéticos comuns. O uso precoce de cannabis está ligado ao desencadeamento da esquizofrenia, especialmente em populações predispostas, destacando a necessidade de mais pesquisas sobre indivíduos em risco. OBJETIVOS: Analisar o impacto do uso de maconha na adolescência no desencadeamento da esquizofrenia em comparação com aqueles que não a utilizam. METODOLOGIA: Realizou-se uma revisão sistemática de literatura na base de dados PubMed, seguindo a diretriz *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) e utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "*schizophrenia*", "*marijuana use*" e "*adolescence*", combinados pelo operador booleano *AND*. A busca incluiu publicações entre 2018 e 2025, em português ou inglês, comparando adolescentes usuários e não usuários de maconha, investigando desfechos como incidência de esquizofrenia, sintomas psicóticos ou comprometimentos na saúde mental a longo prazo. Foram excluídos estudos com populações exclusivamente adultas ou sobre outras substâncias, bem como cartas ao editor, relatos de caso, pesquisas incompletas ou metodologicamente inadequadas. Foram identificados 50 artigos na triagem inicial, com 16 pré-selecionados por título e resumo, resultando na inclusão final de 10 e exclusão total de 40. RESULTADOS: Percebe-se uma relação complexa entre o uso de cannabis na adolescência, a predisposição genética para esquizofrenia e o curso clínico do transtorno. O consumo precoce, especialmente antes dos 18 anos, está associado a um maior risco de psicose induzida e a um início mais grave da doença, sendo essa relação mais evidente em indivíduos com alta PGRS. Em pessoas com transtorno esquizotípico, o uso de maconha eleva a taxa de conversão para esquizofrenia de 33,1% para 58,2%, e seu consumo para automedicação agrava os sintomas, sobretudo os positivos. No campo neurobiológico, a cannabis reduz os níveis de glutamato no córtex pré-frontal, interferindo na plasticidade sináptica e contribuindo para o início ou progressão de transtornos psicóticos. Embora possa atenuar a perda de

matéria cinzenta em psicóticos, também aumenta a vulnerabilidade à psicose, enquanto os efeitos sobre a substância branca permanecem inconclusivos. CONCLUSÃO: O uso de maconha na adolescência está associado ao maior risco e gravidade da esquizofrenia em indivíduos geneticamente predispostos. Fatores genéticos e neurobiológicos influenciam essa relação, com o consumo precoce agravando sintomas e acelerando a progressão psicótica. Esses achados destacam a necessidade de prevenção e mais estudos sobre mecanismos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Esquizofrenia. Uso da maconha.

TRABALHOS DA APRESENTAÇÃO NA CATEGORIA "Ê-POSTER" ONLINE

A LINHA TÊNUE ENTRE O SONO E EPILEPSIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Loanda Carvalho Ribeiro Oliveira, Ana Paula de Melo Guimarães, Ysis Gomes Campos, Jacqueline Cássia de Castro

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/11

INTRODUÇÃO: O sono é um momento de restauração e regulação, sobretudo quando se trata do metabolismo energético e no auxílio no funcionamento fisiológico adequado. As perturbações do sono tem consequências significativas e comprometem a qualidade de vida, pessoas com epilepsia sofrem mais comumente distúrbios de sono além de disfunções diárias. Assim evidencia-se uma correlação entre sono e epilepsia, a presença de um influencia no outro, uma relação bilateral. As convulsões são disfunções temporárias em que ocorrem atividades neuronais excessivas, as descargas podem ocorrem em diversos locais do sistema nervoso central e gerarem variados sintomas.Tem múltiplas causas e alguns fatores que podem desencadear crises e também evitar seu aparecimento. Dentre os fatores desencadeantes encontra-se desregulação no sono e até mesmo a epilepsia noturna, isso ocorre, pois diferentes áreas podem ser afetadas e também variados estímulos que ocorrem ao longo do ciclo sono-vigília podem ser gatilhos. OBJETIVOS: Evidenciar por meio de uma revisão sistemática da literatura a correlação entre epilepsia e sono e como um influencia no outro e seus desbalanços na qualidade de vida. METODOLOGIA: Esta revisão sistemática foi elaborada com base em uma pesquisa realizada por meio de um levantamento de dados publicados entre 2015 e 2025. As bases de dados consultadas foram SciELO e Google Scholar. Nas buscas, os seguintes descritores, em língua portuguesa, inglesa e espanhola, foram utilizados: ‘’epilepsia’’, ‘’sono’’ e ‘’qualidade de vida’’. Utilizando os operadores booleanos “AND”, “OR” para junção dos descritores utilizados para rastreamento das publicações conforme os critérios do DeCS/MeSH. Foram identificadas 8207 publicações e após análise 10 foram selecionadas. RESULTADOS: Após uma análise minuciosa dos 10 artigos selecionados, concluiu-se que existe uma correlação bilateral entre o sono e epilepsia, seja o sono como gatilho para convulsões noturnas, já que ao longo de suas diversas fases o sono NREM facilita atividades epilépticas e o sono REM inibe essa atividade ou sua má qualidade pode ser um fator desencadeante e diminuir a qualidade de vida dos indivíduos. As medicações antiepilépticas possuem efeitos variados; podendo tanto produzir resultados benéficos quanto participar da deterioração do sono por meio de insônia juntamente com sonolência diurna piorando a qualidade de vida dos pacientes, relacionando-se a transtornos mentais, o principal associado é a depressão. Alterações em neurotransmissores, desregulação intracelular e desbalanço iônico externo

pode alterar a frequência das ondas com oscilações espontâneas e sincronizadas que podem se desenvolver em atividades epilépticas. CONCLUSÃO: A relação sono e epilepsia é bidirecional. Um acaba por influenciar o outro, porém ainda são necessários estudos para que se aprofunde essa correlação, e assim seja possível impedir as disfunções na qualidade de vida bem como na perturbação do sono dos afetados.

PALAVRAS-CHAVE: Epilepsia. Privação de sono. Hábitos do sono. Qualidade de vida.

A RELAÇÃO DO TABAGISMO COM O SURGIMENTO DE HÉRNIAS INGUINAIS E COMPLICAÇÕES PÓS-CIRÚRGICAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Victória Ferreira de Velasco Teixeira, Ana Beatriz Rezende Ribeiro, Danilo Ferreira Cavalcante, Ana Lúcia Borges Cabral Vilela

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/12

INTRODUÇÃO: O tabagismo é um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de inúmeras problemáticas de saúde. Dentre elas, destaca-se o surgimento de hérnias inguinais e as complicações pós-cirúrgicas, visto que o tabaco ocasiona prejuízos vasculares e diminui a capacidade de cicatrização dos tecidos. Assim, esse cenário aumenta a ocorrência de infecções e falhas na reparação da parede do abdômen. OBJETIVOS: Compreender a relação do tabagismo com o desenvolvimento de hérnias inguinais, bem como a sua influência nas complicações pós-cirúrgicas dessa patologia. MÉTODOS: Foi pesquisado nas bases de dados LILACS, PubMed e SciELO, utilizando os descritores “smoking” AND “inguinal hernia”, de 2015 a 2025, nos idiomas inglês, português e espanhol, desconsiderando faixa etária e sexo. Houve inclusão de ensaios clínicos randomizados, estudos de coorte, casos controle, estudos transversais e relatos de caso. Excluiu-se capítulos de livro, revisões de literatura, meta-análises e artigos duplicados. Foram excluídos 3 artigos por não terem relevância para o tema, 2 por duplicação e 1 por ser pago. Ao final, obteve-se 5 artigos. RESULTADOS: Um estudo no Hospital Universitário da Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), avaliou 15 pacientes masculinos submetidos à herniorrafia inguinal, 5 deles eram fumantes e apresentaram predomínio de áreas ocupadas por tecido conjuntivo e diminuição da área ocupada por células musculares em amostras coletadas do músculo cremaster. Além disso, verificou-se que nos pacientes tabagistas a função dos fibroblastos é comprometida e a síntese de colágeno é reduzida; logo, o processo de cicatrização é mais lento, associando-se à deiscência de feridas, formação de novas hérnias e complicações pós cirúrgicas. Em outro estudo transversal no serviço da Cirurgia Geral do Hospital Cruz Vermelha (PR), onde foram selecionados pacientes submetidos à hernioplastia inguinal pela técnica de Lichtenstein, de 313 pacientes, 52 eram fumantes. Nesse sentido, dentro desse grupo, 16,61% apresentaram complicações agudas. Por fim, em uma análise realizada na Argentina, que avaliou prontuários de pacientes submetidos à hernioplastia inguinal laparoscópica, 40% dos pacientes fumantes apresentaram recidiva após acompanhamento pós-operatório. CONCLUSÃO: Evidencia-se, portanto, que o tabagismo é um fator de risco modificável tanto para o desenvolvimento de hérnia inguinal primária, quanto para recidivas, pois afeta as estruturas musculares e fibras colágenas,

levando à fraqueza da parede abdominal se submetida a esforço intenso. Ademais, nota-se que o tabagismo também corrobora complicações pós-cirúrgicas, isso porque apresenta um efeito prejudicial na neoangiogênese e desregula o metabolismo da região inguinal, alterando a composição muscular local e prejudicando o processo de cicatrização. Assim, destaca-se a importância do controle das comorbidades no período pré-operatório e a orientação adequada ao paciente para otimizar o processo cirúrgico.

PALAVRAS-CHAVE: Complicações cirúrgicas. Hérnia inguinal. Tabagismo.

ABORDAGENS MINIMAMENTE INVASIVAS EM CIRURGIAS DE EMERGÊNCIA: ESTUDO SOBRE A APLICAÇÃO DE TÉCNICAS MINIMAMENTE INVASIVAS EM PROCEDIMENTOS DE EMERGÊNCIAS E SEUS IMPACTOS NOS RESULTADOS CLÍNICOS

Raquel Alves de Sousa, Amanda Fleury da Rocha Ferreira Pires, Maria Eduarda Rezende Hallal, Otaviano Ottoni Netto

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/13

INTRODUÇÃO: Às técnicas minimamente invasivas, como a laparoscopia e a cirurgia robótica, têm sido cada vez mais empregadas em cenários emergenciais devido aos seus potenciais benefícios, incluindo a redução de complicações, menor tempo de internação e recuperação mais rápida. No entanto, sua aplicação em emergências ainda enfrenta desafios, como a seleção adequada de pacientes, tempo operatório prolongado e limitação de recursos. Além disso, há uma lacuna na literatura sobre sua eficácia em diferentes condições emergenciais, bem como na comparação entre essas abordagens. OBJETIVO: Avaliar a aplicabilidade e os impactos clínicos das técnicas minimamente invasivas em cirurgias de emergência. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, na qual 15 artigos foram identificados nas bases Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Os descritores utilizados foram “minimally invasive surgery”, “laparoscopy”, “thoracoscopy”, “emergency surgery”, “acute care surgery”, “outcomes” e “clinical results”, combinados por meio dos operadores booleanos “OR” e “AND”. Os filtros aplicados incluíram “free full text”, “últimos 5 anos” e “systematic review”. Após uma análise criteriosa, foram selecionados 13 artigos relevantes para o tema. RESULTADOS: Os estudos revisados demonstraram que a laparoscopia e a cirurgia robótica em emergências são seguras e eficazes, proporcionando menor risco de infecção do sítio cirúrgico, menor perda sanguínea intraoperatória e recuperação mais rápida em comparação com técnicas convencionais. A laparoscopia se destaca como a abordagem mais consolidada, amplamente utilizada em condições como trauma abdominal, obstrução colorretal e apendicite. A cirurgia robótica apresenta vantagens, como maior precisão e ergonomia para o cirurgião, mas enfrenta desafios relacionados ao alto custo e à disponibilidade limitada. Procedimentos como excisão mesorretal total e reparo de hérnias ventrais apresentaram melhores desfechos funcionais com o uso dessas técnicas. Contudo, fatores como curva de aprendizado e tempo operatório prolongado devem ser considerados na adoção dessas abordagens. CONCLUSÃO: A laparoscopia continua sendo a principal opção minimamente invasiva em cirurgias de emergência devido à sua eficácia e menor impacto fisiológico. A cirurgia robótica, embora promissora, requer

mais estudos para validar sua superioridade sobre as técnicas convencionais e ampliar sua acessibilidade. Apesar dos avanços, a seleção criteriosa de pacientes e a disponibilidade de recursos permanecem fatores determinantes na escolha da abordagem mais adequada. Pesquisas futuras são essenciais para estabelecer diretrizes mais claras e expandir o uso dessas tecnologias em cenários emergenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia de Emergência. Cirurgia Robótica. Laparoscopia. Procedimentos Cirúrgicos Minimamente Invasivos.

ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DIGESTIVA: O AUMENTO DO CONSUMO DE ALIMENTOS PREJUDICIAIS AO TRATO GASTROINTESTINAL

Valdir Nogueira dos Santos Júnior, Petra Moussa, Maria Lúcia Batista Toledo

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/14

INTRODUÇÃO: Os alimentos ultraprocessados (AUP) estão associados a diversos problemas gastrointestinais, como doenças inflamatórias intestinais (DII), supercrescimento bacteriano do intestino delgado (SIBO) e doença hepática esteatótica associada à disfunção metabólica (MASLD). Dietas ricas em AUP comprometem a barreira intestinal, alteram a microbiota e intensificam processos inflamatórios. Ademais, a exposição constante à publicidade desses alimentos, especialmente entre crianças e adolescentes, normaliza seu consumo e ignora seus riscos à saúde, acarretando na maior incidência de doenças do trato gastrointestinal (TGI). OBJETIVOS: Analisar o aumento do consumo de AUP e sua influência na saúde digestiva. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, com busca nas bases de dados PubMed e Google Acadêmico. Foram aplicados os descritores “Ultra-processed Foods AND Influence on Digestive Health”, com o filtro que seleciona publicações referentes aos últimos 5 anos. Foram selecionados os 12 artigos que melhor abordaram o tema. RESULTADOS: Os estudos evidenciaram que o consumo AUP está associado a um maior risco de doenças crônicas. Em relação às DII, o consumo elevado de AUP aumentou o risco de DII em 82%, com uma meta-análise confirmando um aumento de 71% no risco de Doença de Chron. Em crianças, o consumo de AUP foi relacionado ao SIBO, com níveis elevados de biomarcadores inflamatórios, como IL-17. No contexto da MASLD, o consumo de AUP foi associado ao acúmulo de gordura no fígado, especialmente em indivíduos com obesidade abdominal, devido ao aumento de ácidos graxos livres. O risco de câncer gastrointestinal, principalmente colorretal e gástrico não cárdia, aumentou com o consumo de AUP, com estudos mostrando elevações de 11% e 43%, respectivamente. Além disso, o consumo de AUP foi associado a maior risco de obesidade, síndrome metabólica, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares, com aumentos de 39% no risco de obesidade e 25% na mortalidade por todas as causas. Outros achados incluem maior risco de úlcera péptica (UP) (52% a mais) e danos à barreira de muco intestinal, com redução na produção de mucina e aumento da inflamação, especialmente devido a aditivos como maltodextrina. Ademais, nota-se um aumento do consumo de AUP com a exposição constante a publicidades desses alimentos, o que pode estar acarretando no aumento de doenças no TGI. CONCLUSÃO: A revisão mostrou que o consumo de AUP está associado

a um maior risco de doenças crônicas, como DII, obesidade, síndrome metabólica e câncer gastrointestinal. Além disso, o consumo de AUP danifica a barreira de muco intestinal, agravando condições como UP. Notou-se, ainda, a influência da publicidade no aumento do consumo desses alimentos. Logo, há necessidade de políticas públicas e intervenções dietéticas para reduzir o consumo de AUP e promover dietas baseadas em alimentos frescos e minimamente processados, visando à prevenção de doenças e à melhoria da saúde populacional.

PALAVRA-CHAVE: Ácidos graxos livres. Aditivos alimentares. Doenças inflamatórias intestinais. Microbiota intestinal.

ALTERAÇÕES NA MICROBIOTA INTESTINAL DE ADULTOS COM TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR

Luiza Azzi Vaz de Campos, Luciana Torquato Fiuza Cardoso, Giulia Rota Carneiro, Luis Claudio Bochenek

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/15

INTRODUÇÃO: O transtorno depressivo maior (TDM) é uma condição psiquiátrica prevalente e debilitante, caracterizada por sintomas persistentes de tristeza, perda de interesse, hipotimia, anedonia, abulia, além de dificuldades cognitivas. Estudos recentes indicam que a microbiota intestinal, composta por trilhões de microrganismos, desempenha um papel fundamental na saúde mental, influenciando o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos como a depressão e a ansiedade. A comunicação bidirecional entre o intestino e o cérebro, conhecida como eixo intestino-cérebro, pode ser alterada pela disbiose (desequilíbrio microbiano), contribuindo para o agravamento dos sintomas depressivos. OBJETIVOS: Investigar as alterações na microbiota intestinal de adultos com transtorno depressivo maior (TDM) e explorar como essas mudanças podem influenciar sua fisiopatologia. MÉTODOS: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura na qual se utilizou a base de dados Pubmed com os descritores “Major depressive” e “Gut microbiota”, com os filtros aplicados: nos últimos 5 anos, “Free full text”, “English”, “Portuguese” e adultos entre 19 e 44 anos. Foram selecionados 17 artigos dos 18 presentes, excluindo aqueles não relacionados com o tema. RESULTADOS: Diversos estudos têm investigado a relação entre a microbiota intestinal e os transtornos psiquiátricos. Em um estudo, foi observado que altos níveis de sulfato de indoxila (SI), um metabólito derivado da microbiota, estavam associados a sintomas mais graves de depressão e ansiedade. Assim, a ressonância magnética funcional (fMRI) mostrou que o SI afeta áreas cerebrais envolvidas na regulação emocional, sugerindo um papel crucial desse metabólito na fisiopatologia desses transtornos. Ademais, tratamentos farmacológicos e terapias, como a terapia cognitivo-comportamental (TCC), mostraram efeitos sobre esses metabólitos, oferecendo novas possibilidades terapêuticas. Além disso, o transplante de microbiota fecal (TMF) de pacientes com TDM para ratos mostrou que tais intervenções podem aumentar a permeabilidade intestinal e modificar comportamentos depressivos. Por fim, é perceptível que os probióticos demonstram efeitos benéficos na composição da microbiota intestinal, como o aumento de Bacillus subtilis, o qual está associado à redução dos sintomas de ansiedade, reforçando a ideia de que a microbiota intestinal influencia diretamente os transtornos psiquiátricos. CONCLUSÃO: Alterações na microbiota intestinal e na permeabilidade intestinal desempenham um papel

importante no desenvolvimento de transtornos de humor. Intervenções com probióticos, simbióticos e biotina têm mostrado resultados promissores em indivíduos com TDM, ao promoverem alterações benéficas na microbiota intestinal. A diversidade microbiana pode funcionar como biomarcador para prever a resposta ao tratamento. Portanto, intervenções na microbiota intestinal se apresentam como uma possível nova abordagem terapêutica para o tratamento da depressão.

PALAVRAS-CHAVES: Microbioma Gastrointestinal. Transtorno Depressivo Maior. Transtornos Mentais.

ANÁLISE DO USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS POR ATLETAS: EFICIÊNCIA E BENEFÍCIOS

Bruna Campos de Oliveira, Luiz Eduardo Martins Freire, Maria Eduarda Santana Pereira, Frederico Barra de Moraes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/16

INTRODUÇÃO: O avanço das tecnologias vestíveis tem transformado o monitoramento do desempenho esportivo, proporcionando novas possibilidades para otimização de treinos, avaliação de eficiência e prevenção de lesões. Dispositivos equipados com sensores inerciais, acelerômetros e monitores de frequência cardíaca permitem a coleta de dados fisiológicos e biomecânicos, possibilitando uma análise detalhada da carga de trabalho, recuperação física e eficiência dos treinos. O monitoramento através dos dispositivos vestíveis em atletas capta variáveis como temperatura corporal, padrões de movimento e carga mecânica, viabilizando intervenções no desempenho e minimização de riscos de fadiga excessiva (“overtraining”). OBJETIVOS: Analisar o impacto dos dispositivos vestíveis na performance atlética, explorando suas aplicações e avanços tecnológicos na medicina esportiva. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura com pesquisa obtida através da base de dados do PubMed. Foram utilizados os descritores *“Wearable Electronic Devices”* e *“Athletes”*, juntamente com o operador booleano *“AND”*, e aplicado o filtro *“Free full text”*, dos quais resultaram em 33 artigos e 9 foram excluídos por não se adequarem. RESULTADOS: Os dispositivos vestíveis possuem um papel importante no monitoramento e na otimização do desempenho esportivo, proporcionando dados precisos para a análise de variáveis fisiológicas e biomecânicas. O uso de unidades de medição inercial (IMU) em coletes vestíveis demonstrou eficiência nas análises de ações esportivas, com precisão de 96,9% na identificação de movimentos como dribles, passes e arremessos. Além disso, o monitoramento da recuperação e do sono por meio desses dispositivos revelou forte correlação entre qualidade do descanso e desempenho atlético, indicando que atletas submetidos a altas cargas de treinamento apresentaram redução na qualidade do sono, seguida por melhorias no desempenho após períodos de recuperação adequados. Nesse contexto, é crucial ressaltar as diferenças nos dispositivos vestíveis de pulso e faixas torácicas. A utilização de sensores ópticos nos dispositivos de pulso pode ser menos eficaz em atividades que envolvem movimentos constantes e rápidos, já os sensores de eletrodos usados nas faixas torácicas apresentam maior aderência ao corpo e menor possibilidade de falha na leitura dos movimentos. CONCLUSÃO: Dentre os achados, é perceptível que os dispositivos vestíveis são equipamentos de suma importância para o desempenho atlético

e avaliação de excelência. As faixas torácicas, por utilizarem eletrodos e serem inertes ao corpo, obtiveram uma precisão de 96,9% para leitura de movimentos, porém, tais dados não descartam a eficácia dos dispositivos de pulso. Além disso, eles atuam no monitoramento do sono e na melhoria de desempenho atlético. Assim, os sensores vestíveis necessitam de uso acompanhado e interpretação especializada para boa avaliação dos atletas.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas. Dispositivos eletrônicos vestíveis. Desempenho Atlético.

ANESTESIA EM PACIENTES COM CHOQUE HEMORRÁGICO: ESCOLHA DE AGENTES E ESTRATÉGIAS PARA ESTABILIZAÇÃO HEMODINÂMICA

Lígia Gabriela Moreira Costa, Reynier Airam Lopes da Silva Filho, Marcela Santos Liston, João Antônio Lopes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/17

INTRODUÇÃO: O choque hemorrágico (HS) representa um grande desafio no atendimento hospitalar, sendo a principal causa de óbito em pacientes com lesões potencialmente tratáveis. O HS gera consequências hemodinâmicas severas, como o comprometimento do fluxo sanguíneo para órgãos vitais, hipóxia celular, acidose e uma intensa resposta inflamatória, que podem evoluir para a falência de múltiplos órgãos na ausência de uma rápida intervenção de controle. Os agentes anestésicos têm apresentado uma função relevante na elaboração de estratégias de estabilização hemodinâmica mais eficazes, sobretudo para minimização de agravos dos quadros clínicos. OBJETIVO: Avaliar o papel da anestesia na estabilização hemodinâmica em pacientes com choque hemorrágico, com ênfase na escolha de substâncias anestésicas em diferentes ambientes clínicos. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão de literatura realizada na base de dados PUBMED, utilizando os descritores “Anesthesia”, “Hemorrhagic Shock” e “Hemodynamic”, combinados pelo operador booleano “AND”. Foram aplicados os filtros “free full text” e “5 years”. Após análise preliminar, 17 publicações foram identificadas, das quais 16 foram selecionadas com base em critérios de relevância temática e qualidade metodológica. RESULTADO: A revisão demonstrou que no manejo anestésico durante o HS são necessárias estratégias que minimizem a repercussão da hipovolemia na estabilização hemodinâmica. É necessário que ocorra a monitorização de biomarcadores como lactato, glicemia, hemoglobina e défict de base pois são fundamentais para detectar precocemente a hipoperfusão tecidual e guiar as condutas terapêuticas. Quanto aos agentes anestésicos, a cetamina se destacou por preservar o tônus vascular e evitar a depressão miocárdica significativa, sendo indicada para pacientes hipovolêmicos. Entretanto, os fármacos como propofol e os opioides apresentaram maior risco de hipotensão, sendo então recomendados com precaução em situações de instabilidade hemodinâmica. Em pacientes instáveis que necessitam de procedimentos invasivos, a sedação consciente se destacou como alternativa à anestesia geral, uma vez que, reduz a incidência de complicações cardiovasculares, e a necessidade de ventilação mecânica. CONCLUSÃO: A anestesia em choque hemorrágico deve minimizar a hipovolemia e garantir estabilidade. A cetamina é mais segura por preservar o tônus vascular, enquanto propofol e opioides aumentam o risco de hipotensão. A monitorização de

lactato, glicemia e hemoglobina é essencial para detectar hipoperfusão e guiar a reposição volêmica. A sedação consciente é alternativa à anestesia geral, reduzindo complicações cardiovasculares. Cristaloides e coloides, como VBI-1 e VBI-S, auxiliam na estabilidade hemodinâmica, com propriedades antioxidantes. Técnicas como monitorização contínua e sistemas automatizados otimizam a resposta terapêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Anestesiologia. Choque hemorrágico. Hemodinâmica.

APLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDICINA DO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcella Schelle Magalhães, Maria Eduarda Ferreira de Moraes, Gabriela Sayuri Fujioka Watanabe, Frederico Barra de Moraes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/18

INTRODUÇÃO: A inteligência artificial (IA) tem transformado a medicina esportiva, promovendo avanços significativos na prevenção, diagnóstico e reabilitação de lesões, além de otimizar o desempenho atlético. Tecnologias como aprendizado de máquina e deep learning são amplamente utilizadas na análise de grandes volumes de dados, melhorando a interpretação de exames de imagem, identificação de padrões e previsão de riscos de lesão. A IA também é aplicada no planejamento cirúrgico, personalização de próteses e monitoramento remoto da recuperação de atletas, proporcionando uma abordagem mais eficiente e individualizada. No entanto, sua implementação enfrenta desafios, como a transparência dos algoritmos, a necessidade de validação clínica rigorosa e questões éticas relativas à privacidade dos dados. OBJETIVOS: Analisar as principais aplicações da inteligência artificial na medicina esportiva e discutir seus desafios e limitações. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática realizada no PubMed, utilizando os termos “Artificial Intelligence” e “Sports Medicine” com o operador booleano “AND”, resultando na seleção de 27 artigos, dos quais 8 foram excluídos por falta de acesso ou relevância temática. RESULTADOS: IA tem revolucionado a medicina esportiva, especialmente em clubes profissionais, ao prever lesões com maior precisão por meio de algoritmos que analisam medições de GPS e aprendizado de máquina. BIEN, utilizando redes neurais convolucionais (CNNs), prevê rupturas do ligamento cruzado anterior com 95% de precisão. Modelos preditivos de ingestão hídrica e taxa de suor aprimoraram as recomendações de hidratação, e sistemas de saúde têm auxiliado na reabilitação e no manejo de doenças crônicas. Em exames de imagem, a IA obteve 95,6% de precisão na classificação de lesões no disco lombar e 94% de lesões meniscais. No planejamento cirúrgico, os sistemas ROBODOC e CASPAR melhoraram os resultados cirúrgicos, reduzindo complicações como hemorragias em até 87,1%. AI JOINT otimizou o planejamento de artroplastia total do joelho, aumentando a precisão da seleção protética em 34,3%. Interfaces inteligentes facilitaram a comunicação entre treinadores e fisiologistas, otimizando a análise do desempenho físico. Dispositivos vestíveis baseados em IA monitoram parâmetros fisiológicos e, por meio de deep learning, preveem com 92% de precisão o resultado da reabilitação de pacientes submetidos a artroplastias. CONCLUSÃO: A aplicação da IA na medicina esportiva é ampla,

abrangendo a previsão de riscos, o acompanhamento de treinamentos e a personalização de tratamentos e reabilitações. Embora tenha o potencial de tornar a prática esportiva mais eficiente e individualizada, ainda existem desafios, como questões éticas relacionadas à responsabilidade e consentimento, e a complexidade no desenvolvimento e atualização dos modelos. A superação desses desafios exige um esforço multidisciplinar envolvendo médicos, desenvolvedores de tecnologia, reguladores e atletas.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial. Medicina Esportiva. Diagnóstico. Reabilitação.

ASSOCIAÇÃO ENTRE POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA E HOSPITALIZAÇÕES POR ASMA: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Guilherme Barbosa Rodrigues, Guilherme Henrique Torres Severino de Oliveira, Gabriel Alves da Silva, Maria Ivone Oliveira Pinto Vilela

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/19

INTRODUÇÃO: A poluição atmosférica é um problema ambiental e de saúde pública crescente, com impacto direto na saúde respiratória. Crianças são mais vulneráveis a esses efeitos adversos, pois seu sistema respiratório ainda está em desenvolvimento. A exposição a poluentes como MP10 (Material particulado menor que 10 μm), MP2.5 (Material particulado menor que 2,5 μm) , NO2 (Dióxido de nitrogênio), SO2 (Dióxido de enxofre) e O3 (Ozônio) está associada a um aumento nas hospitalizações por doenças respiratórias, incluindo asma. Entender essa associação é essencial para políticas públicas eficazes na proteção da saúde respiratória infantil. OBJETIVO: Investigar a relação entre os níveis de poluição atmosférica (MP10, O3, NO2, SO2 e MP2.5) e hospitalizações por asma em crianças menores de 14 anos em cidades brasileiras de 2019 a 2022. METODOLOGIA: Foram utilizados dados de hospitalizações por asma do DATASUS (Sistema de Informações Hospitalares do SUS) e poluentes da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), de 2019 a 2022. As concentrações de poluentes foram medidas 24 vezes ao dia (8760 medições anuais) e agregadas em médias mensais, resultando em uma média por mês para cada poluente. Essas médias foram relacionadas ao número mensal de internações por asma em crianças menores de 14 anos em Guarulhos, Santos, São Paulo e São Caetano do Sul. A análise foi feita separadamente para cada cidade e para cada ano, considerando um número amostral (n) de 12 pares de observações mensais por ano para cada cidade. A normalidade foi verificada pelo teste de Shapiro-Wilk e, como os dados não apresentaram distribuição normal, aplicou-se o teste de correlação de Spearman. O nível de significância foi 0,05 e a análise foi realizada no RStudio. RESULTADOS: A análise revelou correlações significativas entre poluentes e hospitalizações por asma. Em Guarulhos, a correlação mais forte foi com MP10 em 2020 (0,094; p-valor = 0,000000000013), seguida por SO2 em 2019 (0,068; p-valor = 0,000000002). Em Santos, a correlação significativa foi entre MP2.5 e hospitalizações por asma em 2022 (0,078; p-valor = 0,00000034). Em São Paulo, SO2 mostrou correlação significativa em 2022 (0,081; p-valor = 0,000000001). Em São Caetano do Sul, houve correlação significativa entre MP2.5 em 2019 e hospitalizações por asma (0,043; p-valor = 0,008). CONCLUSÃO: Os resultados mostraram variações nas associações entre poluentes e hospitalizações por asma nas diferentes cidades e anos.

Em Guarulhos, MP10 teve a correlação mais forte, seguido por SO2 e NO2. Em São Paulo, SO2 apresentou correlação significativa, enquanto em Santos, MP2.5 foi o principal poluente associado. Em São Caetano do Sul, a correlação foi modesta, mas significativa para MP2.5. Esses achados reforçam a necessidade urgente de políticas públicas para reduzir a poluição e proteger a saúde respiratória infantil.

PALAVRAS-CHAVES: Asma. Criança. Hospitalização.

AVANÇO NA BIOENGENHARIA DE IMPLANTES: O PAPEL DAS CÉLULAS-TRONCO NA CIRURGIA PLÁSTICA RECONSTRUTIVA

Ana Luisa Rodrigues Mamede, Gabriella Gomes Souza, Poliana Peres Ghazale

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/20

INTRODUÇÃO: A bioengenharia de implantes é essencial na medicina regenerativa, aprimorando substitutos biocompatíveis e a engenharia tecidual. Na cirurgia plástica reconstrutiva, os avanços nessa área são fundamentais para a reconstrução de defeitos complexos, melhorando a recuperação e os resultados. As células-tronco desempenham um papel central, diferenciando-se em várias linhagens e migrando para áreas danificadas. Quando associadas a biomateriais como colágeno ou plasma rico em plaquetas, favorecem a regeneração tecidual e reduzem complicações. As células-tronco mesenquimais, derivadas do tecido adiposo e da medula óssea, mostram potencial na melhoria da viabilidade de enxertos, vascularização e cicatrização de feridas crônicas e queimaduras. Além disso, sua aplicação na reconstrução mamária pós-mastectomia apresenta resultados promissores, contribuindo para a regeneração tecidual e minimizando complicações associadas a implantes sintéticos. Esta revisão sistemática avalia a aplicação das células-tronco na bioengenharia de implantes, destacando benefícios, desafios e perspectivas futuras. OBJETIVOS: Analisar o avanços na bioengenharia dos implantes ressaltando o papel das células tronco na cirurgia plástica reconstrutiva. METODOLOGIA: Esta revisão sistemática foi elaborada com base em uma pesquisa realizada por meio de um levantamento de dados publicados entre 2020 e 2025. As bases de dados consultadas foram SciELO, Google Scholar e PubMed. Nas buscas, os seguintes descritores, em língua portuguesa, inglesa e espanhola, foram utilizados: ‘’célula-tronco’’, ‘’cirurgia plástica reconstrutiva’’ e ‘’tecido’’. Utilizando os operadores booleanos “AND”, “OR” para junção dos descritores utilizados para rastreamento das publicações conforme os critérios do DeCS/MeSH. Foram identificadas 239 publicações e após análise 10 foram selecionadas. RESULTADOS: A bioengenharia associada às células-tronco tem revolucionado a cirurgia plástica reconstrutiva. As células-tronco mesenquimais, especialmente as do tecido adiposo e da medula óssea, demonstram potencial na regeneração tecidual, promovendo neovascularização e reduzindo complicações pós-operatórias. Além disso, biomateriais melhoram a integração dos implantes, favorecendo a cicatrização e os resultados estéticos. As células-tronco pluripotentes induzidas (hiPSCs) possibilitam enxertos personalizados, minimizando a necessidade de áreas doadoras, apesar de desafios como tumorigenicidade e custos elevados. A bioengenharia regenerativa surge como uma promissora estratégia na cirurgia

plástica reconstrutiva. CONCLUSÃO: A bioengenharia de implantes com células-tronco revoluciona a cirurgia plástica reconstrutiva, proporcionando melhor regeneração tecidual e integração de enxertos. Apesar dos desafios relacionados aos custos e à segurança, seu potencial é inegável. O avanço das pesquisas será decisivo para transformar essa tecnologia em uma alternativa viável e amplamente aplicada na prática clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Célula-tronco. Cirurgia plástica reconstrutiva. Tecidos.

AVANÇOS NO DIAGNÓSTICO POR IMAGEM DE TUMORES ADRENAIS

Renato Ribeiro Alves, Lucas Prudente de Souza Costa, Maria Eduarda Carneiro Rizzatti, Flávio José Teles de Morais

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/21

INTRODUÇÃO: Técnicas de imagem convencionais, como a tomografia computadorizada (TC) e a ressonância magnética (RM), são amplamente utilizadas no diagnóstico de tumores adrenais (TA), como adenomas, carcinomas adrenocorticais e feocromocitomas, mas a sobreposição de características entre lesões benignas e malignas dificulta o diagnóstico. Novas tecnologias, como a tomografia com emissão de pósitrons (PET-CT) com fluordeoxiglicose (FDG) e técnicas de imageamento com meta-iodobenzilguanidina (mIBG), avaliam a morfologia, o metabolismo e a vascularização dos TA, melhorando a acurácia diagnóstica. OBJETIVO: Este resumo visa atualizar o conhecimento sobre as novas tecnologias de imagem no diagnóstico diferencial de TA. METODOLOGIA: A pesquisa utilizou a base de pesquisas PUBMED com a estratégia: ((“Adrenal Gland Diseases”[MeSH]) AND (“Positron Emission TomographyComputed Tomography”[MeSH] OR “MagneticResonance Imaging”[MeSH] OR “functional MRI”)) AND (“Sensitivity and Specificity”[MeSH] OR “DiagnosticAccuracy” OR “Differential Diagnosis”) com os filtros free full text e últimos 5 anos, resultando em 34 artigos, sendo 10 selecionados para a revisão. RESULTADOS: Novas técnicas de imagem se mostraram úteis para o diagnóstico, diferenciação e seguimento de TA. O PET-CT com pentixafor marcado com gálio-68 se mostrou útil na diferenciação de hiperaldosteronismo primário (HP) unilateral e bilateral, podendo evitar métodos invasivos como a amostragem venosa adrenal e guiando tratamento, e apresentou melhor acurácia que a TC no diagnóstico do subtipo do HP em pacientes com micronódulos. O ultrassom com contraste é uma técnica promissora para o diagnóstico de diversas lesões, desde feocromocitomas até metástases, além de ser menos oneroso e livre de radiação. O uso de Técnicas de imageamento com mIBG marcada com radioiodo mostraram semelhança diagnóstica com a ressonância magnética de corpo inteiro (RMCI) para paragangliomas e feocromocitomas, mas a RMCI mostrou-se mais eficiente para análises próximas de órgãos caracterizados por acúmulo de mIBG e é mais segura no acompanhamento dessas doenças. A PET-CT com FDG é útil no diagnóstico diferencial de TA benignos e malignos, especialmente em massas grandes e incomuns. Pontos de corte como 1,5 para a razão de captação padronizada (SUVratio) com o fígado e 4,6 para o valor máximo de captação (SUVmax) têm boa precisão, mas devem ser usados em conjunto com outros métodos. Casos raros, como adenomas adrenocorticais mimetizando neoplasias ou oncocitomas

adrenais funcionantes mimetizando carcinomas adrenocorticais malignos, destacam a importância do diagnóstico histopatológico para evitar falsos positivos. CONCLUSÃO: Novas técnicas de imagem, como PET-CT com pentixafor, ultrassom com contraste e RMCI, melhoram o diagnóstico e seguimento de TA, reduzindo a necessidade de métodos invasivos. A PET-CT com FDG auxilia na exclusão de malignidade, mas o diagnóstico histopatológico permanece crucial para casos complexos.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico por Imagem. Tomografia por Emissão de Pósitrons combinada à Tomografia Computadorizada. Neoplasias das Glândulas Suprarrenais.

BLOQUEIO DO PLEXO BRAQUIAL NO TRATAMENTO DA DOR CRÔNICA, NOS MEMBROS SUPERIORES, GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA

Isabela Mendes Chater Bufaiçal, Victor Janot Pinheiro Procópio, Beatriz Almeida Pereira, João Antônio Lopes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/22

INTRODUÇÃO: A dor crônica é uma condição debilitante frequentemente associada a doenças musculoesqueléticas e neuropáticas. O bloqueio do plexo braquial tem se destacado como uma alternativa eficaz ao uso prolongado de analgésicos sistêmicos, proporcionando alívio da dor com menos efeitos adversos. Utilizando anestésicos locais, guiados por ultrassonografia, essa técnica melhora a funcionalidade e a qualidade de vida dos pacientes. Esta revisão discute a aplicabilidade do bloqueio do plexo braquial na dor crônica, destacando benefícios, indicações e limitações. OBJETIVOS: Avaliar a eficácia, segurança e impacto do bloqueio do plexo braquial no tratamento da dor crônica. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, selecionando 14 artigos na base de dados Pubmed, utilizando descritores como “brachial plexus block”, “chronic pain”, “ultrasonography” e outros, com filtros de “free full text” e “5 anos”. Após análise, 9 artigos relevantes foram selecionados. RESULTADOS: Os resultados indicam que o bloqueio do plexo braquial é uma abordagem eficaz e segura para tratar a dor crônica no membro superior, proporcionando alívio prolongado e melhora funcional. A técnica reduziu a necessidade de analgésicos sistêmicos, minimizando efeitos adversos como distúrbios gastrointestinais e risco de dependência. O uso da ultrassonografia aumentou a precisão e segurança do procedimento, melhorando o controle da dispersão do anestésico e reduzindo complicações. A associação com adjuvantes, como a toxina botulínica tipo A, potencializou o efeito analgésico e favoreceu a recuperação funcional. A hidrodissecção com dextrose a 5% também se mostrou promissora, reduzindo inflamação e modulando a dor neuropática, ampliando as opções terapêuticas para casos refratários. Comparado a outras abordagens, o bloqueio proporcionou maior duração do efeito analgésico e melhor mobilidade. No entanto, são necessários mais estudos para padronizar protocolos, avaliar a durabilidade dos efeitos e explorar novas combinações terapêuticas. CONCLUSÃO: O bloqueio do plexo braquial mostrou-se uma abordagem eficaz e segura para a dor crônica musculoesquelética e neuropática do membro superior, proporcionando alívio prolongado, melhora funcional e redução do uso de analgésicos sistêmicos. A associação com adjuvantes, como a toxina botulínica tipo A, e o uso da ultrassonografia aumentaram sua eficácia e segurança. Comparado a outras técnicas, apresentou vantagens significativas, e métodos

como a hidrodissecção com dextrose a 5% surgiram como alternativas promissoras. Assim, deve ser considerado no manejo da dor crônica, sendo necessários mais estudos para aprofundar seus benefícios a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Analgesia. Dor Crônica. Plexo Braquial.

COMPARAÇÃO DE RESULTADOS CLÍNICOS ENTRE SMILE E LASIK NA CORREÇÃO DE MIOPIA: EFICÁCIA E QUALIDADE VISUAL

Amanda Fleury da Rocha Ferreira Pires, Ana Gabriella Leão, Laura Rassi Jacomini, Rodrigo Egídio da Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/23

INTRODUÇÃO: A miopia é um dos erros refrativos mais comuns no mundo, afetando a qualidade de vida de milhões de pessoas. As cirurgias refrativas, como LASIK (Laser in Situ Keratomileusis) e SMILE (Small Incision Lenticule Extraction), são amplamente utilizadas para sua correção. O LASIK é uma técnica consolidada devido à sua previsibilidade e rápida recuperação, enquanto o SMILE, abordagem minimamente invasiva, preserva melhor a biomecânica corneana. No entanto, ainda existem debates sobre qual método oferece melhor eficácia, segurança e qualidade óptica. OBJETIVO: Comparar os resultados clínicos do SMILE e do LASIK na correção da miopia, avaliando acuidade visual, previsibilidade refrativa, aberrações ópticas, estabilidade biomecânica da córnea e desenvolvimento de olho seco. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura na base de dados PubMed, utilizando os descritores *"Myopia correction"*, *"LASIK"*, *"SMILE"*, aplicando filtros como texto completo gratuito, publicações entre 2023 e 2025 e estudos em humanos. Foram selecionados 18 artigos que comparavam diretamente as duas técnicas. RESULTADOS: Os estudos analisados indicam que ambas as técnicas são altamente eficazes, proporcionando excelente acuidade visual pós-operatória, sem diferenças significativas nos índices de correção miópica. No entanto, há distinções na indução de aberrações ópticas. O SMILE apresentou menor indução de aberração esférica, enquanto o LASIK induziu menos coma e trefoil. A regressão miópica foi semelhante entre os procedimentos, sendo mais pronunciada em pacientes com maior equivalente esférico pré-operatório. Em relação à biomecânica corneana, o SMILE preservou melhor a estrutura da córnea, resultando em uma zona óptica efetiva (EOZ) maior, o que pode influenciar na qualidade visual a longo prazo. Já o LASIK apresentou maior variação na elevação posterior da córnea, indicando maior fragilidade biomecânica. Quanto ao olho seco, não houve diferença estatística significativa entre os métodos, conforme demonstrado por testes de Schirmer e TBUT. No entanto, o LASIK proporcionou uma recuperação visual inicial mais rápida. CONCLUSÃO: Tanto o SMILE quanto o LASIK são técnicas eficazes e seguras para a correção da miopia. O SMILE preserva melhor a biomecânica corneana e reduz aberrações esféricas, enquanto o LASIK proporciona recuperação visual mais rápida. A escolha entre os procedimentos deve ser individualizada, considerando as necessidades

visuais do paciente, a espessura e resistência corneana, além da experiência do cirurgião. Estudos de longo prazo ainda são necessários para compreender melhor o impacto dessas diferenças na qualidade visual e estabilidade refrativa, além de investigar estratégias que possam otimizar os desfechos pós-operatórios de ambas as técnicas.

PALAVRAS-CHAVE: Eficácia. Refração Ocular. Miopia.

COMPARAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO HIV NAS DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL

Mário Mendonça de Paula Neto, Matheus Lemos de Resende, Luís Fellipe Ribeiro Vasconcelos, Rogerio Pacheco Rodrigues

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/24

INTRODUÇÃO: A epidemia de HIV/AIDS no Brasil continua sendo um desafio significativo para a saúde pública, apresentando variações regionais na taxa de detecção, no acesso ao diagnóstico e oferta de tratamento. Fatores socioeconômicos e culturais influenciam a distribuição da doença, resultando em disparidades entre as diferentes regiões do país. Enquanto algumas áreas apresentam maior acesso a medidas terapêuticas, outras ainda enfrentam barreiras relacionadas à testagem, além da adesão ao tratamento. No contexto da Atenção Primária à Saúde (APS), a detecção precoce e acompanhamento contínuo são essenciais para o controle da infecção, o que promove maior qualidade de vida aos indivíduos acometidos. Políticas públicas como a ampliação da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e da Profilaxia Pós-Exposição (PEP), além da descentralização do diagnóstico e tratamento, são implementadas para mitigar a progressão da epidemia. OBJETIVOS: Comparar as notificações e detecção do HIV entre regiões, utilizando uma abordagem quantitativa com possibilidade de subnotificação nos últimos anos analisados do Brasil. METODOLOGIA: O estudo foi baseado em dados secundários do SINAN e SIM, disponibilizados pelo Ministério da Saúde. A coleta abrangeu o período de 2011 a 2021, considerando possíveis subnotificações e o impacto da pandemia de Covid-19. Não houve restrição por idade ou sexo na análise. RESULTADOS: Os resultados indicam uma redução geral na taxa de detecção do HIV no Brasil, de 22,1 casos por 100 mil habitantes em 2011 para 16,5 casos por 100 mil em 2021. As maiores quedas ocorreram no Sul e Sudeste, possivelmente devido ao maior acesso à testagem e tratamento. Em contraste, o Norte registrou um aumento de 21%, evidenciando desafios no controle da transmissão. O Nordeste e o Centro Oeste mantiveram taxas relativamente estáveis, com variações menores ao longo dos anos. A pandemia de COVID-19 impactou significativamente a notificação de casos, com uma queda de 20,1% entre 2019 e 2020, provavelmente devido à redução da testagem. Em 2021, observou-se uma recuperação parcial, mas sem retorno aos níveis pré pandemia, indicando a necessidade de reforçar políticas de rastreamento. Além das variações regionais, houve uma interiorização da epidemia e um crescimento proporcional de casos entre mulheres, sugerindo mudanças no perfil epidemiológico. Essas tendências reforçam a importância de estratégias diferenciadas para cada região, com ampliação da testagem, bem como

fortalecimento da atenção primária. CONCLUSÃO: O estudo analisou a incidência de HIV/AIDS no Brasil e identificou uma estabilização nos casos, com discrepâncias nos anos mais recentes, possivelmente devido à pandemia de COVID-19. Algumas regiões apresentaram aumento na incidência, evidenciando desigualdades no acesso à saúde. A detecção precoce e estratégias contra o estigma social são fundamentais para combater a enfermidade. Pesquisas futuras devem buscar melhorias na vigilância e atenção primária.

PALAVRAS-CHAVE: AIDS. Epidemiologia. HIV. Incidência. Infecção.

COMPORTAMENTOS ALIMENTARES E TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS: A RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNOS ALIMENTARES E COMPLICAÇÕES GASTROINTESTINAIS

Nádia Martins Momenté Giacometto, Vitor Naves de Aguiar, Lígia Gabriela Moreira Costa, Américo de Oliveira Silvério

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/25

INTRODUÇÃO: Os transtornos alimentares (TAs) são distúrbios psiquiátricos complexos que afetam o comportamento alimentar e estão frequentemente associados a complicações gastrointestinais. A anorexia nervosa (AN), a bulimia nervosa (BN) e o transtorno de compulsão alimentar periódica (TCAP) impactam a saúde digestiva, sendo acompanhados por disbiose intestinal, inflamação sistêmica e alterações na motilidade gastrointestinal. O eixo intestino-cérebro desempenha um protagonismo na regulação das interações emocionais e fisiológicas, de modo que a compreensão desses mecanismos é essencial para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas. OBJETIVO: Analisar a relação entre transtornos alimentares e complicações gastrointestinais, identificando os principais mecanismos fisiopatológicos envolvidos. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática na base de dados PUBMED, com a utilização dos descritores “Eating Behaviors”, “Psychological Disorders” e “Gastrointestinal Complications”, somados ao operador booleano “AND”. Os filtros utilizados foram: “5 years” e “free full text”. Houve seleção de 15 artigos, com base na relevância temática e qualidade metodológica. RESULTADOS: Os estudos indicam que os transtornos alimentares estão ligados a complicações gastrointestinais, sendo essa interação mediada por alterações na microbiota intestinal, inflamação sistêmica e disfunções no eixo intestino-cérebro. A disbiose entérica, em pacientes com AN, compreende a redução na diversidade microbiana, que afeta a produção de metabólitos essenciais para regulação da homeostase e apetite. Em contrapartida, indivíduos com BN e TCAP demonstram um perfil microbiano alterado, devido ao consumo excessivo de alimentos ultraprocessados, que favorece um ambiente pró-inflamatório no trato gastrointestinal. Foi identificado que a inflamação sistêmica, desencadeada por modificações negativas na microbiota e na alimentação, afeta o eixo intestino-cérebro. O aumento de citocinas pró-inflamatórias, como IL-6 e TNF-α, influencia diretamente neurotransmissores associados à ansiedade e à depressão com comportamentos alimentares. A motilidade gastrointestinal também se mostrou comprometida em pacientes com TAs. Indivíduos com AN frequentemente apresentam redução do esvaziamento digestivo, enquanto aqueles com BN e TCAP sofrem com refluxo gastroesofágico e sintomas da síndrome do intestino irritável. Esses achados

reforçam a relação bidirecional entre o funcionamento gastrointestinal e os transtornos alimentares. CONCLUSÃO: Os transtornos alimentares influenciam o funcionamento gastrointestinal, sendo essa relação mediada por alterações sistêmicas e desregulação do eixo intestino-cérebro. A compreensão desses mecanismos necessita de abordagens terapêuticas integradas, que considerem tanto a saúde mental quanto a função digestiva no manejo dos TAs. Novos estudos são essenciais para aprofundar o entendimento dessas interações e possibilitar intervenções mais eficazes para a população.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação. Transtornos mentais. Trato gastrointestinal.

CONEXÃO PELE E MENTE: A RELAÇÃO ENTRE O TRANSTORNO BIPOLAR E DERMATOPATIAS

Gabriela Queiroz Pirini, Júlia Lima e Gonçalves, Samara Silva Rodrigues, Cristhiano Chiovato Abdala

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/26

INTRODUÇÃO: O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5º edição, (DSM-5) define o Transtorno de Bipolaridade (TB) como uma condição psiquiátrica crônica, caracterizada por oscilações de humor, entre episódios maníacos e depressivos, que impactam na qualidade de vida dos pacientes. Além dos fatores genéticos e neuroquímicos, estudos revelam que processos inflamatórios e imunológicos podem estar envolvidos na fisiopatologia do transtorno e na sua relação com dermatopatias. Assim, a análise dessa interação pode proporcionar o desenvolvimento de abordagens terapêuticas mais eficazes, promovendo a integração do cuidado psiquiátrico e dermatológico. OBJETIVOS: Investigar e compreender a relação entre o Transtorno Bipolar e as dermatopatias, assim como os mecanismos subjacentes dessa interação e suas implicações na qualidade de vida dos pacientes. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura realizada na base de dados PubMed a partir da combinação dos descritores MeSH “Bipolar Disorder” e “Skin Diseases”, com uso do operador booleano “AND”, bem como os filtros “free full text” e “in the last 10 years”. A partir disso, foram encontrados 33 artigos, dos quais 17 foram elegíveis ao tema de estudo proposto. RESULTADOS: Notou-se uma relação pertinente entre TB e as dermatopático. O lítio, usado no tratamento do TB, pode desencadear erupções acneicas, alopécia, foliculite e psoríase, reações geralmente reversíveis após a suspensão ou ajuste do fármaco. Entretanto, quando associado a lamotrigina, não foram relatadas reações cutâneas. Antipsicóticos como a lurosamida e o secuquinumabe também foram analisados. A lurosamida apresentou uma erupção cutânea provável (escala de Naranjo), e o secuquinumabe demonstrou melhora dermatológica e estabilidade psiquiátrica em pacientes com psoríase e transtornos mentais associados. A psoríase, um fator de risco significativo no TB, apresentou Odds Ratio (OR) de 1,27. Em outro contexto, foi identificada associação entre urticária colinérgica e maior chance de desenvolver TB, mediada por citocinas inflamatórias, como CXCL1 e FGF-5, que aumentam o risco, e CXCL5 e IL-20, que parecem exercer efeito protetor. Infecções como Herpes simplex vírus 1 (HSV-1) e Toxoplasma gondii (TG) também foram associadas ao TB, devido às concentrações elevadas de anticorpos nesses pacientes. Estudos sobre hidradenite supurativa (HS) mostraram OR de 1,81 e prevalência sete vezes maior de TB nesses pacientes em comparação aos

grupos controle, além de uma relação temporal entre o uso de lítio e o desenvolvimento de HS. Contudo, outras doenças de pele, como o eczema, não indicaram relação significativa. CONCLUSÃO: Os achados reforçam a interação entre o TB e as dermatopatias, ao compartilharem fatores imunológicos e por influência dos efeitos adversos de fármacos, como o lítio. Reconhecer essa relação é essencial para tornar o manejo clínico mais eficaz e, consequentemente, melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Dermatopatias. Fatores Imunológicos. Interações Medicamentosas e Transtorno Bipolar.

DIABETES MELLITUS TIPO 2 COMO FATOR DE RISCO PARA A DOENÇA DE PARKINSON: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Ysis Gomes Campos, Ana Paula de Melo Guimarães, Loanda Carvalho Ribeiro Oliveira, Jacqueline Cássia de Castro

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/27

INTRODUÇÃO: A doença de Parkinson (DP) é uma condição neurológica irreversível e progressiva que afeta 8,5 milhões de pessoas em todo o mundo. A DP é uma proteinopatia caracterizada por má formação e agregação da a-sinucleína. As principais manifestações clínicas são: tremor de repouso, rigidez muscular, bradicinesia e acinesia, alterações posturais, marcha “festinada”, pouca expressão facial e sintomas não motores como depressão, alterações cognitivas e distúrbios autonômicos. A prevalência de diabetes mellitus tipo 2 (DM2) é de 370 milhões de pessoas no mundo. A sensibilidade à insulina nos tecidos hepático e periférico é reduzida, levando à diminuição da sinalização do receptor de insulina e à absorção prejudicada de glicose. Combinadas, essas alterações na homeostase sistêmica comprometem as funções dos órgãos. DM2 e DP são doenças prevalentes que afetam uma população envelhecida. Evidências emergentes sugerem relações biológicas entre as duas. OBJETIVOS: Este estudo tem como objetivo investigar na literatura pacientes com diabetes mellitus tipo II relacionado como fator de risco no desenvolvimento da doença de Parkinson. METODOLOGIA: Revisão sistemática da literatura, utilizando as bases de dados: Pubmed, Google acadêmico, LILACS, Periódicos CAPES e ARCA. Os Descritores em Ciências da Saúde utilizados foram “associação”, “Diabetes mellitus tipo II”, “doença de Parkinson” e “fator de risco”, seus correspondentes em inglês e português, utilizando o operador booleano “AND”. O recorte temporal foi realizado no período de 2015 a 2025. Foram encontrados ao total 4.596 artigos, sendo 10 artigos selecionados para essa revisão sistemática. RESULTADOS: Após uma revisão dos 10 artigos selecionados, revelou que pacientes com DM2 possuem mais chances de desenvolver DP, visto que ambos possuem uma mesma via fisiopatológica, onde o alto elevado nível de ferro pode estar relacionado na regulação da insulina via nigroestriatal e baixa expressão do gene PGC-1α que pode levar à disfunção mitocondrial. Estudos mostram que alguns pacientes com DM2, apresentaram uma progressão mais acelerada dos sintomas motores, com desenvolvimento de depressão e estavam mais suscetíveis a desenvolver um comprometimento da marcha e comprometimento cognitivo leve do que os pacientes sem DM2. Foi observado que pacientes acima dos 65 anos estavam mais propensos a desenvolver DP do que os com idade inferior a 65. A resistência à insulina é uma característica do DM2 e pode ser um fator

contribuinte importante para a DP. Os pacientes que faziam uso de agonistas do peptídeo semelhante ao glucagon (GLP-1) e inibidores da dipeptidil peptidase 4 apresentavam menor risco de DP. CONCLUSÃO: Portanto, portadores de DM2 possuem um fator de risco para o desenvolvimento da doença de Parkinson**,** apresentando um pior desempenho motor e progressão para DP, porém análogos do GLP-1 podem ter efeitos na redução da gravidade da DP, sendo considerado um modificador da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Associação. Diabetes Mellitus tipo II. Doença de Parkinson. Fator de risco.

DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL ENTRE DRUSAS DE PAPILA E PAPILEDEMA NA AVALIAÇÃO DE HIPERTENSÃO INTRACRANIANA

Bruna Rassi Sebba, Felipe de Oliveira Mendonça Pedroso, Laura Cândida Mota Ramos, Rodrigo Egídio da Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/28

INTRODUÇÃO: O papiledema é definido como o edema do disco óptico secundário ao aumento da pressão intracraniana (PIC), podendo estar associado a condições graves, como hipertensão intracraniana idiopática e tumores cerebrais. No entanto, algumas condições benignas, como as drusas do nervo óptico, podem simular essa apresentação, configurando o chamado pseudopapiledema. Devido à semelhança fundoscópica entre essas entidades, uma diferenciação precisa é essencial para evitar intervenções desnecessárias e garantir o manejo adequado da hipertensão intracraniana. OBJETIVOS: Avaliar os principais métodos diagnósticos para diferenciar drusas de papila e papiledema na avaliação de hipertensão intracraniana. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando a base de dados Pubmed. Os descritores “papilledema”, “papilla druses” e “intracranial hypertension” foram combinados com os operadores booleanos “OR” e “AND”, aplicando-se os filtros “last year” e “free full text”. A busca resultou em 17 artigos, dos quais 9 foram selecionados e 8 foram excluídos por não se enquadrarem ao tema. RESULTADOS: O papiledema se caracteriza por margens do disco óptico borradas, podendo estar associado a hemorragias e exsudatos na fundoscopia. Já as drusas de papila apresentam bordas mais nítidas e aspecto granular. A tomografia de coerência óptica (OCT) permite a diferenciação, pois evidencia uma preservação relativa da camada de fibras nervosas nas drusas. A autofluorescência é útil na identificação de drusas superficiais e subclínicas de forma não invasiva. Além disso, a ressonância magnética e a punção lombar são fundamentais na investigação de hipertensão intracraniana nos casos suspeitos de papiledema. CONCLUSÃO: A diferenciação entre papiledema e drusas de papila é fundamental para evitar condutas inadequadas. o papiledema requer investigação e tratamento da causa subjacente da hipertensão intracraniana, o pseudopapiledema, por ser benigno, não exige intervenções agressivas. O uso de exames complementares, como OCT, autofluorescência e ultrassonografia, são fundamentais para o diagnóstico preciso e para a condução clínica adequada dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico Diferencial. Drusas de Papila. Edema do Disco Óptico. Papiledema.

DISTRIBUIÇÃO DE CASOS DE HANSENÍASE EM GOIÁS ASSOCIADA AO PERFIL DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO, NO PERÍODO DE 2015 A 2025

Felipe Thomé Arradi, Guilherme Henrique Torres Severino de Oliveira, Gabriel Alves da Silva, Juarez Antônio de Sousa

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/29

INTRODUÇÃO: A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo Mycobacterium leprae, com grande impacto na saúde pública, especialmente em regiões tropicais e subtropicais. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil é o segundo país do mundo com mais casos de hanseníase, com 20 mil novos casos em 2022, sendo o estado de Goiás uma região de relevância epidemiológica para seu estudo e monitoramento. OBJETIVOS: Analisar fatores epidemiológicos relacionados à distribuição da doença, identificando influências socioeconômicas e a distribuição regional, apresentando dados acurados para possíveis intervenções. MÉTODOS: Trata-se de um estudo retrospectivo transversal, de série temporal, com abordagem quantitativa, baseado na análise de dados secundários, extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foram coletados dados de diagnósticos de hanseníase no estado de Goiás no período de 2015 a 2025. RESULTADOS: Foram registrados 14.779 casos no período analisado, sendo 8.933 (60,4%) homens. A faixa etária de 30-59 anos foi a mais infectada, com 8.691 (58,8%) casos registrados. Apenas em 740 (5%) dos casos o paciente apresentava algum grau de ensino de superior. A forma clínica mais comum foi a dimorfa, com 7.899 (53,4%) casos, a forma wirchoviana teve 3224 (21,8%) casos, 1.544 (10,4%) apresentaram a forma indeterminada e 1187 (8%), a forma tuberculóide. Em relação às lesões cutâneas, 6.646 (44,9%) pacientes apresentaram 5 ou mais lesões, enquanto 4.237 (28,6%) apresentaram de 2 a 5 e 2.464 (16,6%) apresentavam apenas 1 lesão no momento da notificação. O município com maior incidência foi Goiânia, com 4.772 (32,2%). Pacientes paucibacilares, com até 5 lesões e broncoscopia negativa, foram 2.507 (16,9%), enquanto 12.252 (82,9%) eram multibacilares, apresentando mais de 5 lesões ou broncoscopia positiva. O ano com maior número de casos foi 2015, com 2.119, tendo diminuído ano a ano até 2024, quando houveram 871 casos, uma redução de 58,8%. CONCLUSÃO: A incidência maior em homens é característica da hanseníase, assim como sua correlação com fatores socioeconômicos, evidenciado por apenas 5% dos indivíduos acometidos possuírem algum grau de ensino superior, ainda que a doença afete majoritariamente adultos. A predominância de pacientes com 5 ou mais lesões é congruente com o fato de a forma dimorfa ter maior incidência, já que a apresentação clínica com múltiplas lesões é característica desses casos. Desde

2022, pacientes multibacilares devem ser submetidos a teste de resistência primária à poliquimioterapia (PQT) quando apresentarem índice baciloscópico >2, acarretando mais custos ao sistema de saúde quando associado ao longo tratamento da doença. Isso mostra a importância da atenção primária na educação em saúde, rastreando contatos próximos e prolongados (domiciliares) dos últimos 5 anos, divulgando a forma de transmissão e desmistificando a crença de que não há cura para a doença, quebrando assim a cadeia de transmissão.

PALAVRAS-CHAVE: Fatores epidemiológicos. Hanseníase. Incidência.

DOENÇA ARTERIAL CORONARIANA EM JOVENS: FATORES DE RISCO EMERGENTES – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marina Arantes Pompeu de Campos, Ian Albieri Aguero, Matheus Ávila Marques Sandre, Graziela Torres Blanch

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/30

INTRODUÇÃO: A doença arterial coronariana (DAC) tem aumentado entre jovens. Além dos fatores tradicionais, novos fatores emergentes, como lipoproteína (a) elevada, hiper-homocisteinemia e inflamação sistêmica, vêm sendo identificados. Jovens com DAC apresentam alta recorrência de eventos cardiovasculares, sendo o infarto a manifestação mais comum. O tabagismo e doenças inflamatórias crônicas agravam o prognóstico, tornando essencial a investigação desses fatores para melhor prevenção e manejo. OBJETIVO: Analisar os fatores de risco emergentes associados à DAC em jovens, comparando-os com os tradicionais e avaliando seu impacto clínico. METODOLOGIA: Revisão sistemática seguindo PRISMA. Foram analisados artigos de 2014 a 2024 nas bases PubMed e Scielo, utilizando os descritores “Coronary Artery Disease”, “Young Adults” e “Emerging Risk Factors” com AND. A seleção envolveu triagem por títulos e resumos (n=36), leitura completa (n=31) e extração de dados (n=16). O viés foi avaliado pelo Joanna Briggs Institute (JBI). RESULTADOS: Níveis elevados de Lipoproteína(a) aumentaram em 46% o risco de eventos cardiovasculares, incluindo infarto e revascularização. A hiper-homocisteinemia elevou a mortalidade cardíaca (8% vs. 3.4%, p=0.001) e a necessidade de revascularização (13.6% vs. 9.5%, p=0.034), com piora pelo tabagismo. Biomarcadores de estresse oxidativo, como cistina elevada e glutationa reduzida, foram associados a um risco 92% maior de mortalidade. Polimorfismos pró-trombóticos (ApoA1 rs5069 e PAI-1) foram ligados ao infarto precoce, enquanto mutações nos genes MTHFR e GpIIIa aumentaram o risco de DAC. A análise de viés indicou 68% dos estudos com baixo risco, 22% moderado e 10% alto, sendo a heterogeneidade metodológica a principal limitação. DISCUSSÃO: Os fatores emergentes reforçam a necessidade de estratégias preventivas ampliadas. A Lipoproteína(a) elevada se associou fortemente a eventos cardiovasculares, e a hiper-homocisteinemia, especialmente em fumantes, intensificou a gravidade da doença. O estresse oxidativo esteve relacionado à mortalidade, sugerindo valor prognóstico para cistina e glutationa. Além disso, fatores genéticos, como polimorfismos nos genes MTHFR e ApoA1, indicam predisposição à DAC precoce, reforçando a importância do rastreamento. A heterogeneidade dos estudos limita a generalização dos achados, destacando a necessidade de pesquisas mais padronizadas. CONCLUSÃO: Fatores emergentes como Lipoproteína (a) elevada, hiper-homocisteinemia,

estresse oxidativo e predisposição genética influenciam a progressão da DAC em jovens. A hiper-homocisteinemia agravou a doença, especialmente em fumantes, enquanto biomarcadores de estresse oxidativo se associaram à maior mortalidade. O rastreamento desses fatores pode aprimorar a prevenção e manejo da DAC precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Doença da Artéria Coronariana. Biomarcadores. Predisposição Genética para Doença.

EFEITOS DO ASPIRADO DE MEDULA ÓSSEA E BMAC NO TRATAMENTO DE OSTEOARTRITE

Pedro Henrique Miranda Braga, José Alttmar da Silva Filho, Marllos de Lacerda Kratka Filho

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/31

INTRODUÇÃO: A osteoartrite (OA) é uma doença articular comum, marcada pela degeneração da cartilagem, inflamação e alterações ósseas, causando dor, rigidez e perda de função, afetando a qualidade de vida e sendo uma das principais causas de incapacidade. O aspirado de medula óssea (AMO), realizado com células-tronco do próprio paciente, tem sido utilizado como terapia para OA. Esta revisão aborda tratamentos farmacológicos (anti-inflamatórios), não farmacológicos (fisioterapia, controle de peso) e intervenções cirúrgicas (artroplastia). OBJETIVOS: Revisar a relação entre AMO e OA, ampliando o entendimento dos mecanismos fisiopatológicos e identificando novas estratégias na medicina regenerativa. METODOLOGIA: Revisão sistemática na base PubMed, com os descritores “Bone Marrow Transplantation” e “Osteoarthritis” (operador AND), aplicando os filtros “Free full text” e datas de 2015 a 2025. Foram selecionados 21 artigos, dos quais 1 foi excluído. RESULTADOS: Os estudos indicam que o AMO e seu concentrado (BMAC) melhoram a dor, a função articular e a qualidade de vida, especialmente em OA do joelho e quadril. Uma meta-análise evidenciou melhorias significativas, embora ressalte a necessidade de ensaios clínicos randomizados. Em OA de joelho grau II-III (Kellgren-Lawrence), o BMAC reduziu a dor e aprimorou a funcionalidade com segurança. A concentração de células progenitoras mostrou correlação com melhores desfechos. O BMAC apresentou alívio da dor superior ao ácido hialurônico a longo prazo e, mesmo sem promover regeneração cartilaginosa, os benefícios podem estar ligados a efeitos analgésicos e anti-inflamatórios. Estudos comparando AD-MSCs e BM-MSCs apontaram melhora na função articular, com tendência favorável à terapia com células do tecido adiposo. Em modelos animais, o BMAC reduziu a inflamação sinovial, retardou a progressão da OA e, quando combinado com condrócitos, aprimorou a regeneração cartilaginosa. A análise dose-resposta evidenciou que maior concentração celular associa-se a melhor alívio da dor. A falta de protocolos padronizados dificulta a replicação dos resultados. CONCLUSÃO: Os achados sugerem que o AMO/BMAC pode reduzir a dor e melhorar a função articular em OA de joelho e quadril, possivelmente devido à ação das células progenitoras. Contudo, a ausência de protocolos padronizados e de ensaios clínicos robustos destaca a necessidade de novas pesquisas para confirmar a eficácia, definir dosagens ideais e otimizar essa abordagem na

medicina regenerativa.

PALAVRAS-CHAVE: Osteoartrite. Medicina Regenerativa. Células-tronco.

EFICÁCIA, SEGURANÇA E PERSPECTIVAS DO CLESROVIMABE (MK-1654) NA PROFILAXIA DO VÍRUS SINCICIAL RESPIRATÓRIO (VSR) EM LACTENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Ana Júlia Eugênia Alnert Dias, Matheus Feliph Alves Arantes, Náscar Katerine do Carmo, Lorenna Rocha Lobo e Silva Mamede

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/32

INTRODUÇÃO: O Clesrovimabe (MK-1654) é um anticorpo monoclonal em estudo para uso profilático em lactentes contra o Vírus Sincicial Respiratório Humano (VSR), principal causa de infecções agudas do trato respiratório inferior em lactentes [1,2]. No Centro-Oeste, esse vírus circula sazonalmente, predominando de março a julho [3]. Em 2018, o MK-1654 recebeu a designação da *Fast Track da Food and Drug Administration* (FDA) dos EUA e atualmente está passando por análise, com aprovação prevista para este ano de 2025. Devido à sua meia-vida estendida, o Clesrovimabe permite que uma dose única cubra uma temporada completa de VSR. [4]. OBJETIVO: Observar a eficácia e segurança do Clesrovimabe na profilaxia de infecções graves e hospitalizações associadas ao VSR em lactentes. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática conduzida conforme o protocolo *PRISMA* 2020. A busca ocorreu em março de 2025 nas bases de dados *PubMed, Web of Science*, Periódicos CAPES, *MEDLINE* e *WPRIM*. Foi empregada a seguinte estratégia de busca, ("*clesrovimab*" OR "*MK-1654*") AND ("*pediatrics*" OR "*infants*"). Os critérios de inclusão compreenderam: artigos completos, publicados nos últimos 5 anos, em português, inglês ou espanhol, com população-alvo de lactentes e cuja intervenção consistiu na administração de clesrovimabe em ensaio clínico randomizado. Com auxílio da plataforma *Rayyan*, foram excluídos artigos duplicados, ensaios *in vitro*, estudos completos indisponíveis, revisões e população inelegível. Após remoção de duplicados (n=30), procedeu-se a análise dos títulos e resumos (n=18), dos quais 3 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. Destes, 2 artigos foram incluídos nesta revisão sistemática. RESULTADOS: A presente revisão sistemática analisou dois estudos de fase 1b/2a sobre o Clesrovimabe na prevenção de infecções graves e hospitalizações por VSR em lactentes. Os resultados demonstraram redução da incidência de infecções respiratórias e hospitalizações, especialmente em bebês que receberam doses mais altas, sugerindo um efeito protetor dependente da dose. O Clesrovimabe foi bem tolerado, sem eventos adversos graves, sendo os mais comuns irritabilidade e reações no local da injeção. Cerca de 36,7% dos lactentes desenvolveram anticorpos antidrogas (ADA), mas sem impacto significativo na farmacocinética. A meia-vida foi de 45 dias, garantindo proteção sustentada ao longo da temporada do VSR. No

entanto, a resposta imunogênica ADA-positiva pode influenciar a eficácia a longo prazo, exigindo investigação adicional. CONCLUSÃO: Nos estudos analisados o Clesrovimabe mostrou-se eficaz e seguro na prevenção de infecções graves e hospitalizações por VSR em lactentes, oferecendo a proteção almejada com uma única dose. Apesar dos resultados promissores, o estudo foi limitado aos artigos dos últimos cinco anos e obteve uma baixa amostra de artigos inclusos. Isso reforça a necessidade de novos ensaios clínicos que averiguem o perfil de segurança do fármaco para lactentes.

PALAVRAS-CHAVES: Anticorpos Monoclonais. Lactentes. Vírus Sincicial Respiratório Humano.

GINKGO BILOBA NA LUTA CONTRA O ALZHEIMER: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Natália Amanda Borges de Souza, Iasmim Gonçalves Almeida, Maria Paula Maciel Bomtempo, Vinícius Gonçalves Almeida

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/33

INTRODUÇÃO: A Doença de Alzheimer (DA) é uma condição neurodegenerativa progressiva que resulta em perda de memória e de outras funções cognitivas. Os tratamentos farmacológicos disponíveis atualmente têm eficácia limitada e atuam principalmente no alívio sintomático. O extrato de Ginkgo biloba (EGb 761) tem sido estudado como um possível tratamento adjuvante devido às suas propriedades neuroprotetoras, antioxidantes e anti-inflamatórias, com efeitos potenciais na redução do declínio cognitivo na DA. OBJETIVO: Investigar os efeitos do extrato de Ginkgo biloba na redução do declínio cognitivo em pacientes com Doença de Alzheimer .METODOLOGIA:Foi realizada uma revisão sistemática de artigos publicados entre 2020 e 2025 nas bases de dados PubMed, utilizando os descritores: (“Ginkgo biloba” [Mesh]) AND “Alzheimer Disease” [Mesh]. Dos 27 estudos identificados, 10 foram excluídos após triagem por não atenderem aos critérios de inclusão, como ausência de controle adequado (3), falta de avaliação direta sobre a relação entre Ginkgo biloba e o declínio cognitivo (2), estudos repetidos(1) e análise conjunta de múltiplos extratos distintos(4). Foram incluídos 17 estudos contendo ensaios clínicos randomizados, estudos de coorte e experimentais in vivo e in vitro. RESULTADOS: Os estudos indicam que o EGb 761 tem efeitos benéficos na melhoria da cognição em pacientes com DA, particularmente em estágios iniciais. Em ensaios clínicos com 2.100 pacientes, houve melhora significativa nos escores de avaliação cognitiva, como a Avaliação da Doença de Alzheimer-Subescala Cognitiva, e o MMSE, especialmente em indivíduos que receberam doses elevadas de EGb 761 por longos períodos (≥ 6 meses). Além disso, experimentos pré-clínicos demonstraram que o EGb 761 promoveu neuroproteção, reduzindo placas amiloides, melhorando a plasticidade sináptica e modulando inflamação em modelos animais. Estudos in vitro em células da microglia sugerem que o EGb 761 regula vias neuroinflamatórias, como a via de sinalização JNK, e reduz marcadores de apoptose, como a caspase-3. A modulação de proteínas associadas ao Alzheimer, como tau e beta-amiloide foi observada, reforçando o papel da Ginkgo biloba como um neuroprotetor multifuncional.Porém, alguns estudos não alcançaram melhorias significativas nos escores cognitivos em comparação ao placebo, e limitações como o tamanho amostral reduzido e a heterogeneidade dos estudos dificultam a generalização de resultados. CONCLUSÃO: Os resultados sugerem que o extrato de

Ginkgo biloba pode ser uma terapia adjuvante promissora para pacientes com Doença de Alzheimer, especialmente em estágios iniciais, pelos efeitos benéficos na cognição e na neuroproteção. No entanto, há carência de mais estudos clínicos de grande escala, com melhor padronização e duração prolongada, para validar sua eficácia no longo prazo. Melhorias metodológicas em futuros ensaios podem ajudar a definir seu papel como parte das diretrizes de tratamento da Doença de Alzheimer.

PALAVRAS-CHAVE: Antioxidantes. Declínio Cognitivo. EGb 761.

HANSENÍASE EM GOIÁS: PANORAMA ATUAL E DESAFIOS NO CONTROLE

Isabela Brito Guimarães, Samira Curado Kozak, Sarah Ormond Curado, Heloísa Silva Guerra

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/34

INTRODUÇÃO: A Hanseníase é uma doença crônica e infectocontagiosa, cujo agente etiológico é o *Mycobacterium Leprae*, que infecta nervos periféricos e, principalmente, as células de Schwann. É transmitida por meio de contato próximo e prolongado entre uma pessoa doente e uma pessoa suscetível, atinge pessoas de qualquer sexo e idade, e apesar de não possuir risco de mortalidade, pode evoluir causando incapacidades físicas. O Brasil ocupa o 2º lugar do mundo em registros de novos casos de hanseníase, representando um grande problema de saúde pública. OBJETIVO: Caracterizar o perfil epidemiológico de pessoas com Hanseníase em Goiás no período de 2014 a 2024, além de analisar a tendência dos casos ao longo dos anos. METODOLOGIA: Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo baseado na análise de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS- Tabnet) no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Foram analisados os casos de hanseníase com base nas variáveis local (Goiás), ano (2014 a 2024), microrregião IBGE de notificação, sexo, raça, idade, classificação operacional, forma clínica e avaliação de incapacidade. Os resultados foram expressos em números absolutos de casos. RESULTADOS: Entre 2014 e 2024, o estado de Goiás registrou 16.186 casos de Hanseníase, sendo Goiânia a cidade com maior número de notificações com 5.727 casos. Observou-se uma disparidade de gênero, com uma maior predominância no sexo masculino (10.189 casos) em comparação com o sexo feminino (6.701 casos). A raça mais acometida foi a parda (9.796 casos) seguida da branca (4.432 casos). A faixa etária com maior número de registros foi dos 40 a 49 anos com 3.717 casos, no entanto, chama a atenção os 541 casos diagnosticados em crianças e adolescentes (0-14 anos). Quanto à classificação operacional, foram identificados 2.729 casos de hanseníase paucibacilar e 13.201 multibacilar. Ainda, dentre as formas clínicas, a indeterminada apresentou 1.690 casos, a tuberculoide, 1.253 casos, a dimorfa, 8.503 casos, e a virchowiana 3.546 casos. Ademais, segundo a avaliação de incapacidade, 9.901 casos foram classificados como grau zero, 3.867 como grau I e 1.258 grau II. Ao longo do período analisado, verificou-se uma redução anual do número de casos passando de 2.288 em 2014 para 871 casos em 2024. Entretanto, essa tendência pode estar associada a múltiplos fatores. CONCLUSÃO: A análise dos dados revela que a hanseníase em Goiás apresentou maior frequência na população adulta, especialmente na faixa etária de 40 a 49

anos, de sexo masculino, raça parda e com classificação multibacilar, o que provavelmente se relaciona à pouca informação da população acerca da doença, dificuldades no acesso aos serviços de saúde e comportamento de risco. Destaca-se a necessidade de intervenções nos referidos grupos, com foco no diagnóstico precoce, garantindo acesso oportuno ao tratamento, afim de que a doença não evolua causando prejuízos ao indivíduo.

PALAVRAS CHAVE: Epidemiologia. Goiás. Hanseníase. Saúde pública.

HERPES ZOSTER OCULAR: DIAGNÓSTICO PRECOCE E INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

Júlia Grossi Sampaio Rosa, Maria Angélica Bernardini Almeida de Oliveira, Maria Paula Vasconcelos Feldner, Rodrigo Egídio da Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/35

INTRODUÇÃO: O herpes zóster ocular (HZO) é uma complicação do herpes zóster, resultante da reativação do vírus varicela-zóster (VZV) no nervo oftálmico, e pode causar sérias complicações, incluindo ceratite, glaucoma e até perda permanente da visão. O diagnóstico precoce é importante para reduzir o risco de sequelas, sendo baseado em sinais clínicos com confirmação laboratorial por meio de técnicas como a PCR. O tratamento envolve o uso de antivirais, como o aciclovir, para controlar a replicação viral, além de intervenções específicas para complicações oculares, como ceratite neurotrófica, que podem exigir lentes terapêuticas ou o uso de fatores de crescimento epitelial. OBJETIVOS: Revisar os avanços no diagnóstico e nas opções terapêuticas para o HZO, destacando a importância da intervenção precoce para melhorar os resultados clínicos e a qualidade de vida dos pacientes. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão de literatura, a partir da base de dados PubMed, em março de 2025, com os descritores “Herpes Zoster Ophthalmicus/diagnosis”[Mesh] e “Herpes Zoster Ophthalmicus/therapy”[Mesh] separados pelo operador booleano “AND”. Diante disso, foram utilizados os filtros “free full text” e “in the last 5 year”. Nesse sentido, a pesquisa resultou em 12 artigos, os quais foram selecionados para leitura e análise do texto completo. RESULTADOS: O HZO pode levar a uma variedade de manifestações oculares, incluindo conjuntivite, ceratite, episclerite, uveíte e, em casos graves, vasculite cerebral e paralisia do nervo abducente. A recorrência teve uma taxa de 23% entre os pacientes acompanhados, sendo mais comum em imunossuprimidos e naqueles com pressão intraocular elevada ou uveíte associada. A suspensão abrupta de corticosteróides tópicos também foi um fator de risco, com 90% das recidivas ocorrendo até sete meses após a interrupção do uso.A uveíte acometeu até 47,6% dos pacientes, sendo diagnosticada mais frequentemente na segunda semana após o rash. Ela está associada a um maior risco de cicatrizes corneanas, ceratopatia em faixa, fusão corneana, glaucoma e perda visual progressiva. O tratamento precoce com antivirais dentro das primeiras 72 horas foi eficaz na redução da perda visual moderada. O manejo da dor no HZO com o uso da neuromodulação dupla demonstrou alívio significativo mantido até 12 meses após a intervenção. CONCLUSÃO: A alta taxa de recorrência do HZO, especialmente em pacientes imunossuprimidos ou com uveíte associada, destaca a necessidade de monitoramento

rigoroso. O controle das complicações oculares exige o uso criterioso de corticosteróides e vigilância da pressão intraocular para prevenir danos progressivos. O tratamento antiviral precoce foi eficaz na preservação da visão. Além disso, novas abordagens terapêuticas, como a neuromodulação dupla, surgem como estratégias promissoras para o controle da dor crônica, contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Complicações oculares. Inflamação ocular. Uveíte.

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRECISÃO DO DIAGNÓSTICO DA DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Larissa Pereira Santos, Ana Luísa Teixeira Castanheira, Sophia Soares Teixeira de Souza, Roseliane de Souza Araújo

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/36

INTRODUÇÃO: A Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) é uma condição de alta prevalência com diagnóstico estabelecido por critérios clínicos, espirometricos e tomográficos. A incorporação das novas tecnologias tem se mostrado promissora na análise de exames de imagens, espirometria e padrões clínicos, permitindo uma identificação mais precisa no diagnóstico das doenças pulmonares. A análise de estudos demonstrou que ferramentas da Inteligência Artificial (IA), quando aliadas às abordagens tradicionais são capazes de superar abordagens convencionais isoladamente. OBJETIVO: Analisar o impacto da IA na precisão do diagnóstico da DPOC. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática realizada a partir da base de dados PubMed, utilizando os descritores “Artificial Intelligence” , “Machine Learning” e “COPD” e os operadores booleanos “AND” e “OR”. Foram obtidos 63 estudos, sendo 11 deles inclusos, todos disponibilizados integralmente e gratuitamente, publicados nos últimos 5 anos e que se enquadraram em revisão, meta-análise e ensaio randomizado controlado Artigos que não se adequaram ao tema principal (23) foram excluídos. RESULTADOS: A análise dos estudos indicou que a IA tem um impacto significativo na precisão do diagnóstico da DPOC e um papel crescente no manejo da doença. Algoritmos de machine e deep learning mostraram alta sensibilidade e especificidade na identificação da doença, sendo que um dos estudos analisou redes neurais treinadas com dados de espirometria, mostrando que a IA superou a avaliação clínica tradicional na detecção precoce da doença. Além disso, modelos baseados em redes neurais convencionais foram eficazes na análise de imagens, diferenciando DPOC de outras condições, como asma e fibrose pulmonar, com uma taxa de acurácia superior a 90% em alguns estudos, enquanto outra análise evidenciou uma melhora na capacidade de distinguir padrões específicos da DPOC com a utilização de tomografias de alta resolução associadas a algoritmos de IA. Esta tecnologia também foi aplicada na previsão da progressão da doença e na resposta ao tratamento, utilizando dados como função pulmonar ao longo do tempo, questionários de qualidade de vida e biomarcadores indiretos de inflamação sistêmica. No entanto, a associação da IA com biomarcadores clínicos ainda apresenta limitações, pois a DPOC não possui biomarcadores específicos amplamente validados. Apesar dos avanços, a implementação eficaz da IA na prática clínica depende

da disponibilidade de grandes volumes de dados de qualidade, evitando viés algorítmico e garantindo interpretação adequada para profissionais de saúde. CONCLUSÃO: Apesar do uso da IA representar um avanço significativo na medicina respiratória, oferecendo ferramentas que auxiliam os profissionais de saúde na identificação e manejo dessas condições de forma mais eficaz, foi observado que muito ainda deve ser feito para que esse diagnóstico seja feito da melhor forma possível.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico. DPOC. Inteligência artificial. Tecnologia.

IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO EXCESSIVA A TELAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DE CRIANÇAS DE ATÉ 5 ANOS

Érika Balestra de Macedo e Silva, Carlos Henrique dos Santos, Deborah Abucarma Soares, Isadora Carvalho Medeiros Francescantonio

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/37

INTRODUÇÃO: O desenvolvimento na primeira infância é influenciado pela exposição a dispositivos eletrônicos. A popularização de telas entre crianças menores de 5 anos gerou debates sobre seus efeitos em habilidades como linguagem, atenção e interação social. Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Academia Americana de Pediatria (AAP) recomendem limitar o tempo de tela a uma hora diária para essa faixa etária, estudos recentes apontam que a relação entre exposição e desenvolvimento infantil é complexa, envolvendo não apenas a quantidade de uso, mas também o tipo de conteúdo, o contexto familiar e o momento da exposição. OBJETIVOS: Identificar os efeitos do tempo de tela excessivo no desenvolvimento cognitivo, socioemocional e de linguagem em crianças de até 5 anos. Avaliar como variáveis como qualidade do conteúdo, supervisão parental e atividades complementares influenciam esses efeitos. MÉTODOS: Realizou-se uma revisão sistemática de literatura, conduzida na base PubMed, empregando os descritores “Screen time”, “Cognitive development” e “Children” (com o operador booleano AND), com filtros para acesso gratuito, publicações dos últimos cinco anos e com crianças de 2 a 5 anos. Inicialmente, foram identificados 14 artigos, dos quais foram selecionados 10 estudos relevantes para essa pesquisa. RESULTADOS: A exposição precoce e prolongada a telas está associada a déficits cognitivos e socioemocionais. Crianças que passam mais de 1 hora por dia em telas apresentam menor QI, memória de trabalho e velocidade de processamento, especialmente quando a exposição aumenta abruptamente aos 24 ou 36 meses. Conteúdos com alta carga sensorial prejudicam funções executivas, como controle inibitório e atenção sustentada. Em contraste, o uso supervisionado de conteúdos educacionais, associado à interação parental (co-viewing), reduziu impactos negativos. O tempo de tela excessivo também correlacionou-se com atrasos na linguagem, hiperatividade e dificuldades socioemocionais. Um estudo com 189 crianças na Índia mostrou que 45% das que usavam telas por mais de 3 horas diárias tinham déficits em atenção e habilidades sociais. A supervisão parental inconsistente agravou esses efeitos. A exposição noturna às telas reduziu a eficiência do sono em 15%, mas sem impacto direto na atenção. Brincadeiras ao ar livre frequentes mitigaram parcialmente os efeitos negativos, reduzindo déficits em habilidades diárias em 18%. A interação social e o estímulo físico foram fatores protetores

essenciais. Estratégias como evitar telas antes de dormir e priorizar conteúdos educativos ajudaram a mitigar riscos. CONCLUSÃO: O tempo excessivo de tela pode comprometer o desenvolvimento infantil, mas seus efeitos podem ser reduzidos por meio do controle do tempo, escolha de conteúdos educativos e incentivo a atividades físicas e interações sociais. Estratégias equilibradas são fundamentais para promover hábitos saudáveis na primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento Infantil. Desenvolvimento de Linguagem. Tempo de Tela.

IMPLICAÇÕES DO RESFRIAMENTO DE POLO CEFÁLICO EM RECÉM NASCIDOS COM ASFIXIA PERINATAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

Maria Eduarda Ferreira de Moraes, Maria Laura Abrão Morais, Neide Márjore Santos Almeida, Isadora Carvalho Medeiros Francescantonio

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/38

INTRODUÇÃO: A encefalopatia hipóxico-isquêmica, resultante da privação severa de oxigênio durante o parto, é uma das principais causas de mortalidade neonatal e sequelas neurológicas, especialmente em países de baixa renda. Desde 2010, a hipotermia terapêutica tornou-se o tratamento padrão, reduzindo a mortalidade e as complicações neurológicas quando iniciada nas primeiras seis horas de vida e mantida por 72 horas. Os dois métodos principais, o resfriamento seletivo do polo cefálico e o resfriamento corporal total, apresentam eficácia semelhante. No entanto, a técnica seletiva pode oferecer vantagens ao minimizar efeitos sistêmicos adversos e focar a neuroproteção na região cortical. OBJETIVOS: Elucidar as vantagens do resfriamento de polo cefálico na redução de complicações e de mortalidade em casos de asfixia perinatal. METODOLOGIA: Realizou-se uma revisão sistemática através do PubMed, utilizando os descritores “Perinatal asphyxia” e “Head cooling”, conectados pelo operador booleano «AND», e o filtro “texto completo gratuito”. Foram encontrados 16 artigos e selecionados 12, com base nos critérios de inclusão: estudos em humanos e animais, abordando hipotermia terapêutica de polo cefálico, independentemente da presença desse termo no título. Excluíram-se 3 estudos que não estavam relacionados ao tema ou ao objetivo e 1 por ser um relato de caso. RESULTADOS: A hipotermia terapêutica reduz o metabolismo cerebral em aproximadamente 5% por cada 1 °C de queda na temperatura corporal, exercendo efeito neuroprotetor por meio da modulação da apoptose, redução da liberação de glutamato e espécies reativas de oxigênio, além da inibição da resposta inflamatória. O resfriamento seletivo do polo cefálico demonstrou potencial para reduzir complicações neurológicas e mortalidade em neonatos com asfixia perinatal, ao resfriar preferencialmente a região cortical e minimizar lesões isquêmicas. Evidências sugerem que sua eficácia depende da instituição precoce, idealmente nas primeiras seis horas após o insulto hipóxico-isquêmico. Entretanto, desafios como gradientes térmicos e vulnerabilidade subcortical permanecem. Embora efeitos adversos, como hipotensão e distúrbios metabólicos, tenham sido observados, a técnica apresenta um perfil de segurança comparável à hipotermia sistêmica. CONCLUSÃO: Os achados desta revisão demonstram que a hipotermia terapêutica é a técnica mais eficaz no tratamento da encefalopatia hipóxico-isquêmica em recém-nascidos, com destaque para o

resfriamento seletivo de polo cefálico, no contexto da redução de sequelas e das taxas de mortalidade. Assim, conhecimentos relativos ao controle correto da temperatura, o tempo de início e fim do procedimento, e os possíveis efeitos adversos são essenciais para a segurança dos neonatos e êxito da técnica. Dessa forma, estudos futuros são essenciais para otimizar sua aplicação clínica e validar sua segurança e benefícios.

PALAVRAS-CHAVE: Asfixia perinatal. Hipotermia terapêutica. Resfriamento cefálico.

INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS PADRÕES ALIMENTARES E SAÚDE DIGESTIVA: COMO A EXPOSIÇÃO A INFLUENCERS E CONTEÚDOS DIGITAIS PODE LEVAR A MODIFICAÇÕES NOS HÁBITOS ALIMENTARES E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE

Júlia Faria dos Santos Lamaro Frazão, Hartur Fontes Assis de Sousa, Maria Eduarda Macedo Guedes Coelho, Américo de Oliveira Silvério

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/39

INTRODUÇÃO: As redes sociais têm exercido uma influência significativa sobre os hábitos alimentares da população, impactando diretamente a saúde do sistema digestivo. A exposição constante a influenciadores digitais e a conteúdos sobre nutrição tem moldado comportamentos alimentares, muitas vezes promovendo dietas restritivas e incentivando o consumo de alimentos ultraprocessados. Essas práticas, desprovidas de embasamento científico, podem desencadear problemas gastrointestinais e outras complicações de saúde. Os jovens, em especial, são o grupo mais afetado, pois buscam se adequar a padrões estéticos irreais difundidos nas redes, o que pode levar a escolhas alimentares prejudiciais. OBJETIVO: Analisar o impacto das redes sociais e dos influenciadores digitais nos hábitos alimentares e na saúde digestiva. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, com busca nas principais bases de dados, como PubMed e SciElo. Os descritores utilizados foram: “social media influence” AND “eating habits” AND “gastrointestinal health”. Após uma verificação dos estudos, foram escolhidos 9 artigos que se relacionavam com o tema para uma análise mais detalhada e confecção desta revisão. RESULTADOS: Estudos demonstram que a exposição a conteúdos digitais e influenciadores pode ocasionar mudanças nos hábitos alimentares. O público mais afetado são os jovens de 18 a 25 anos, sendo as mulheres o grupo mais vulnerável à pressão estética. As redes sociais frequentemente levam o público feminino a acreditar que não atendem ao corpo considerado ideal e, por isso, iniciam uma busca desenfreada a esse padrão. Muitas vezes, isso resulta no uso de métodos prejudiciais à saúde, como dietas extremamente restritivas, medicamentos supressores de apetite sem prescrição médica, como os análogos de GLP1, e chás emagrecedores. Em relação ao tempo de tela e a alimentação, foi analisado que a maior exposição às mídias sociais esteve associada ao maior consumo de doces, snacks salgados, refrigerantes, sucos de fruta enlatados e fast foods, além do menor consumo de frutas, fibras e vegetais. O alto consumo de alimentos ultraprocessados, caracterizados pelo elevado teor de açúcares, gorduras e sódio, tem sido amplamente divulgado nas redes sociais, podendo contribuir para o desenvolvimento de

doenças crônicas e de problemas gastrointestinais, como desequilíbrios na flora intestinal e síndrome do intestino irritável. CONCLUSÃO: Conclui-se que a exposição às redes sociais está intimamente relacionada com a procura de dietas extremas e métodos que corroboram comportamentos prejudiciais à saúde. Além disso, a maior exposição às mídias sociais esteve atrelada ao maior consumo de alimentos ultraprocessados e ao menor consumo de alimentos saudáveis. Esses achados destacam a necessidade de estratégias educativas que promovam escolhas alimentares saudáveis e o uso equilibrado das redes sociais, com o objetivo de favorecer o bem-estar e a saúde mental e digestiva da população.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo alimentar. Dietas restritivas. Doenças gastrointestinais. Pressão estética.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CARDIOLOGIA: O IMPACTO DOS ALGORITMOS NA READMISSÃO HOSPITALAR DE PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA

Amanda Gêa Gomes Gonçalves, Maria Eduarda Machado de Araújo Silva, Sarah Cardoso Caldas, Otaviano Ottoni da Silva Netto

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/40

INTRODUÇÃO: A insuficiência cardíaca (IC) é uma condição comum e de elevado impacto nos sistemas de saúde devido a sua elevada taxa de readmissão hospitalar. Nesse contexto, a inteligência artificial (IA) surgiu como uma ferramenta promissora, ocupando o lugar dos modelos tradicionais de predição, permitindo que seja feita a análise de grandes volumes de dados e a construção de algoritmos mais precisos. Modelos de aprendizado de máquina (ML), como redes neurais profundas e algoritmos baseados em árvores de decisão, têm demonstrado bons desempenhos na previsão da readmissão de pacientes portadores de IC. OBJETIVOS: Avaliar o impacto da inteligência artificial, a partir do uso de algoritmos, na predição de readmissão hospitalar em pacientes com IC, bem como discutir os desafios e os impactos clínicos. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura científica, seguindo as diretrizes Prisma. A revisão utilizou como bases de dados bibliográficas: Medline/PubMed, com os seguintes descritores: “Artificial Intelligence”, “Therapeutics”, “Diagnosis” e “Heart Failure”, e o operador booleano “AND”. Critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos 5 anos e disponíveis gratuitamente. Critérios de exclusão: publicações que não abordam o tema e com tempo de publicação maior que cinco anos. RESULTADOS: A aplicação IA na predição de readmissão hospitalar em pacientes com insuficiência cardíaca demonstrou alto potencial para melhorar a estratificação de risco. Modelos de ML e deep learning superaram abordagens tradicionais ao integrar variáveis clínicas, biomarcadores, dados de ECG e Patient-Reported Outcomes (PROs). Em um dos estudos, pacientes com IC e fração de ejeção preservada (ICFEp), o modelo LightGBM apresentou desempenho superior, sendo uma ferramenta eficaz para a predição de readmissão em pacientes com ICFEp, com potencial para melhorar o manejo clínico, identificando a razão E/e’, classe NYHA e FEVE como os principais preditores. Além disso, incorporação dos PROs aos modelos melhorou a previsão de readmissão hospitalar em pacientes ICC, aumentaram a sensibilidade na detecção de pacientes em risco, sendo, fadiga, dispneia e percepção da qualidade de vida, os principais fatores. Notou-se também que modelos de deep learning aprimoraram a seleção de candidatos à Terapia de Ressincronização Cardíaca (TRC), superando os critérios convencionais e revelando biomarcadores ocultos associados à resposta ao tratamento. CONCLUSÃO: A inteligência

artificial demonstrou ser eficiente na previsão de readmissões hospitalares em pacientes com IC. Contudo, desafios como heterogeneidade dos PROs, generalização dos modelos, interpretação clínica dos resultados e necessidade de validação externa ainda precisam ser superados para garantir sua ampla adoção na prática médica. Apesar dessas limitações, os achados indicam que a IA pode possibilitar intervenções precoces, melhoria nos desfechos clínicos e na qualidade do atendimento e redução das readmissões.

PALAVRAS-CHAVE: Insuficiência cardíaca. Inteligência artificial. Readmissão hospitalar.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO TRATAMENTO DE QUEIMADURAS CUTÂNEAS

Laura Ribeiro Alves, Andréia da Silva Almeida, Kesia Morais de Lima, Vinicius Barreto da Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/41

INTRODUÇÃO: As queimaduras cutâneas exigem diagnóstico preciso e tratamento eficaz para reduzir complicações e otimizar a cicatrização. A inteligência artificial (IA) tem se mostrado promissora ao automatizar a análise de imagens, classificar a profundidade das lesões e personalizar intervenções. OBJETIVOS: Descrever a aplicabilidade da inteligência artificial no diagnóstico, classificação e tratamento de queimaduras cutâneas, destacando seu impacto na precisão diagnóstica, no planejamento terapêutico e no monitoramento da cicatrização. METODOLOGIA: Foi realizado um levantamento bibliográfico na base de dados "Medical Literature Analysis and Retrieval System Online" (MEDLINE) via PubMED, utilizando os descritores "Artificial Intelligence", "Skin Burns" e "Treatment", combinado pelo operador booleano (AND), publicados entre 2015 e 2024, em inglês, resultando em 12 publicações. Incluíram textos completos gratuitos, ensaios clínicos, controlados e randomizados, revisões sistemáticas e de literatura, selecionando-se 08 artigos. RESULTADO: Modelos de aprendizado profundo e redes neurais convolucionais (CNNs) demonstraram alta precisão na predição da profundidade de queimaduras, superando a avaliação clínica tradicional. A ResNet-101 apresentou acurácia de até 88,06% na diferenciação entre queimaduras superficiais, intermediárias e profundas. O uso de imagens multiespectrais combinado com aprendizado profundo mostrou-se eficaz na segmentação de tecidos em cirurgias de excisão de queimaduras, auxiliando na preservação de tecido saudável. Modelos baseados em aprendizado de máquina aplicados à reflectância SFDI permitiram a classificação de queimaduras por profundidade, contribuindo para um planejamento terapêutico mais preciso. Além disso, sistemas baseados em IA foram utilizados para monitoramento da cicatrização, integrando imagens médicas e biomarcadores moleculares. A modulação epigenética por lidocaína e a análise de pequenos RNAs derivados de tRNA foram identificadas como possíveis alvos terapêuticos na cicatrização hipertrófica, com potencial para futuras aplicações assistidas por IA. CONCLUSÃO: Os avanços no uso da inteligência artificial no tratamento de queimaduras demonstram grande potencial para otimizar diagnósticos, monitoramento e intervenções cirúrgicas. Modelos de aprendizado profundo, imagens multiespectrais e biomarcadores moleculares melhoram a precisão na avaliação da profundidade das lesões e na segmentação de tecidos, contribuindo para tratamentos mais eficazes. A integração da IA no planejamento terapêutico e no acompanhamento da

cicatrização reduz complicações e aprimora os desfechos clínicos. O contínuo avanço dessas tecnologias pode revolucionar o manejo das queimaduras, tornando os cuidados mais ágeis e personalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado de máquina. Cicatrização. Diagnóstico. Pele. Redes neurais.

MANIFESTAÇÕES OCULARES DO VÍRUS MONKEYPOX E SUAS RESPOSTAS IMUNOLÓGICAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Laila Youssef, Isadora Moulin Lima Rezende de Castro, Juliana Monteiro Silva Cunha, Rodrigo Egídio da Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/42

INTRODUÇÃO: A infecção pelo vírus Monkeypox (MPXV) é uma zoonose pertencente ao gênero *Orthopoxvirus* e manifesta-se clinicamente com sintomas de febre, linfadenopatia e erupções cutâneas. Além das manifestações clássicas, o sistema ocular também pode ser afetado, caracterizado por desconforto ocular, conjuntivite, hiperemia conjuntival e lesões conjuntivais detectáveis por biomicroscopia e teste de fluoresceína. No entanto, essas manifestações são pouco conhecidas e frequentemente subdiagnosticadas. O reconhecimento precoce e a compreensão das respostas imunológicas associadas são essenciais para melhorar o diagnóstico e manejo desses casos. OBJETIVOS: Investigar as manifestações oculares da infecção pelo MPXV e as respostas imunológicas associadas. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura realizadas em artigos das bases Pubmed e Lilacs a partir da utilização dos descritores "*Monkeypox virus*", "*immune response*" e "*ocular manifestation*", utilizando o operador booleano "*AND*" e os filtros "*last five years*" e "*free full text*", resultando em sete artigos, analisados integralmente. RESULTADOS: As manifestações oculares causadas pelo Monkeypox incluem conjuntivite, blefarite, ceratite, ulceração corneana e, em casos graves, perda visual. No que se refere à resposta imunológica, observou-se que o MPXV utiliza diversos mecanismos para evadir o sistema imune do hospedeiro, secretando proteínas que inibem moléculas essenciais da resposta antiviral, como IFN-γ, IL-1ß e componentes do sistema complemento. Além disso, interfere na via do fator de transcrição IRF3, reduzindo a produção de interferon tipo I (IFN-α e IFN-ß), comprometendo a ativação de células imunológicas. Outro achado é a produção de quimiocinas semelhantes à *monocyte inhibitory protein* (MIP-1α/ß), que antagonizam a migração de leucócitos para o local da infecção. CONCLUSÃO: As manifestações oculares da infecção pelo MPXV são variadas e podem levar a complicações significativas caso não sejam diagnosticadas e tratadas precocemente. Ademais, a compreensão dos mecanismos imunológicos envolvidos na resposta ocular ao vírus da Monkeypox é fundamental para aprimorar as estratégias de manejo clínico eficazes.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações Oculares. Monkeypox vírus. Resposta Imunológica.

MECANISMOS DE AÇÃO DO MELÃO-DE-SÃO-CAETANO NO CONTROLE DO METABOLISMO DA GLICOSE EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Iasmim Gonçalves Almeida, Maria Paula Maciel Bomtempo, Natália Amanda Borges de Souza, Vinícius Gonçalves Almeida

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/43

INTRODUÇÃO: A Diabetes Mellitus (DM) é uma doença crônica caracterizada pela hiperglicemia, resultante de falhas no metabolismo da glicose. O manejo envolve intervenções farmacológicas, dietéticas e comportamentais. Estudos recentes investigam o potencial terapêutico de plantas medicinais no controle glicêmico, destacando-se o Momordica charantia (Melão-de-São-Caetano) por suas propriedades hipoglicemiantes. No entanto, seus mecanismos de ação ainda são pouco compreendidos. OBJETIVO: Investigar os mecanismos de ação do Melão-de-São-Caetano no metabolismo da glicose. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática na plataforma PubMed, utilizando os descritores: (“Momordica charantia”[Mesh]) AND (“Diabetes Mellitus, Type 2”[Mesh]), abrangendo o período de 2001 a 2025. Foram identificados 52 estudos em inglês, dos quais 31 foram incluídos na análise final. Vinte e um estudos foram excluídos por critérios como: artigo retratado (1), sem conclusões definitivas (1), sem abordagem direta do Melão-de-São-Caetano (3), indisponível (1) e sem investigação específica dos mecanismos glicêmicos (15). A análise qualitativa focou nos mecanismos de ação propostos e suas implicações terapêuticas. RESULTADOS: O uso de Momordica charantia (MC) demonstrou benefícios no manejo do DM2 em estudos pré-clínicos e clínicos. Em modelos experimentais, MC promoveu normoglicemia pelo aumento da expressão gênica de Insulin e Pdx1 e redução de Glut2, além de aumento no número e tamanho dos ilhéus pancreáticos. No fígado, apresentou efeito hepatoprotetor, normalizando ALT, AST e ALP. Frações ricas em triterpenoides foram associadas à melhora da hiperglicemia, redução da esteatose hepática e diminuição de mediadores inflamatórios (IL-1β e iNOS). Em ensaios clínicos, o consumo de 200 mL/dia de suco de MC por 90 dias reduziu a glicemia de jejum (GJ) e pós-prandial (GPP) em comparação ao tratamento farmacológico isolado. Apesar de não alterar HbA1c, MC mostrou-se seguro, sem eventos adversos relevantes. Sua ação hipoglicemiante foi atribuída ao aumento da sensibilidade à insulina, secreção de GLP-1 e substituição parcial da função insulínica, mediados pela ativação de receptores gustativos intestinais. A análise química identificou compostos bioativos, como triterpenoides e o peptídeo adMc1, que inibem DPP-IV, SGLT1 e GLUT2, corroborando o efeito hipoglicemiante. Em

modelos animais, MC reduziu GJ, HbA1c e demonstrou efeitos protetores hepato-renais significativos. CONCLUSÃO: Os achados evidenciam o potencial terapêutico de Momordica charantia como adjuvante no manejo do DM2, atuando na preservação das células beta-pancreáticas, redução da resistência insulínica e proteção hepato-renal. A segurança e eficácia observadas justificam a necessidade de padronização dos extratos bioativos e ensaios clínicos randomizados de maior escala. Momordica charantia desponta como uma alternativa promissora no controle glicêmico e metabólico.

PALAVRAS-CHAVES: Momordica charantia. Diabetes mellitus. Controle glicêmico.

MECANISMOS IMUNOLÓGICOS DA LEISHMANIOSE: RESPOSTA DO HOSPEDEIRO E EVASÃO PARASITÁRIA

Letícia Moraes Brito Barros, Lara Auad Forte, Larissa Pereira Santos, Marcus Vinicius Milki

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/44

INTRODUÇÃO: A leishmaniose trata-se de uma doença tropical e endêmica no Brasil causada por protozoários do gênero *Leishmania sp.* e transmitida pela picada de flebotomíneos infectados. Sua resposta imune varia conforme a interação parasita-hospedeiro, influenciando a disseminação sistêmica da infecção. A compreensão da modulação imunológica da resposta do hospedeiro e das estratégias de evasão do parasita auxilia no controle da doença, uma vez que a imunossupressão progressiva leva à possíveis infecções bacterianas, disfunção de órgãos e à morte. OBJETIVO: Investigar os mecanismos imunológicos que determinam a resposta do hospedeiro à infecção por *Leishmania sp*. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática realizada a partir da base de dados PubMed, utilizando os descritores “Visceral Leishmaniasis”, “Immunology”, “Host” e “Brazil” e o operador booleano “AND”. Foram obtidos 26 estudos, sendo 9 deles inclusos, todos disponibilizados integralmente e gratuitamente e publicados nos últimos 5 anos. Artigos que não se adequaram ao tema principal (17) foram excluídos. RESULTADOS: Observou-se que 7 dos 9 estudos destacaram a capacidade do parasita de modular a resposta imune, favorecendo sua sobrevivência e persistência no organismo. Um dos principais mecanismos de evasão foi a produção de citocinas anti-inflamatórias, como IL-10 e TGF-β, relatada em 6 estudos, promovendo tolerância imunológica e suprimindo a resposta inflamatória efetora. Além disso, 5 estudos descreveram a manipulação das células dendríticas pelo parasita, afetando a maturação e a capacidade de ativar linfócitos T efetores. A interferência na ativação das células T CD4+ e CD8+, também relatada em 6 estudos, demonstraram que a *Leishmania sp*. favorece a diferenciação de células T reguladoras (Tregs) em detrimento da resposta Th1, necessária para a eliminação do patógeno. Outro aspecto identificado em 7 estudos foi a inibição da apresentação antigênica pelas células fagocíticas, especialmente os macrófagos, que apresentaram redução na expressão de moléculas do Complexo Principal de Histocompatibilidade (MHC) de classe II e na produção de óxido nítrico (NO), essencial para a eliminação do parasita. No contexto brasileiro, 4 estudos abordaram a influência de fatores genéticos e epidemiológicos na resposta imune, sugerindo que polimorfismos em genes relacionados à imunidade inata podem impactar a susceptibilidade à infecção e a gravidade da doença. CONCLUSÃO: Constatou-se que a *Leishmania sp.* adota múltiplos

mecanismos para modular a resposta imune do hospedeiro, favorecendo sua sobrevivência e persistência no organismo. A produção de citocinas anti-inflamatórias, a manipulação das células dendríticas e a inibição da ativação de linfócitos T CD4+ e CD8+ são estratégias fundamentais para a evasão imunológica. Portanto, o entendimento da susceptibilidade e da progressão da infecção contribui para o desenvolvimento de estratégias de controle da doença, principalmente em regiões endêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Interações Hospedeiro-Parasita. Imunologia. Leishmaniose.

MECANISMOS NEUROLÓGICOS DA DEPRESSÃO PÓS-AVC: IMPLICAÇÕES PARA O DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Caroline Rischellye Gomes Martins, Jessyka Karoline Marques Cerqueira, Júlia Garcia Soares, Luis Cláudio Bochenek

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/45

INTRODUÇÃO: O acidente vascular cerebral (AVC) é uma das principais causas de morbidade e mortalidade em todo o mundo, frequentemente resultando em sequelas neurológicas e cognitivas que impactam a qualidade de vida dos pacientes. Entre as complicações pós-AVC, a depressão pós-AVC (DPAVC) se destaca como uma das mais prevalentes e debilitantes, afetando aproximadamente um terço dos indivíduos que sobrevivem a um episódio cerebrovascular. Caracterizada por sintomas depressivos persistentes, a DPAVC está associada a piores desfechos funcionais, menor adesão ao tratamento e aumento do risco de mortalidade. Os seus mecanismos envolvem uma interação complexa entre fatores biológicos, estruturais e inflamatórios, ainda não totalmente conhecidos. Evidências sugerem que alterações em circuitos neurais responsáveis pela regulação do humor, como disfunções nas conexões entre o córtex pré-frontal, a amígdala e os gânglios da base, desempenham um papel central no desenvolvimento da DPAVC. Além disso, a neuroinflamação, o estresse oxidativo e as alterações nos níveis de neurotransmissores parecem estar relacionados com a sua fisiopatologia. OBJETIVOS: O estudo possui como objetivo analisar os principais mecanismos neurológicos envolvidos na fisiopatologia da DPAVC, destacando suas implicações para o diagnóstico e tratamento dessa condição. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura na qual se utilizou a base de dados PubMed com os descritores “(“Post-Stroke Depression” OR “PSD”)” AND “(“Stroke” OR “Cerebrovascular Accident”)” AND “(“Neurological Mechanisms” OR “Pathophysiology”)”, utilizando-se o filtro “Free full text”. Foram selecionados 21 artigos dos 24 presentes, excluindo aqueles não relacionados ao tema. RESULTADOS: A DPAVC envolve disfunções no eixo HPA, neuroinflamação e alterações em neurotransmissores (serotonina, dopamina, glutamato), agravadas por polimorfismos genéticos, deficiência de vitamina B12 e níveis elevados de homocisteína. Esses fatores levam a lesões cerebrais, ativação microglial exacerbada e redução da conectividade neural, prejudicando funções emocionais e cognitivas. Por outro lado, o convívio social demonstrou reduzir a neuroinflamação por meio da liberação de oxitocina, protegendo contra danos neuronais. Além disso, abordagens terapêuticas como antidepressivos (ISRSs, IRSNs, aloe-emodina) e métodos complementares, como qEEG e biomarcadores, mostraram perspectivas promissoras no manejo da PSD. CONCLUSÃO:

Esta revisão destaca a complexa interação entre disfunções neuroendócrinas, inflamação e alterações nos neurotransmissores na depressão pós-AVC. A compreensão desses mecanismos é essencial para aprimorar o diagnóstico e desenvolver abordagens terapêuticas mais eficazes. Estratégias que reduzem a neuroinflamação e restauram o equilíbrio neural, aliadas ao suporte social, mostram-se promissoras. Estudos futuros são essenciais para avançar no manejo da DPAVC e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Acidente vascular cerebral. Diagnóstico Neurológico. Transtornos Depressivos. Neurofisiologia e Terapêutica.

MENINGITE NO ESTADO DE GOIÁS: FREQUÊNCIA, ETIOLOGIAS E PERFIL SOCIOEPIDEMIOLÓGICO

Arthur Batista Muniz Silva, Ihury Jhonson Evangelista Alves de Lima, Gabriela Dias Neiva, Juarez Antônio de Sousa

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/46

INTRODUÇÃO: A meningite é uma condição grave, frequentemente causada por infecções bacterianas, virais ou fúngicas. O diagnóstico precoce é um desafio, pois o quadro clínico inicial pode ser semelhante a outras infecções. Além disso, as manifestações neurológicas podem evoluir rapidamente, levando a sequelas severas ou óbito, particularmente em casos bacterianos. A identificação da etiologia precisa e o tratamento imediato são cruciais para a redução das sequelas, sendo a vigilância epidemiológica essencial para prevenir surtos e melhorar os desfechos clínicos. OBJETIVOS: Investigar a incidência dos diferentes tipos de meningite no estado de Goiás. MÉTODOS: Este é um estudo transversal descritivo retrospectivo, com abordagem quantitativa, utilizando dados secundários obtidos no DATASUS. Foram coletados dados referentes às notificações de casos de meningite no período de 2014 a 2024, com as variáveis descritivas para o estado de Goiás. RESULTADOS: Durante o período analisado, foram registrados um total de 2.496 diagnósticos de meningite no Estado de Goiás. Destes, 1.526 (61,1%) foram em homens e 970 (38,8%) em mulheres. O ano de 2015 teve o maior número de pacientes com manifestação do 1º sintoma da doença, com 334 casos (13,3%). A faixa etária de 20-39 anos apresentou a maior taxa de incidência ao longo do período observado, com 667 casos (26,7%). Meningite em crianças <1 ano de idade totalizou 344 (13,7%) casos, enquanto na faixa etária 1-9 anos houveram 476 (19,0%) notificações. De longe a raça mais acometida foi a parda, com 1.723 (69,0%) ocorrências. A etiologia mais comum foi viral, com 636 (25,4%) notificações, e logo em seguida a bacteriana, com 515 (20,6%), sendo meningite meningocócica em 100 diagnósticos, com 58 do sorotipo C. Meningite com etiologia não especificada ou outras etiologias totalizaram 618 (24,7%) casos. O exame quimiocitológico foi o mais utilizado para confirmação diagnóstica, em 971 (38,9%) dos casos, seguido do PCR viral, com 189 (7,5%), e a bacterioscopia em 105 (4,2%) das ocorrências. O diagnóstico foi clínico em 151 (6,0%) das vezes. Houveram 286 (11,4%) óbitos por meningite no período analisado. CONCLUSÃO: No Brasil como todo, pessoas pardas frequentemente possuem menor renda e condições precárias de moradia e saneamento, o que prevê as altas taxas de etiologia viral e bacteriana da meningite em Goiás. Além disso, pessoas pardas dependem mais do sistema público de saúde, e no estado de Goiás, a vacina Meningocócica ACWY está

disponível no SUS somente para adolescentes de 11 a 14 anos. Isso dificulta a prevenção da meningite bacteriana nas faixas etárias mais acometidas (crianças <10 anos e adultos jovens), vulneráveis a alta taxa de mortalidade da condição observada nos dados. Ampliar a cobertura vacinal é essencial, portanto, para reduzir essa vulnerabilidade dessa população frente à meningite em Goiás.

PALAVRAS-CHAVES: Epidemiologia. Meningite Viral. Meningites Bacterianas.

MICROBIOMA RESPIRATÓRIO E SUA RELAÇÃO COM ASMA E DPOC: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE MECANISMOS E IMPLICAÇÕES CLÍNICAS

Caíque Prado Jubé, Ana Luiza Martins Rezende, Roseliane de Souza Araújo

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/47

INTRODUÇÃO: O microbioma respiratório é um fator importante na modulação da resposta inflamatória e imunológica de doenças respiratórias crônicas, como asma e doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC). A composição e a diversidade microbiana do trato respiratório podem influenciar diretamente a fisiopatologia dessas doenças, afetando a frequência e a gravidade das exacerbações, além da resposta ao tratamento. Compreender os mecanismos de interação do microbioma das vias aéreas com o hospedeiro e com a modulação da inflamação é essencial para avançar no tratamento dessas doenças. OBJETIVO: Explorar a relação entre o microbioma respiratório e a fisiopatologia da asma e DPOC. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática em que foram utilizados os descritores “Respiratory Microbiome AND Asthma” e “Respiratory Microbiome AND Chronic Obstructive Pulmonary Disease” para pesquisa em diversas bases de dados, sendo encontrados 8 artigos no PubMed, 3 no Google Acadêmico, 2 no ScienceDirect, 1 no FrontiersIn, 1 no The Journal of Allergy and Clinical Immunology e 1 na European Respiratory Society. Após a aplicação dos critérios de inclusão: acesso livre ao texto completo, publicação nos últimos cinco anos e ensaios clínicos ou metanalises, foram selecionados 9 artigos que atenderam aos requisitos estabelecidos. RESULTADOS: Pacientes asmáticos com inflamação do tipo 2 elevada (T2-alto) apresentaram menor diversidade bacteriana no microbioma respiratório, a qual foi associada à gravidade da asma, avaliada por critérios clínicos e funcionais, tais quais frequência de exacerbações, controle dos sintomas e função pulmonar reduzida. Já indivíduos com fenótipo T2-baixo, caracterizados por inflamação neutrofílica, apresentaram maior presença dessas bactérias patogênicas, também associadas ao agravamento da doença com base nos mesmos critérios. Na DPOC, pacientes com maior número de exacerbações apresentaram menor diversidade microbiana, com predomínio de microrganismos como *Bacteroides* e *Fusobacterium*. Essa redução na diversidade não foi relacionada a infecções específicas, mas sim a um desequilíbrio microbiano que favoreceu o crescimento dessas bactérias, contribuindo para a piora do quadro inflamatório. Além disso, observou-se uma variação sazonal na microbiota respiratória, com maior presença de *Lautropia* e *Gemella* durante o inverno, o que pode estar relacionado ao aumento das exacerbações nesse período. Estudos também indicaram que o uso prolongado de corticosteroides inalatórios pode alterar negativamente

a microbiota respiratória, favorecendo o crescimento de patógenos oportunistas tanto na asma quanto na DPOC, impactando negativamente a resposta terapêutica. CONCLUSÃO: O microbioma respiratório é relevante tanto como fator desencadeante da inflamação quanto no tratamento da asma e da DPOC. Logo, compreender suas interações com o hospedeiro pode viabilizar novas estratégias terapêuticas, auxiliando no controle das doenças e na redução das exacerbações.

PALAVRAS-CHAVE: Asma. DPOC. Microbioma.

MOSQUITOS GENETICAMENTE MODIFICADOS COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA O CONTROLE DA DENGUE

Ana Luiza Martins Prudente, Hartur Fontes Assis de Sousa, Kayky Gonçalves da Silva, Murilo de Paiva Siqueira

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/48

INTRODUÇÃO: O mosquito Aedes Aegypti é o vetor responsável pela transmissão de arboviroses fetais ao ser humano, como Dengue, Zika, Chikungunya e Febre Amarela Urbana, representando um grave problema de saúde pública. Diversas estratégias são estudadas para o controle do mosquito e redução das doenças, principalmente da dengue. A liberação de mosquitos geneticamente modificados (GMMs) é uma técnica promissora, que utiliza a liberação de mosquitos estéreis, a modificação genética utilizando CRISPR-Cas9 e a introdução de genes letais. No entanto, há desafios para a utilização dessas técnicas, o que torna essencial aprofundar os estudos para garantir segurança, eficácia e sustentabilidade na implementação dessas tecnologias. OBJETIVOS: Analisar a viabilidade e a eficácia do uso de mosquitos geneticamente modificados como uma alternativa sustentável para o controle da dengue. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, conduzida na base de dados PubMed, empregando os descritores “modified mosquitoes”, “dengue”, “genetics” com o operador booleano “AND” e o filtro “Free full text” e trabalhos publicados nos últimos dez anos. Foram encontrados 53 artigos e, após criteriosa seleção, 13 artigos compuseram o escopo de análise deste trabalho para estudo detalhado. RESULTADOS: Foram realizados estudos de campo em Piracicaba-SP, entre os anos de 2012 e 2018, os quais notificaram 12.858 casos de dengue antes da introdução dos mosquitos geneticamente modificados e, após a estratégia, foram notificados 3.234 casos. Porém, outras pesquisas sinalizaram que não foi possível detectar impacto estatístico significativo na redução da dengue, o que deixa evidente a necessidade de estudos complementares para a confirmação de sua eficácia. Nesse contexto, juntamente aos avanços técnicos, cria-se questionamentos ético, sociais e ambientais, como exemplo um estudo realizado em Portugal, na Ilha da Madeira, após um surto de dengue em 2012, que analisou a aceitação do público acerca do uso de MGMs e revelou que apenas 16% da população era a favor. Outras técnicas como a CRISPR-Cas9 vêm sendo usadas para reduzir a fertilidade do Aedes aegypti e os casos de dengue. Porém, existem riscos ambientais com o uso dos MGMs, como desequilíbrio na cadeia alimentar e perda de biodiversidade, tornando necessário análises e debates antes de adotar a nova tecnologia. CONCLUSÃO: Deste modo, conclui-se que o uso de MGMs apresenta um grande potencial

como estratégia para o controle da dengue. Porém, a eficácia dessa abordagem ainda não é totalmente comprovada em todos os contextos, necessitando de mais estudos para uma melhor avaliação de seus impactos a longo prazo. Além disso, fatores ambientais, éticos e a aceitação pública devem ser considerados na implementação dessa tecnologia. Dessa forma, é essencial que pesquisas continuem sendo realizadas para garantir a segurança, a viabilidade e a sustentabilidade dessa alternativa no combate à dengue.

PALAVRAS-CHAVE: Aedes. Dengue. Genética. Tecnologia. Saúde Pública.

NOVOS AVANÇOS NA REGENERAÇÃO DOS NERVOS PERIFÉRICOS ATRAVÉS DE GUIAS DE CONDUÇÃO NERVOSA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Bianca Vieira Silva, Vilmar Tristão Duarte Filho, Raíssa Pereira de Godoy Oliveira, Tamires Mariana Dias Damas Rocha

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/49

INTRODUÇÃO: As lesões do sistema nervoso periférico (SNP) representam um grande desafio clínico, ocasionando comprometimentos sensoriais e motores que contribuem para a construção de uma situação de alta complexidade. O auto enxerto é considerado o padrão-ouro para a recuperação dessas lesões, porém, apresenta limitações -como as disparidades dimensionais e a viabilidade limitada de doadores- que impulsionam a abordagem de estratégias alternativas. Diante desse cenário, os guias de condução nervosa (NGCs) surgem como uma perspectiva original, fornecendo um microambiente bioativo associado a um suporte mecânico que propicia a regeneração nervosa periférica. OBJETIVOS: Analisar e comparar três abordagens inovadoras e avançadas para a fabricação de NGCs, destacando suas diferenças e potencialidades, são elas: impressão 3D, biomateriais híbridos e tecnologia de topografia micronizada. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão da literatura sistemática, que utilizou como base de dados as plataformas PUBMED e LILACS. Os artigos analisados abrangem o período de 2018 a 2025. Foram utilizados os seguintes descritores em Inglês: “3D printing”, “Regeneration” e “Peripheral nerves” juntamente com o operador booleano “AND”. O filtro utilizado foi “free full text”. Encontrou-se 7 artigos ao total e foram considerados 3 estudos que abordaram sobre lesões de nervos periféricos e a utilização de técnicas de fabricação e modificação de NGCs. O critério de exclusão foi artigos que não correlacionaram com o objetivo do estudo. RESULTADOS: Na análise dos artigos foi observado progresso relevante no desenvolvimento de implantes nervosos artificiais para a clínica. Destacando os conduítes híbridos formados por quitosana, que fornecem um ambiente viável para o crescimento dos nervos e proporciona liberação equilibrada dos fatores de crescimento nervoso. Os dispositivos relatados nos estudos, comprovaram citocompatibilidade com células neuronais e células de Schwann, melhorando e estimulando o crescimento axonal. Os condutos neuro prostéticos utilizando a tecnologia de topografia de impressão 3D também demonstraram bom potencial para a regeneração nervosa periférica, resultando em ótimos índices de recuperação funcional de axônios. Por conseguinte, os conduítes de quitosana com topografia micronizada evidenciaram trilhas responsáveis pela migração e orientação de células de Schwann. Essas trilhas são promotoras de neuritos e criam um microambiente que mimetiza a fisiologia dos nervos periféricos, resultando em

uma regeneração aprimorada. CONCLUSÃO: Conclui-se que diante dos estudos revisados, as abordagens mencionadas -envolvendo a liberação controlada de NGF, a personalização anatômica via impressão 3D e o design com topografia micronizada- demonstraram um potencial promissor no quesito da reparação no sistema nervoso periférico. As estratégias não só melhoraram a migração celular e a organização axonal, mas também solidificaram novos métodos e superaram os anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Impressão 3D. Nervos periféricos. Regeneração.

O CITOMEGALOVÍRUS E O LEITE MATERNO: ANÁLISE DOS MÉTODOS DE PREVENÇÃO PARA CONTAMINAÇÃO ENTRE MÃE-NEONATO - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Ian Albieri Aguero, Marina Arantes Pompeu de Campos, Thalles Eduardo Ribeiro, Luiz de Paula Silveira Júnior

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/50

INTRODUÇÃO: O citomegalovírus (CMV) é um β-herpesvírus transmitido por fluidos, como o leite materno (LM). Em neonatos de baixo peso ao nascer (<1500g) e de prematuros de idade gestacional <32 semanas, a infecção pode acontecer caso o leite materno não seja tratado de mães citomegalovírus-positivas. Há risco de transmissão para esses grupos, com taxas de infecção significativas, superiores a 19,3% comparadas com alguns grupos de desinfecção. Contudo, a heterogeneidade dos estudos dificulta a padronização de diretrizes. Assim, esta revisão sistemática (RS) compara os métodos para inibir a transmissão do CMV pelo LM, analisando a eficácia, impacto nutricional e imunológico. METODOLOGIA: Esta RS seguiu as diretrizes PRISMA. Foram analisados artigos de 2015 a 2023 nas bases PubMed, Scielo, LILACS-BVS e Google Acadêmico, utilizando os descritores, “Cytomegalovirus Infections”, “Breastfeeding” e “Communicable Disease Control”, combinados com AND. A seleção envolveu a triagem por títulos e resumos (n=78), leitura completa (n=36) e extração de dados (n=8). O viés foi avaliado pelo Joanna Briggs Institute, e a qualidade das evidências foi classificada pela GRADE. RESULTADOS: A pasteurização Holder (pHD) eliminou mais de 99% do CMV, mas reduziu 40% das imunoglobulinas e 60% dos fatores de crescimento, comprometendo a imunidade neonatal. A pasteurização HTST (pHTST) inativou 98% do vírus, preservando 80% dos componentes bioativos, sendo a alternativa mais equilibrada. A congelação a -20°C (CG) por 72h reduziu apenas 50-70% do CMV, sendo insuficiente. O uso de micro-ondas (500W por 40s) (M500) eliminou aproximadamente 90% do CMV sem comprometer a qualidade nutricional, mas necessita de validação adicional. A análise de viés revelou que 62% dos estudos apresentaram baixo risco, 25% moderado e 13% alto, sendo as principais limitações a ausência de padronização nos protocolos laboratoriais e a heterogeneidade nas metodologias de quantificação do CMV. DISCUSSÃO: As escolhas devem equilibrar eficácia na inativação viral e preservação das propriedades imunológicas do LM. A pHD, apesar de eliminar o CMV, compromete fatores essenciais. A pHTST mantém 80% das imunoglobulinas e reduz 98% do CMV, destacando-se como alternativa para bancos de LM. A CG não garante total segurança. Já a exposição M500 foi promissora, eliminando cerca de 90% do vírus, mas carece de validação. A inconsistência metodológica reforça a

necessidade de padronização das pesquisas para garantir aplicabilidade. CONCLUSÃO: O CMV no leite materno é um risco para neonatos prematuros e de baixo peso. A pasteurização HTST equilibra melhor a inativação viral e a preservação imunológica, enquanto a Holder compromete fatores bioativos. A congelação é insuficiente e o micro-ondas é promissor, mas carece de validação. Estudos futuros devem padronizar diretrizes para maior segurança e eficácia.

PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento Materno. Citomegalovírus. BPN e/ou prematuros.

O DUPLO PAPEL DA BARREIRA HEMATOENCEFÁLICA NA METÁSTASE CEREBRAL DO CÂNCER DE MAMA

Samara Santos Silva, Ana Luíza Lira Silva Pinheiro, Ana Luiza Martins Prudente, Roberpaulo Anacleto Neves

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/51

INTRODUÇÃO: A barreira hematoencefálica (BHE) é uma estrutura biológica responsável pela interface complexa e dinâmica entre sistema nervoso (SNC) e o sangue. Ela é fundamental para a proteção, homeostase e bom funcionamento do SNC, pois controla a passagem seletiva de substâncias do sangue para o cérebro. A seletividade da BHE normalmente protege o cérebro contra metástases, contudo, alguns tipos de células tumorais possuem maior facilidade de penetração que outros e a neoangiogênese induzida pelas células tumorais podem causar a transformação da BHE em barreira hemato-tumoral (BHT) aumentando sua permeabilidade. Tendo em vista que o câncer de mama é o tipo de câncer mais comum entre mulheres e a segunda principal causa de metástase cerebral, torna-se fundamental estudar os mecanismos da BHE para prevenção e tratamento dessa malignidade. OBJETIVOS: Analisar o duplo papel da BHE na metástase cerebral do câncer de mama, tanto na proteção do cérebro contra a passagem de células tumorais, quanto na dificuldade para tratamento quando o câncer já está instalado. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, conduzida na base de dados PubMed, empregando os descritores “blood brain barrier”, “metastatic breast neoplasms” com o operador booleano “AND” e o filtro “Free full text” e trabalhos publicados nos últimos cinco anos. Foram encontrados 81 artigos e, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 19 artigos foram selecionados para análise detalhada. RESULTADOS: Os resultados deste estudo evidenciam a complexidade da metástase cerebral do câncer de mama e o duplo papel da BHE nesse processo. Nos casos avançados de câncer de mama, cerca de 25% dos pacientes desenvolvem metástases cerebrais, especialmente nos subtipos HER2-positivo e triplo-negativo. A BHE, embora proteja o cérebro, limita a eficácia de quimioterápicos e terapias-alvo. Contudo, a permeabilidade da BHE pode ser alterada por alguns fatores, dentre eles, o excesso de cortisol, pelo uso de corticoides e por alguns quimioterápicos para o tratamento do câncer primário, além da progressão tumoral que induz a transformação da BHE para BHT, facilitando tanto a entrada de células metastáticas quanto a ação de alguns fármacos. O fator de crescimento endotelial vascular, as integrinas e as metaloproteinases também contribuem para essa permeabilidade. A interação com astrócitos e microglia favorece a resistência tumoral, tornando a detecção precoce essencial. Novas estratégias,

tal qual a biópsia líquida e imunoterapia combinada com radiocirurgia estão se mostrando promissoras, mas a penetração de fármacos na BHE ainda é um desafio, alternativas como nanopartículas e ultrassom focalizado são investigadas para otimizar os tratamentos. CONCLUSÃO: Os avanços contínuos na compreensão da interação entre a BHE e o câncer metastático são fundamentais para otimizar as terapias, aumentar a sobrevida e proporcionar melhor qualidade de vida aos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Barreira hematoencefálica. Metástases neoplásicas. Neoplasias encefálicas. Neoplasias da mama. Resistência a medicamentos antineoplásicos.

O PAPEL DA TOMOGRAFIA E RESSONÂNCIA MAGNÉTICA NO DIAGNÓSTICO RÁPIDO DE EMERGÊNCIAS CIRÚRGICAS

Lara Mendonça da Cruz, Eduardo Chaves Ferreira Coelho, Maria Eduarda Santana Pereira, Alex Caetano dos Santos

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/52

INTRODUÇÃO: Nas últimas décadas, o avanço das técnicas de imagem, como a tomografia computadorizada (TC) e a ressonância magnética (RM), revolucionou o diagnóstico em emergências cirúrgicas. Essas ferramentas tornaram possível intervenções mais rápidas e precisas, facilitando a detecção precoce de lesões que requerem intervenção imediata. A TC é amplamente utilizada para traumas toracoabdominais, garantindo um diagnóstico rápido e eficiente. Já a RM, embora menos acessível na emergência, apresenta vantagens em situações específicas, como na avaliação de gestantes. Entretanto desafios como custo e disponibilidade limitam seu uso em alguns serviços de urgência. OBJETIVO: Avaliar a aplicação da TC e da RM no diagnóstico de emergências cirúrgicas, analisando suas principais indicações, limitações e impacto na tomada de decisão clínica. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática na base PubMed, utilizando os descritores “emergency surgery”, “computed tomography”, “magnetic resonance imaging”, “rapid assessment” e “emergency radiology”, combinados com os operadores booleanos “AND” e “OR”. A busca foi filtrada para estudos publicados nos últimos cinco anos e com acesso aberto, resultando em 26 artigos. Após a triagem, foram excluídos aqueles que não discutiam diretamente o papel da TC e RM no diagnóstico emergencial, apenas citavam essas técnicas sem aprofundamento, ou eram relatos de casos muito específicos. Ao final, 18 artigos foram analisados. RESULTADOS: A TC foi apontada como o exame de escolha na maioria das emergências cirúrgicas, principalmente nos traumas toracoabdominais, devido à sua rapidez e alta sensibilidade na detecção de pneumoperitônio, hemorragias internas e lesões vasculares. Além disso, demonstrou impacto na redução de cirurgias desnecessárias, auxiliando na decisão entre tratamento conservador e abordagem cirúrgica. A RM, por outro lado, tem limitações em emergências devido ao tempo prolongado de aquisição da imagem e à necessidade de estabilidade hemodinâmica, mas se mostrou útil em casos específicos, como no diagnóstico de abscessos cerebrais. Embora a TC continue sendo a principal ferramenta diagnóstica em emergências, a RM pode ser determinante quando há necessidade de uma avaliação mais detalhada de tecidos moles ou alguma contraindicação para o uso de contraste iodado. Entretanto, a acessibilidade limitada e os custos elevados ainda representam desafios para a ampliação do uso dessas técnicas.

CONCLUSÃO: Nota-se, portanto, a significativa importância de exames de imagem na abordagem de emergências cirúrgicas. A partir de seu uso, intervenções desnecessárias tiveram uma diminuição abrupta, principalmente em cirurgias envolvendo traumatologia. Diante do referido aspecto, a presença de exames de imagem de maior complexidade em unidades de saúde é essencial de modo a garantir as melhores medidas terapêuticas para os seus respectivos pacientes e, consequentemente, diminuir a morbimortalidade de emergências traumáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia de Cuidados Críticos. Imageamento por Ressonância Magnética. Tomografia.

O PAPEL DO PROCESSO INFLAMATÓRIO E A INFLUÊNCIA DA MICROGLIA NA PATOLOGIA DA DOENÇA DE PARKINSON

Marcela Araujo da Silva, Luana de Queiroz Souza, Manuela Geovana de Paula Rodrigues, Daniela de Stefani Marquez

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/53

INTRODUÇÃO: O Parkinson é uma alfa-sinucleinopatia multissistêmica, que leva à morte de neurônios dopaminérgicos (DA) no mesencéfalo. Além da idade avançada, que é um fator de risco bem conhecido da doença, fatores ambientais e deficiências genéticas também contribuem para a degeneração dos neurônios DA. Os sintomas típicos da DP são tremor, problemas de movimento e dificuldades de equilíbrio e coordenação. A característica patológica é a perda de neurônios dopaminérgicos na substância negra pars compacta (SNpc) nos gânglios da base do cérebro e extensa agregação da proteína intracelular α-sinucleína (α-syn). A neuroinflamação causada pela ativação da microglia, astrócitos e monócitos é uma resposta imune a estímulos patogênicos ou lesões teciduais com o objetivo principal de proteger o parênquima do SNC e promover o reparo tecidual, mas quando deito de forma crônica causa neurodegeneração. OBJETIVO: Realizar uma revisão sistemática da literatura para analisar o papel do processo inflamatório e a influência da microglia na patologia da Doença de Parkinson (DP) a partir da compreensão dos mecanismos celulares e moleculares envolvidos na ativação microglial e seu papel no processo inflamatório. MÉTODO: Este estudo é uma revisão sistemática que buscou artigos de 2020-2025. As bases de dados utilizadas foram Pub Med, Scielo e Lilacs, utilizando descritores como “Parkinson’s disease” AND “Inflammatory Process” AND “Pathology”, a seleção se deu pela leitura dos resumos observando a compatibilidade com o objetivo do estudo. Em seguida, os artigos selecionados foram lidos na íntegra. A análise de viés foi feita de forma subjetiva pelos autores. RESULTADOS: Foram selecionados 4 artigos de 50 encontrados. A partir deles, foi observado que a microglia ativada pode liberar citocinas pró- inflamatórias, como IL-1β e TNF- α, que contribuem para a neurodegeneração, isso acontece porque causa estresse oxidativo quando crônico, dificultando a sobrevivência de neurônios. A microglia é capaz de passar por mudanças fisiológicas para se tornar ativa, conhecida como “estado reativo” e a ativação crônica dessas células gliais pode levar a um estado de inflamação persistente, que não só agrava a morte neuronal, mas também contribui para a disfunção sináptica e a perda de plasticidade neuronal, contribuindo para o desenvolvimento da Doença de Parkinson. Tudo se resume a se os estímulos inflamatórios são agudos ou crônicos, quando crônicos a microglia ativada secreta uma ampla gama de mediadores,

como TNFα, IL-6, NOS2, COX2 e ROS, afetando o metabolismo neurônios dopaminérgicos no SNpc. CONCLUSÃO: A neuroinflamação desempenha um papel fundamental na patogênese da Doença de Parkinson, com a microglia exercendo uma influência central nesse processo. A ativação crônica dessa célula contribui para um ambiente inflamatório persistente, agravando a degeneração neuronal e impactando negativamente a função sináptica.

PALAVRAS CHAVES: Doença de Parkinson. Inflamação. Microglia. Neuroinflamação.

O PERÍODO PRODRÔMICO DA ESQUIZOFRENIA: PREDITORES, BIOMARCADORES E NOVAS PERSPECTIVAS DE TRATAMENTO

Júlia Cristina Mota Machado, Celso Henrique Denófrio Garrote, Gabriela Queiroz Pirini, Luis Claudio Bochenek

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/54

INTRODUÇÃO: A esquizofrenia (SZ) é definida, pela 5º edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), como um transtorno psiquiátrico grave, de etiologia multifatorial, caracterizada por uma combinação de sintomas psicóticos, prejuízos cognitivos e disfunção psicossocial. É precedida por uma fase prodrômica heterogênea, caracterizada por sintomas subclínicos que envolvem isolamento social, alterações afetivas, distúrbios do sono, autoperturbação e declínio funcional. A literatura científica recente também têm destacado marcadores genéticos e neurobiológicos associados, além de variações de cunho cultural. Entretanto, trata-se de uma identificação precoce desafiadora devido à sobreposição de outros transtornos mentais e à falta de biomarcadores validados. OBJETIVOS: Este trabalho tem como objetivo consolidar evidências sobre o padrão prodrômico da SZ, destacando avanços e lacunas na literatura atual. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura realizada na base de dados PubMed a partir da combinação dos descritores MeSH «Schizophrenia» e «Prodromal Symptoms", com uso do operador booleano «AND», bem como os filtros «free full text» e «in the last 5 years». A partir disso, foram encontrados 38 artigos, dos quais 29 foram elegíveis ao tema de estudo proposto. RESULTADOS: O estudo revelou diversos sintomas iniciais e preditores do desenvolvimento da psicose, como esquizotipia positiva, distúrbios do sono, autoperturbação e ansiedade social, que são cruciais para a detecção precoce. A esquizotipia positiva foi associada ao risco poligênico para SZ, e a autoperturbação é central na SZ. As alterações cerebrais, como hipoperfusão no Giro Angular, indicam risco de psicose e fatores sexuais e/ou comorbidades psiquiátricas mostram que homens têm maior risco de SZ, mas a relação entre sexo e transição para psicose ainda é inconclusiva. Além disso, fatores como Idade, ansiedade e depressão se correlacionam à gravidade dos sintomas. A reserva cognitiva também é importante, com níveis baixos associando-se a maior vulnerabilidade. Atualmente, os biomarcadores como lipídios de membrana e ômega-3 abrem novas possibilidades terapêuticas, e a inflamação, juntamente com déficits cognitivos, surge como um campo promissor para intervenções. Por fim, as comorbidades físicas e o padrão de utilização médica indicam a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no diagnóstico, enquanto o apoio social e a função familiar são essenciais no manejo precoce

da terapêutica dessa condição. CONCLUSÃO: Os achados reforçam que sintomas como a esquizotipia positiva, os distúrbios do sono e a autoperturbação são preditores da SZ. Enquanto alterações cerebrais e fatores genéticos reforçam o risco, o apoio social e a reserva cognitiva auxiliam no manejo adequado. Além disso, biomarcadores emergentes apontam novas possibilidades terapêuticas, reforçando a importância da detecção precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico Precoce. Esquizofrenia. Sintomas Prodrômicos e Transtornos Mentais.

PERFIL DE RISCO DOS CASOS CONFIRMADOS DE TUBERCULOSE NO CENTRO-OESTE DE 2013 A 2023

Ihury Jhonson Evangelista Alves de Lima, Isabela Brito Guimarães, Junior Wahlbrink Biesck, Hidelberto Matos Silva

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/55

INTRODUÇÃO: A tuberculose (TB) é um problema de saúde pública no Brasil, com a região Centro-Oeste apresentando menor prevalência, mas com alta concentração entre populações vulneráveis, como pessoas privadas de liberdade (PPL), população em situação de rua (PSR) e usuários de drogas ilícitas (UDI). Comorbidades como Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), diabetes mellitus (DM) e alcoolismo agravam o risco e complicam o manejo da doença. Além disso, a pandemia de COVID-19 resultou em uma redução nas notificações e dificultou o diagnóstico, gerando subnotificação e um possível acúmulo de casos. Compreender o perfil epidemiológico é crucial para orientar as estratégias de controle da TB na região. OBJETIVOS: O objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil epidemiológico da TB no Centro-Oeste do Brasil de 2013 a 2023, analisando a associação com vulnerabilidade social e comorbidades (HIV, DM e alcoolismo). MÉTODOS: Este é um estudo epidemiológico descritivo, com análise de dados extraídos do DATASUS-Tabnet, incluindo variáveis como local (Centro-Oeste), ano (2013-2023), sexo, raça, idade, PPL, PSR e fatores de risco (drogas ilícitas, alcoolismo, DM, HIV). RESULTADOS: Entre 2013 e 2023, foram registrados 50.030 casos de TB na região Centro-Oeste, sendo 72,3% em homens e 27,7% em mulheres. O maior número de notificações foi em 2023, com 5.805 casos (11,6%), possivelmente devido a um “efeito rebote”, com a detecção de casos acumulados após a queda nas notificações durante a pandemia (2020-2021). O menor número de casos foi em 2015, com 4.018 (8,0%), devido à menor busca ativa e abordagem reduzida. A faixa etária de 25-34 anos apresentou a maior taxa de incidência, com 11.697 casos (23,37%). Grupos vulneráveis apresentaram alta incidência: PPL com 6.353 casos (12,7%) devido à superlotação e acesso limitado à saúde; PSR com 1.751 casos (3,4%) relacionado a condições de vida precárias, sendo a cor parda a mais afetada (1.133 casos, 64,7%); e UDI com 7.057 casos (14,1%) associado ao comprometimento do sistema imunológico e dificuldade de adesão ao tratamento. Comorbidades como HIV (5.333 casos, 10,6%), DM (3.591 casos, 7,1%) e alcoolismo (10.560 casos, 21,1%) aumentaram significativamente o risco de agravamento da TB, dificultando o tratamento e a recuperação. CONCLUSÃO: Os dados indicam que fatores sociodemográficos, como sexo e faixa etária, influenciam a incidência da TB, com a maior taxa ocorrendo entre homens de 25 a 34 anos. Além disso, a

TB é mais prevalente entre PPL, PSR e UDI, com comorbidades como HIV, DM e alcoolismo agravando o risco de complicações. O aumento das notificações em 2023, após a queda durante a pandemia, sugere um “efeito rebote”. Esses dados reforçam a necessidade de integrar estratégias de prevenção e tratamento, com foco na redução da morbimortalidade e melhoria dos desfechos em saúde para esses grupos vulneráveis.

PALAVRAS-CHAVES: Comorbidades. COVID-19. Epidemiologia. Tuberculose. Vulnerabilidade Social.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA DENGUE EM GOIÁS ENTRE OS ANOS DE 2019 E 2024

Renata Barbosa Tavares, Elen Cristina, Geovana Souza Jesus, Danilo Figueiredo Soave

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/56

INTRODUÇÃO: A dengue é uma arbovirose transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* que apresenta grande relevância para a saúde pública brasileira por dispor de alta incidência e prevalência no país. O estado de Goiás está entre os estados de maior números de casos, por ter o clima tropical úmido e favorecer a presença do mosquito transmissor durante todo o ano, com maior incidência nos períodos quentes e chuvosos característicos da região Centro-Oeste. A disponibilidade de dados epidemiológicos acessíveis nos últimos anos é fundamental para compreender o perfil da doença no estado e traçar novas estratégias de prevenção. OBJETIVO: Analisar o perfil epidemiológico da dengue em Goiás entre os anos 2019 e 2024. METODOLOGIA: Trata-se de um estudo epidemiológico observacional descritivo de base populacional, com abordagem quantitativa, realizado com acesso à base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram analisados e relacionados os indicadores de sexo, faixa etária, hospitalizações e óbitos, referentes aos casos de dengue no estado de Goiás entre os anos de 2019 e 2024. RESULTADOS: No período analisado, os casos confirmados em todas as faixas etárias aumentaram exponencialmente. A idade entre 20 e 39 anos foi a mais acometida pela doença no estado de Goiás, representando 37% dos casos, enquanto os óbitos por dengue foram constatados, em sua maioria, entre 40 e 59 anos, equivalente a 23% dos óbitos totais. O sexo feminino é o mais contaminado pela dengue, representando 55% de todos os casos notificados, bem como também é o mais hospitalizado, cerca de 54% das hospitalizações constatadas. De acordo com a literatura, os casos de dengue constatados nas mulheres se relacionam com a maior ocorrência de notificações, pois as mulheres têm menos relutância em procurar os serviços de saúde em relação ao sexo oposto. CONCLUSÃO: Constata-se, portanto, que houve um aumento de casos nos últimos seis anos, principalmente em mulheres - as mais infectadas e hospitalizadas - indicando que o delineamento para prevenção de infecções precisa ser reavaliado considerando tais achados. Assim, direcionar as estratégias ao público feminino pode impactar significativamente na diminuição dos casos de infecção por essa arbovirose.

PALAVRAS-CHAVE: Dengue. Epidemiologia. Mulheres. Prevenção.

PREVENÇÃO DE ANGIOPATIAS EM PACIENTES DIABÉTICOS COM O USO DE INIBIDORES DE SGLT2: REVISÃO SISTEMÁTICA

Mariana Rocha Abrahão, Isabela Cher Pimentel Afiune, Thiago Pereira Carvalho Franco de Souza

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/57

INTRODUÇÃO: As angiopatias são alterações vasculares estruturais e funcionais, comuns no diabetes mellitus tipo 2 (DM2). Prevenir tais complicações, que vão desde macroangiopatias a microlesões vasculares, é crucial, pois a progressão silenciosa gera maior risco de incapacidade funcional e mortalidade. Terapias que combinem eficácia metabólica e vascular são essenciais para evitar desfechos graves, como isquemia e amputações. Os inibidores do co-transportador sódio-glicose tipo 2 (SGLT2i) emergiram como uma classe terapêutica multifacetada, com benefícios cardiovasculares e renais, transcendendo o controle glicêmico. Estudos destacam ação em inflamação, estresse oxidativo e função endotelial, mas o impacto específico dos SGLT2i na preservação da integridade vascular é pouco explorado, limitando sua aplicação clínica em estratégias preventivas amplas, especialmente em pacientes com DM2. OBJETIVO: Identificar como os inibidores de SGLT2 atuam na prevenção das angiopatias em pacientes diabéticos. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura a partir da base de dados PubMed, realizada em 1 de março de 2025, com os descritores “Diabetic Angiopathies/Therapy” e “Sodium-Glucose Transporter Inhibitors/therapeutic use”, o operador booleano “AND” e os filtros “free full text” e “in the last 5 years”. Foram identificados 16 artigos, todos conforme o tema e objetivo deste resumo e, por isso, selecionados para a leitura completa. RESULTADOS: Os estudos analisados reforçaram os efeitos protetores dos SGLT2i contra angiopatias diabéticas. Na retinopatia diabética (RD) e no edema macular diabético, há menor progressão para formas graves (como RD proliferativa), redução de permeabilidade vascular, espessamento retiniano e microaneurismas. Na nefropatia, há desaceleração da perda renal, com redução de hiperfiltração glomerular, estresse oxidativo e fibrose, independente do controle glicêmico. Na neuropatia periférica, há redução da inflamação neuronal e melhoria funcional dos nervos periféricos, prevenindo a perda da sensibilidade protetora. Em relação à aterosclerose, há redução dos processos inflamatórios e estresse oxidativo, cruciais na patogênese da doença arterial periférica (DAP). Os SGLT2i também melhoram a perfusão tecidual, reduzindo eventos isquêmicos e necessidade de revascularização. CONCLUSÃO: Portanto, os SGLT2i possuem potencial múltiplo na prevenção de angiopatias diabéticas, atuando em vias antioxidantes, anti-inflamatórias e

metabólicas. Seus efeitos são mais consolidados em complicações microvasculares e, em macroangiopatias, eles variam de acordo com o fármaco. Destaca-se a empagliflozina e a dapagliflozina pelos benefícios mais consistentes, mesmo em doses não hipoglicemiantes, e por não se relacionarem ao aumento do risco de amputações. Algumas complicações, como pé diabético, carecem de evidências mais sólidas sobre os SGLT2i, destacando a necessidade de mais estudos que estabeleçam sua eficácia e segurança a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Angiopatia Diabética. Diabetes Mellitus Tipo 2. Inibidores do Transportador 2 de Sódio-Glicose.

PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE INTERCORRÊNCIAS HEMORRÁGICAS EM ARTROPLASTIA DE JOELHOS EM PACIENTES COM HEMOFILIA A

Maria Paula Vasconcelo Feldner, Isabella Barbosa Machado, José Rubens Bueno Araújo, Marcos Vinícius Milki

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/58

INTRODUÇÃO: A artroplastia total de joelho (ATJ) é um dos principais tratamentos da artropatia hemofílica em pacientes com hemofilia A, melhorando a dor, a função articular e a qualidade de vida. No entanto, o risco aumentado de sangramento peri e pós-operatório representa um grande desafio, exigindo estratégias eficazes de prevenção e manejo. Estudos recentes destacam a importância do uso de antifibrinolíticos, controle rigoroso dos níveis do fator VIII e monitoramento de fatores de risco para reduzir complicações hemorrágicas. Além disso, abordagens multidisciplinares tem sido fundamentais para minimizar intercorrências e otimizar os resultados cirúrgicos. OBJETIVOS: Analisar as estratégias de prevenção e tratamento de intercorrências hemorrágicas em artroplastia total de joelho em pacientes com hemofilia A, destacando medidas terapêuticas e avanços que contribuem para a redução de complicações. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão de literatura, a partir da base de dados PubMed, em janeiro de 2025, com os descritores “hemofilia A” e “knee arthroplasty” separados pelo operador booleano “AND”. Diante disso, foram utilizados os filtros “free full text” e “in the last 5 years”. Nesse sentido, a pesquisa resultou na inclusão de 15 artigos. RESULTADOS: nota-se que ATJ em pacientes com hemofilia A apresenta altos índices de sangramento peri e pós-operatório (média de perda de 1200ml de sangue durante as cirurgias) exigindo estratégias eficazes para controle homeostático. O uso de antifibrinolíticos, como ácido tranexâmico, reduz significativamente a perda sanguínea (de 1200ml para 600ml) e a necessidade de transfusões (46,6% para 0%), enquanto o controle adequado dos níveis do fator VIII garantiu uma homeostasia eficaz. Além disso,foi demonstrado que a incidência de sangramento grave foi maior em artroplastia total de quadril (45,5%) do que em ATJ (24,5%), mas a administração de antifibrinolíticos também reduziu essa taxa. Além do controle homeostático, foi demonstrado que o monitoramento contínuo dos fatores de risco, como comorbidades e histórico de hemorragias, e a abordagem multidisciplinar também contribuiu para a escolha do manejo clínico e otimização não só da recuperação, mas também da prevenção de complicações, como sangramentos. CONCLUSÃO: A ATJ em pacientes com hemofilia A continua sendo um desafio devido ao alto risco de complicações hemorrágicas. No entanto, os achados dessa revisão evidenciam que o uso de antifibrinolíticos, como ácido tranexâmico, o

controle rigoroso dos níveis do fator VIII, o monitoramento contínuo dos fatores de risco e a abordagem multidisciplinar contribuem, respectivamente, para a redução significativa da perda sanguínea e da necessidade de transfusões e para a individualização do tratamento resultando em melhor recuperação funcional. Dessa forma, a adoção dessas estratégias é essencial para a segurança e eficácia da ATJ em pacientes com hemofilia A.

PALAVRAS CHAVES: Artropatia hemofílica. Artroplastia total de joelho. Hemofilia A.

PROGRESSÃO DA RETINOPATIA DIABÉTICA DURANTE A GRAVIDEZ: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA COMPARATIVA COM MULHERES NÃO GRÁVIDAS

Gabriela Resende Mota, Caique Prado Jubé, Victor Hugo Pereira, Sandro Marlos Moreira

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/59

INTRODUÇÃO: O diabetes mellitus é uma doença metabólica crônica caracterizada por hiperglicemia, devido a deficiências na secreção ou ação da insulina. Entre suas complicações microvasculares, destaca-se a retinopatia diabética (RD), que causa danos progressivos aos vasos sanguíneos da retina, podendo levar à perda visual. A literatura sugere que a gravidez aumenta o risco de progressão da RD, especialmente em mulheres com controle glicêmico inadequado, retinopatia pré-existente, hipertensão gestacional ou nefropatia diabética. Ademais, a rápida normalização da glicemia no início da gravidez pode paradoxalmente acelerar a progressão da retinopatia, sobretudo em mulheres com diabetes tipo 1, exigindo um ajuste cuidadoso da abordagem terapêutica. OBJETIVO: Associar a gravidez a um aumento na progressão da retinopatia diabética, comparando com mulheres não grávidas. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática, na qual foi utilizada as bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Google Acadêmico, utilizando os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Pregnancy”, “Diabetic Retinopathy” e “Ophthalmology”, dispondo do operador booleano “AND”. Foram analisados artigos originais em português e inglês, publicados nos últimos dez anos. Após a aplicação dos critérios, dez artigos foram selecionados. RESULTADOS: Os estudos revisados indicam que até 50% das mulheres com diabetes tipo 1 ou tipo 2 podem apresentar progressão da RD durante a gestação, sendo o risco maior em mulheres com diabetes de longa duração e retinopatia pré-existente. Além disso, 10-30% das gestantes com RD preexistente apresentaram agravamento da doença. Embora os estudos confirmem um risco aumentado de progressão da RD durante a gravidez, ainda há controvérsias sobre o impacto de intervenções específicas, como terapias antiangiogênicas ou ajustes intensivos do controle glicêmico, ressaltando a necessidade de mais pesquisas clínicas sobre o tema. Os principais fatores de risco identificados foram: controle glicêmico inadequado antes da concepção, rápida normalização da glicemia no início da gravidez, hipertensão gestacional e presença de edema macular diabético prévio. CONCLUSÃO: A gravidez representa um período de maior vulnerabilidade para mulheres com retinopatia diabética, podendo agravar a doença. Diante disso, recomenda-se um acompanhamento multidisciplinar, com monitoramento oftalmológico e controle metabólico, visando minimizar complicações e

garantir melhores desfechos para a saúde materna e ocular. Além disso, a implementação de protocolos específicos para gestantes com diabetes pode ser essencial para reduzir a progressão da RD e prevenir complicações visuais irreversíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Diabetic Retinopathy. Ophthalmology. Pregnancy.

QUAL A MELHOR OPÇÃO ENTRE OS BIOLÓGICOS E INIBIDORES DA JAK PARA O TRATAMENTO DA ARTRITE RELACIONADA À ENTESITE EM MENORES DE 18 ANOS: UMA META-ANÁLISE

Itamar Fernandes Souza Júnior, Gabriel Alves Barbosa, Sofia Elisa de Araújo Lira, Otaviano Ottoni da Silva Netto

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/60

INTRODUÇÃO: A artrite associada a entesite (ERA) é uma condição autoimune associado ao fator genético HLA-B27 que afeta as articulações e enteses das extremidades inferiores em crianças. Ao comparar com outros tipos de artrite idiopática juvenil, a ERA tem maior probabilidade de recorrência após o tratamento inicial. Nesse sentido, é um problema associado a crianças e adolescentes, em que se utiliza medicamentos para os sintomas e inflamações causados pela ERA. OBJETIVO: Definir qual é a melhor intervenção entre os biológicos e inibidores da Janus quinase (JAK) para o tratamento da ERA. METODOLOGIA: Uma Meta-Análise em acordo com as recomendações do protocolo PRISMA 2020, além de utilizar o PROSPERO (CRD420250656102). A busca utilizou-se da pergunta PICO (P: crianças e adolescentes com ERA, I: Utilização de biológicos ou inibidores da JAK, C: Placebo em crianças e adolescentes com ERA e O: Estabilidade do quadro do indivíduo. Sob essa questão, a estratégia utilizou-se de termos Mesh e não Mesh, além dos operadores booleanos. Foram incluídos apenas ensaios clínicos randomizados. RESULTADOS: Com 5 ensaios clínicos randomizados ocorreu a elaboração qualitativa dos resultados. Nesse sentido, o resultado principal associado ao desfecho de exacerbação dos sintomas de ERA obteve um OR de 0.19 (IC 95%: 0.08-0.43, P<0.0001, I^2=0%), os estudos associados aos biológicos (Secukinumab e Etanercept, respectivamente), BRUNNER 2023 (OR: 0.06 [0.01-0.50]) e HORNEFF 2015 (OR: 0.18 [0.04-0.82]) reduziram mais o risco de exacerbação de sintomas. Nessa perspectiva, os estudos relacionados com os inibidores da JAK (Tofacitinib e Baricitinib, respectivamente) RUPERTO 2021 (OR: 0.23 [0.05-1.07]) e RAMANAN 2023 (OR: 0.60 [0.08-4.40]) associaram com tendência a reduzir as exarcebações da ERA, porém sem relevância estatística. Ademais, o número de eventos adversos obteve um OR: 1.62 [0.69-3.8], sendo maior na intervenção do que no grupo placebo, mas sem relevância estatística (p=0.27), os estudos tenderam a um padrão semelhante (I^2=0%). Nesse viés, os biológicos e inibidores de JAK tendem a um risco parecido com os eventos adversos, embora o intervalo de confiança seja amplo, o que gera incerteza. Os biológicos com os estudos BURGOS-VARGAS 2015 (OR: 1.84 [0.52-6.50]), o qual utilizou Adalimumab, além do HORNEFF 2015 (OR: 1.48 [0.39-5.71]), já os inibidores de JAK com o RUPERTO 2021

(OR: 1.40 [0,14-13.57]). CONCLUSÃO: O desfecho primário da exacerbação dos sintomas de ERA foi melhor e mais relevante com os biológicos, sendo a utilização do Secukinumab com maior eficiência em diminuir a ocorrência das exacerbações, embasado tanto nos resultados quanto no peso do ensaio. Nessa realidade, os eventos adversos tenderam para os biológicos terem maior risco de eventos adversos, sendo importante frisar a falta de relevância estatística para ser considerado como significativo. Por conseguinte, os biológicos tiveram resultados mais satisfatórios do que os inibidores de JAK.

PALAVRAS-CHAVE: Biológicos. Crianças. Entesite. Inibidores de JAK. Placebo.

RELAÇÃO ENTRE AGENTES ANABOLIZANTES E A INFERTILIDADE MASCULINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Murilo Abrão David, Anna Júlia da Silva Musskoff, Paulo Gontijo de Paiva Lima Duarte, Frederico Barra de Moraes

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/61

INTRODUÇÃO: A utilização de agentes anabolizantes tem gerado uma ampla discussão sobre seus efeitos na infertilidade masculina. A interação dos anabólicos androgênicos tem relevância nos parâmetros seminais, revelando um aumento de casos de indivíduos com deficiências espermáticas, redução do volume testicular e outros efeitos sistêmicos. A partir disso, novas descobertas buscam determinar o grau de impacto dessas substâncias nos usuários, a fim de determinar os mecanismos de tratamento e de reversão dos quadros inférteis. OBJETIVOS: Investigar a relação entre a utilização de anabolizantes e a infertilidade masculina, destacando seus impactos nos parâmetros seminais e hormonais. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, obtida através de pesquisas no site do PubMed. Foi aplicado o filtro de texto completo, utilizou-se os descritores “Anabolic Agents” e “Infertility Male”, com o operador booleano “AND”. Sendo 34 artigos encontrados e 10 excluídos. RESULTADOS: A revisão indicou uma grande correlação entre o uso de esteroides anabolizantes e a infertilidade masculina, especialmente após um período refratário de pelo menos 3 anos após suspensão desses fármacos. Os principais efeitos colaterais são azoospermia, oligoespermia severa, redução do volume testicular e desequilíbrio hormonal (LH, FSH e testosterona). Estudo retrospectivo, com 45 homens que utilizaram anabolizantes por cerca de 4 anos, indicou que após o tratamento, apenas um terço dos pacientes teve recuperação parcial de sua espermatogênese, com 27,8% dos próprios permanecendo azoospermicos após 6 meses do uso de citrato de clomifeno e HCG. Estudos em humanos relataram uma correlação positiva entre o abuso de anabolizantes em atletas e um aumento de espermatozoides morfologicamente anormais. Estudos em animais mostraram a destruição das células de Leydig e a atrofia testicular em animais tratados com agentes anabolizantes. Estudo com 520 usuários de esteróide demonstrou-se que apenas 14 de 94 homens com infertilidade conseguiram obter uma gravidez de sucesso. Embora a qualidade do esperma se recupere na maioria dos casos dentro de quatro meses após a interrupção do uso de anabolizantes, as consequências negativas sobre a espermatogênese podem levar até três anos para desaparecer ou, em casos mais graves, serem irreversíveis. CONCLUSÃO: A revisão demonstrou uma forte associação entre o uso de esteroides anabolizantes e a infertilidade masculina, evidenciando impactos

significativos na espermatogênese e na função testicular, o qual resulta em comprometimento da produção endógena de testosterona. Embora algumas evidências sugiram recuperação parcial da fertilidade após suspensão e tratamento, a reversão completa nem sempre ocorre, especialmente em exposições prolongadas. Assim, destaca-se a necessidade de conscientizar sobre os riscos do uso indiscriminado de esteroides anabolizantes e promover mais estudos clínicos para aprimorar as abordagens terapêuticas.

PALAVRAS-CHAVE: Anabolizantes. Espermatogênese. Infertilidade Masculina. Testosterona.

RELAÇÃO ENTRE HERPESVÍRUS HUMANO TIPO 6 (HHV-6) E A ESCLEROSE MÚLTIPLA: MECANISMOS IMUNOLÓGICOS E EVIDÊNCIAS RECENTES

Júlia Garcia Soares, Alan Delon Martins de Aguiar, Pedro Henrique Rodrigues Guerra, Marcos Vinícius Milki

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/62

INTRODUÇÃO: A esclerose múltipla (EM) é uma doença inflamatória crônica do sistema nervoso central caracterizada por desmielinização e neurodegeneração progressiva. Fatores genéticos e ambientais influenciam sua patogênese, e infecções virais, como pelo herpesvírus humano tipo 6 (HHV-6), têm sido implicadas no desenvolvimento da doença. O HHV-6A, variante neurotrópica, pode induzir inflamação e lesão axonal por mimetismo molecular e reativação viral, contribuindo para o processo autoimune da EM. Evidências apontam para uma associação significativa entre a infecção pelo HHV-6 e a gravidade da doença, mas os mecanismos envolvidos ainda não são completamente compreendidos. OBJETIVOS: Investigar o papel do vírus herpes humano 6 (HHV-6) na patogênese da esclerose múltipla, analisando seus mecanismos de ativação imunológica, sua interação com células do sistema nervoso central e sua possível contribuição para o desenvolvimento e agravamento de respostas autoimunes. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão de literatura sistemática baseada em artigos do banco de dados PubMed. Foram utilizados os descritores (“Human Herpesvirus 6” OR “HHV-6”) AND (“Multiple Sclerosis” OR “MS”) AND (“Association” OR “Correlation” OR “Relationship”). Também foram aplicados os filtros free full text e publicações de 2021 a 2024. Após a triagem, 18 artigos foram identificados, dos quais 15 foram selecionados para análise. RESULTADOS: Os estudos destacaram a relação entre o herpesvírus humano tipo 6 (HHV-6), especialmente o subtipo HHV-6A, e a esclerose múltipla (EM). DNA e proteínas virais foram encontrados em lesões cerebrais, associando o vírus à desmielinização e inflamação no sistema nervoso central (SNC). Mecanismos como o mimetismo molecular, no qual o antígeno U24 do HHV-6 compartilha epítopos com a proteína básica da mielina (MBP), desencadeiam autoimunidade. A ativação de células T autorreativas, a supressão de Tregs e alterações funcionais em células NK e CD8+ T promovem a inflamação crônica. Coinfecções com EBV agravaram a EM. Além disso, altos níveis de citocinas inflamatórias (IL-1β, IL-6, TNF-α, IL-17A) foram associados a dano neuronal progressivo. A carga viral periférica foi detectada no líquor por PCR, sugerindo envolvimento tecidual restrito. CONCLUSÃO: A análise confirma que o HHV-6A desempenha um papel significativo na patogênese da EM, destacando-se como modulador de processos imunológicos e inflamatórios. O vírus agrava a inflamação crônica no SNC,

reforçado por alterações em células imunológicas, como Tregs e CD8+ T. Os achados mostram que o HHV-6 é central na progressão da doença e um alvo promissor para terapias futuras. Estratégias terapêuticas que controlem a reativação viral e as respostas citocínicas podem minimizar os danos neuroinflamatórios associados à EM, abrindo caminho para intervenções inovadoras, melhorando a qualidade de vida dos pacientes e contribuindo para avanços clínicos.

PALAVRAS-CHAVE: Degeneração neural. Esclerose múltipla. Herpesvirus humano tipo 6.

SEPTOPLASTIA PEDIÁTRICA: INDICAÇÕES, COMPLICAÇÕES E ASPECTOS ANATÔMICOS

Layane Barbosa Filemon Pinto, Helenna Lobo Mamede, Annelyse Vitória Souza Barbosa

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/63

INTRODUÇÃO: Até o século IX, a septoplastia era puramente reconstrutiva. No campo da cirurgia pediátrica, este procedimento pode se tornar necessário uma vez que os meatos apresentam-se menores, sem proeminência de ponta ou giba como nos adultos. Uma ação médica conservadora reduz o número de complicações, sendo a mais comum a epistaxe, através de uma intensa vascularização derivada das carótidas e pelo plexo de *Kiesselbach*, que faz a irrigação anteroinferior septal, sem associação significativa com edema facial e/ou infecções. OBJETIVOS: Explicitar sobre a septoplastia pediátrica, indicações e complicações relacionadas aos aspectos anatômicos. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de buscas na base de dados PubMed, utilizando-se dos operadores booleanos “AND” e “OR” e dos seguintes descritores: septoplastia e crianças, em inglês. Desta forma, foram selecionados 04 artigos, incluídos com base na pertinência ao tema e à gratuidade. RESULTADOS: A septoplastia pediátrica é indicada em casos específicos, visto que o desenvolvimento das cartilagens e ossificação nasal inicia aos 02 anos de idade, até os 16 ou 18 anos, logo uma alteração precoce invasiva pode acarretar falhas no desenvolvimento da pré-maxila e deformidades faciais, mas não há relatos a longo prazo. Nesse viés, algumas indicações incluem: neoplasias, abscesso septal, obstrução nasal significativa, lesões congênitas e fraturas extensas. Assim, há um impasse entre a realização da cirurgia, que, de acordo com estudos, a curto prazo, melhorou a saúde física, sendo que a sua não realização poderia resultar em anomalias faciais e/ou problemas dentários. Com isto, uma cirurgia com técnicas conservadoras que evitem a interrupção de estruturas-chave como as zonas esfenodorsal, esfenoespinal de cartilagem espessa não resultarão em problemas posteriores pois são centros de crescimento. Por fim, destaca-se a cirurgia endoscópica com ressecção limitada em que é indicada para corrigir o desvio septal na ausência de deformidade externa, garantindo melhor acesso ao meato médio. Esta abordagem, minimamente invasiva, expande as indicações da septoplastia pediátrica. CONCLUSÃO: A septoplastia seria mais segura após a puberdade mas é dependente da história do paciente, sendo que uma cirurgia conservadora ou pela utilização endoscópica diminui as chances de deformidades faciais e cirurgia revisional posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia plástica. Pediatria. Septo nasal.

SÍNDROME DE PICA COMO MANIFESTAÇÃO DE ANEMIA FERROPRIVA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE MECANISMOS DE AÇÃO, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS PARA SAÚDE

Lucas Borges Silva, Matheus Lemos de Resende, Gustavo Henrique dos Santos Santana, Rogerio Pacheco Rodrigues

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/64

INTRODUÇÃO: A Síndrome de PICA é um transtorno caracterizado pela ingestão persistente de substâncias não nutritivas, associada à anemia ferropriva. É mais comum em gestantes, crianças de baixa renda e mulheres em idade reprodutiva, manifestando-se por geofagia (consumo de terra) e pagofagia (consumo de gelo). Esses comportamentos podem causar complicações gastrointestinais e metabólicas. O tratamento é baseado na suplementação de ferro (Fe), e abordagens holísticas são essenciais para garantir a saúde dos afetados. OBJETIVOS: Analisar a relação entre a síndrome de PICA e a anemia ferropriva, com ênfase nos mecanismos de ação, causas subjacentes e consequências para a saúde. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática de literatura na base de dados PubMed, seguindo a diretriz *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) para garantir transparência e reprodutibilidade. Na triagem inicial, foram identificados 15 artigos, dos quais 9 foram pré-selecionados após análise de título/resumo, resultando na inclusão final de 5 estudos e exclusão total de 10. A estratégia de busca utilizou os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "*pica*" *AND* "*anemia, iron-deficiency*", combinados pelo operador booleano. Foram selecionadas publicações entre 2010 e 2025, em português ou inglês, que investigassem a relação entre síndrome de PICA e anemia ferropriva, abordando mecanismos, causas e impactos na saúde. Foram excluídos estudos que não tratassem dessa relação, além de cartas ao editor, relatos de caso ou pesquisas incompletas. RESULTADOS: A Síndrome de PICA está associada à anemia ferropriva, sendo mais prevalente em grupos de risco. A deficiência de Fe altera o paladar, olfato e metabolismo cerebral, induzindo hábitos alimentares atípicos. A pagofagia, por exemplo, pode melhorar o fluxo sanguíneo cerebral em anêmicos, otimizando funções neurocognitivas. Suas principais causas incluem ingestão insuficiente de Fe, má absorção por doenças como doença celíaca e cirurgia bariátrica, além de fatores psicológicos, como TDAH, TOC e esquizofrenia. A geofagia pode piorar a absorção de Fe e zinco, agravando a deficiência nutricional. As consequências incluem agravamento da anemia, intoxicação por metais pesados, complicações gastrointestinais, infecções parasitárias, danos dentários e riscos gestacionais. O manejo envolve suplementação de Fe e intervenções psicológicas,

sendo essencial a sua triagem para identificação precoce da anemia, prevenindo complicações**.** CONCLUSÃO: A revisão confirmou a forte associação entre a Síndrome de PICA e a anemia ferropriva, abordando fatores fisiopatológicos, socioeconômicos e psicológicos. Apesar das limitações metodológicas e do tempo necessário para obter estudos significativos, os objetivos foram alcançados. A triagem precoce e a suplementação de Fe são essenciais, mas intervenções multidisciplinares garantem um manejo eficaz, prevenindo complicações e melhorando a saúde dos afetados.

PALAVRAS-CHAVE: Anemia ferropriva. Deficiência de ferro. Pica.

TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

João Pedro Sodré Batista Calaça, Luiza Azzi Vaz de Campos, Arthur Sebba Rady Alberici

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/65

INTRODUÇÃO: A esquizofrenia é uma condição psiquiátrica crônica que afeta cognição, emoções e comportamento, impactando a qualidade de vida dos indivíduos. O tratamento tradicional com antipsicóticos controla sintomas como alucinações e delírios, mas tem limitações no manejo de sintomas negativos e disfunções cognitivas, que comprometem a funcionalidade e reintegração social dos pacientes. Nesse contexto, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) surge como uma ferramenta complementar à farmacoterapia. Além de reduzir sintomas resistentes, a TCC melhora a funcionalidade global dos pacientes. Estudos recentes mostram que a combinação de TCC e antipsicóticos traz benefícios como maior adesão ao tratamento, fortalecimento da reabilitação psicossocial e promoção do bem-estar dos indivíduos com esquizofrenia. OBJETIVO: Analisar a eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento da esquizofrenia quando combinada ao uso de antipsicóticos. METODOLOGIA: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura na base de dados PubMed com os descritores “Schizophrenia”, “Antipsychotic drugs” e “Cognitive Behavioral Therapy”. Foram aplicados os filtros: publicações dos últimos 5 anos, “Free full text” e faixa etária de maiores de 19 anos. Após critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 19 artigos relevantes. RESULTADOS: Os estudos indicaram que a associação entre TCC e antipsicóticos é eficaz na redução de sintomas da esquizofrenia, promovendo maior estabilidade clínica. Houve melhora na funcionalidade social e ocupacional dos pacientes, facilitando sua reintegração em atividades cotidianas. A TCC mostrou resultados positivos na adesão ao tratamento farmacológico, ajudando os pacientes a compreender melhor sua condição e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes. Essa abordagem melhorou a qualidade de vida, aumentando a satisfação com o tratamento e, em alguns casos, a autoestima e aceitação da doença, contribuindo para um bem-estar emocional mais consistente. Porém, os estudos apresentaram limitações, como pequenos tamanhos amostrais, ausência de grupos de controle randomizados e seguimento clínico de curta duração, o que reduziu a capacidade de generalizar os resultados. CONCLUSÃO: A combinação de TCC com antipsicóticos é uma abordagem promissora para o manejo da esquizofrenia, ampliando o impacto do tratamento farmacológico e melhorando a funcionalidade social, ocupacional e emocional dos pacientes. A TCC ajuda no controle

dos sintomas, fortalece a adesão ao tratamento e promove uma melhor qualidade de vida. No entanto, as limitações metodológicas apontam a necessidade de estudos futuros com desenhos mais robustos e amostras mais representativas. Investigações de longo prazo, com grupos de controle randomizados e maior padronização na aplicação da TCC, são essenciais para consolidar as evidências e permitir intervenções mais consistentes.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizofrenia. Terapia cognitivo-comportamental. Tratamento.

USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ABORDAGEM NA DETECÇÃO PRECOCE DE RETINOPATIA DIABÉTICA E GLAUCOMA

Isadora Moulin Lima Rezende de Castro, Camila Campos de Oliveira, Sofia Reis de Oliveira Crispim, Marcos Vinícius Milki

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/66

INTRODUÇÃO: A retinopatia diabética (RD) e o glaucoma, são uma das principais causas de cegueira irreversível no mundo, sendo a detecção precoce fundamental na prevenção da perda visual. Diante disso, uma das formas de rastreamento populacional de baixo custo é através de sistemas de inteligência artificial (IA), uma vez que podem analisar imagens de retina com alta precisão e identificar sinais precoces da doença de forma remota. OBJETIVOS: Avaliar o papel da inteligência artificial (IA) na detecção precoce de condições oftalmológicas complexas, como glaucoma e retinopatia diabética (RD). METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão de literatura sistemática embasada em artigos da plataforma Pubmed a partir da utilização dos descritores "*artificial intelligence*", "*early detection*", "*glaucoma*" e "*diabetic retinopathy*", com o operador booleano "*AND*" e os filtros "*last five years*" e "*free full text*", resultando em 19 artigos, dentre os quais 17 foram selecionados a 2 foram excluídos por não se adequarem ao tema.. RESULTADOS: O *Retinal Artificial Intelligence Diagnosis System (RAIDS)*, um sistema avançado de IA treinado com mais de 120 mil imagens, demonstrou precisão de 98% na detecção de RD e glaucoma. Ademais, estudos recentes mostram que sistemas como SELENA+ e IDx-DR já são utilizados para triagem oftalmológica, alcançando até 95,5% de sensibilidade e 85% de especificidade para detecção de RD, mesmo sem necessidade de midríase, e até 79,37% de sensibilidade e 99,45% de especificidade na identificação do glaucoma. A concordância com especialistas chega a 91% para RD e 85% para glaucoma. CONCLUSÃO: A IA vêm se destacando como uma ferramenta promissora na detecção precoce da retinopatia diabética e do glaucoma, alcançando índices de sensibilidade e especificidade comparáveis aos de especialistas. Sua aplicação possibilita diagnósticos ágeis, precisos e acessíveis, mesmo sem a necessidade de midríase, além de auxiliar no acompanhamento da progressão das doenças. Em áreas com recursos limitados, a IA pode ampliar o acesso aos cuidados oftalmológicos e reduzir o risco de perda visual. Embora ainda existam desafios relacionados à padronização de dados e regulamentação, essa tecnologia representa um avanço significativo na prevenção da cegueira evitável.

PALAVRAS-CHAVE: Glaucoma. Inteligência Artificial. Rastreamento. Retinopatia Diabética.

USO DE ÁCIDO BEMPEDOICO NO MANEJO DE HIPERCOLESTEROLEMIA

Pedro Henrique Rodrigues Guerra, Júlia Grossi Sampaio Rosa, Júlia Garcia Soares, Marcos Vinícius Milki

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/67

INTRODUÇÃO: A hipercolesterolemia é um dos principais fatores para doenças cardiovasculares ateroscleróticas (ASCVD). Embora as estatinas sejam amplamente utilizadas como terapia de primeira linha, muitos pacientes não atingem as metas de LDL-C ou apresentam intolerância ao tratamento, mantendo um risco cardiovascular elevado. O ácido bempedoico surge como uma alternativa terapêutica promissora, especialmente em casos de intolerância às estatinas e em pacientes de alto risco. OBJETIVOS: Avaliar a eficácia e segurança do ácido bempedoico como alternativa terapêutica no manejo da hipercolesterolemia. MÉTODOS: Trata-se de uma revisão de literatura sistemática baseada em artigos do banco de dados PubMed. Foram utilizados os descritores “8-hydroxy-2,2,14,14-tetramethylpentadecanedioic acid” [Supplementary Concept], “Cholesterol”[Mesh] e “Therapeutics”[Mesh], com o operador booleano AND e aplicados filtros de publicações dos últimos cinco anos. Após a triagem, 18 artigos foram identificados, dos quais 13 foram selecionados para análise. RESULTADOS: Estudos demonstraram que o ácido bempedoico (BA) reduz significativamente o LDL-C, especialmente em pacientes com doença cardiovascular aterosclerótica (DCVAS), hipercolesterolemia familiar heterozigótica (HFHe) e intolerância a estatinas. O BA inibe a ATP citrato-liase no fígado, aumentando a captação de LDL e reduzindo seus níveis. Ensaios clínicos apontaram reduções médias de LDL-C de 16% a 23% em comparação ao placebo, e até 62% em combinação com ezetimiba ou inibidores de PCSK9. Subgrupos como mulheres e pacientes com diabetes apresentaram maior benefício. Seu perfil de segurança foi favorável, com poucos eventos adversos e menor risco de diabetes comparado às estatinas. Diretrizes recentes recomendam seu uso isolado ou combinado em pacientes de alto risco. CONCLUSÃO: O ácido bempedoico é uma alternativa promissora para o manejo da dislipidemia, particularmente em pacientes intolerantes a estatinas, com hipercolesterolemia familiar heterozigótica e risco cardiovascular elevado. Sua ação hepato-seletiva proporciona reduções significativas e sustentadas nos níveis de LDL-C, com perfil de segurança favorável. Estudos adicionais são necessários para avaliar seu impacto a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Ácido Bepantoico. Dislipidemia. Hipercolesterolemia.

USO DE CIGARRO ELETRÔNICO E DESENVOLVIMENTO DE ASMA EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Vitor Pinheiro Nunes, João Paulo Barbosa Damasceno, Otaviano Ottoni da Silva Netto

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/68

INTRODUÇÃO: Os cigarros eletrônicos (e-cigs) são dispositivos vistos como alternativa ao uso dos tradicionais: vendidos enquanto "produtos hígidos livres de nicotina", utilizam de artifícios como essências de múltiplos sabores para atrair a atenção principalmente de adolescentes e adultos jovens. Todavia, a realidade é que os e-cigs carecem internacionalmente de regulamentação quanto a seus constituintes, fato comumente atrelado ao desenvolvimento de doenças pulmonares, com destaque para a asma. OBJETIVOS: Objetiva-se entender os possíveis fatores fisiopatológicos e epidemiológicos que possam relacionar o uso de e-cigs por adolescentes e adultos jovens com a asma. METODOLOGIA: Trata-se de uma revisão sistemática baseada no PRISMA. Foram utilizadas as bases de dados Pubmed e Google Scholar. Para a seleção dos estudos foram inseridos os descritores asthma, e-cigarette, young adult e teenager, na língua inglesa. Analisou-se somente os estudos nos quais a idade dos participantes era entre 13 e 35 anos e foram excluídos estudos que não tratavam diretamente da relação entre asma e e-cigs. RESULTADOS: Cerca de 20% das vendas de e-cigs na Coreia do Sul vêm de usuários jovens, nos EUA somente 3,2% dos adultos dos EUA os utilizam. Várias evidências demonstraram que o aerossol desses produtos pode afetar negativamente a fisiologia celular e orgânica dos pulmões, bem como a função imunológica, acentuando a inflamação associada à asma. Além disso, os e-cigs geram toxicantes respiratórios e seus agentes de sabor são semelhantes a irritantes das vias aéreas. O uso de cigarros eletrônicos e a asma podem estar associados a tentativa de alívio emocional, pois o seu uso foi maior entre jovens adultos com asma atual (9,90%) e asma passada (13,09%) em comparação com aqueles sem asma (9,58%) e ao mesmo tempo indivíduos com asma relataram pior saúde mental do que aqueles sem asma. Isso é visto na Flórida, onde adolescentes com asma tiveram maior chance de uso atual e experimental de e-cigs em comparação com aqueles sem asma. Além disso, entre estudantes de ensino médio nos EUA o uso de e-cigs aumentou o risco de asma em 30%. O uso concomitante desses e cigarros tradicionais aumentou o risco em 24% e o uso desses aliados a obesidade elevou o risco em 48%. Porém, apesar das associações entre cigarros eletrônicos e asma, é válido considerar a possível influência de tabagismo anterior ou mesmo passivo. Deve-se ter em mente, porém, que os efeitos dos e-cigs e cigarros tradicionais não têm interação significativa e atuam independentemente. CONCLUSÃO:

Assim, conclui-se que o uso de cigarros eletrônicos por adultos jovens e adolescentes, sobretudo portadores de asma, carrega malefícios diversos: apesar do apelo estético pró-higidez, tais aparelhos demonstram prejuízo enorme à saúde, contribuindo para a asma ou sendo uma rota de escape para esta. A situação exige uma abordagem clínico-política minuciosa, a fim de mitigar a influência desse male na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes. Adultos jovens. Asma. Cigarro eletrônico.

VARIÁVEIS SOCIAIS NA ASSOCIAÇÃO ENTRE O HÁBITO DE FUMAR E O CONSUMO DE CAFÉ: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Paula Maciel Bomtempo, Iasmim Gonçalves Almeida, Natália Amanda Borges de Souza, Vinícius Gonçalves Almeida

RESUMO

DOI: 10.47094/CESMED.2025/69

INTRODUÇÃO: O tabagismo é um grave problema de saúde pública, responsável por milhões de mortes anuais. Pesquisas têm abordado fatores que contribuem para o uso do tabaco, destacando o hábito de fumar e o consumo de café como comportamentos frequentemente associados. Evidências sugerem que a cafeína pode potencializar os efeitos da nicotina no sistema nervoso central, enquanto hábitos adquiridos ao longo do tempo reforçam a concomitância desses comportamentos. OBJETIVO: Investigar os fatores sociais que contribuem para a associação entre o hábito de fumar e o consumo de café. MÉTODOS: Realizou-se uma revisão sistemática de literatura, com pesquisa de artigos científicos na plataforma Pubmed, utilizando-se os descritores: “Coffee” AND “Tobacco” AND “Social factors” de 2015 a 2025. A princípio, foram encontrados 19 estudos em inglês. Destes, oito foram descartados por abordarem o uso individual de tabaco ou café, enquanto dois estudos estavam indisponíveis. Portanto, apenas nove artigos foram incluídos nesta revisão. RESULTADOS: Os jovens foram identificados como um grupo particularmente vulnerável à associação entre o hábito de fumar e o consumo de café, uma vez que a pressão social e a busca por pertencimento amplificam o risco de adoção desses hábitos. Outro fator significativo observado foi a presença de cafeterias como espaços de socialização e lazer, que estão frequentemente associados ao consumo de tabaco. A combinação dessas duas práticas cria uma ligação psicológica, em que o café passa a ser percebido como um gatilho para o desejo de fumar, reforçando o ciclo do tabagismo ao longo dos anos. O sedentarismo e a alimentação pouco saudável foram observados como mais comuns entre aqueles que mantêm esses dois hábitos. Ademais, em situações de estresse, muitas pessoas recorrem ao café e ao cigarro simultaneamente, como uma maneira de aumentar a concentração e reduzir a tensão. Estudos reforçam que associado a esses fatores, existem também influências genéticas que relacionam o uso de tabaco e café: o gene CYP1A2, responsável pela codificação de uma enzima chave no metabolismo da cafeína. Essa diferença na metabolização pode afetar a quantidade de cafeína consumida, uma vez que metabolizadores rápidos podem necessitar de uma ingestão maior para obter os mesmos efeitos estimulantes. CONCLUSÃO: Os achados revelam que a associação entre o tabagismo e o uso de café resulta de uma interação entre diversas condições. No âmbito

social, essa prática está enraizada em um comportamento de socialização e bem-estar, o que facilita a adoção de hábitos nocivos à saúde. Além disso, comportamentos prejudiciais à saúde, como a inatividade física e a dieta inadequada, associadas a tendências genéticas reforçam a necessidade de uma abordagem integrada no combate ao tabagismo. Logo, ao invés de tratar o tabagismo e o consumo de café como problemas isolados, é crucial abordar esses hábitos dentro de um contexto mais amplo de saúde e bem-estar.

PALAVRAS-CHAVES: Café. Fatores Sociais. Uso de Tabaco.

contato@editoraomnisscientia.com.br
https://editoraomnisscientia.com.br/
@editora_omnis_scientia
https://www.facebook.com/omnis.scientia.9
+55 87 99914-6495

EDITORA
OMNIS SCIENTIA

contato@editoraomnisscientia.com.br
https://editoraomnisscientia.com.br/
@editora_omnis_scientia
https://www.facebook.com/omnis.scientia.9
+55 87 99914-6495